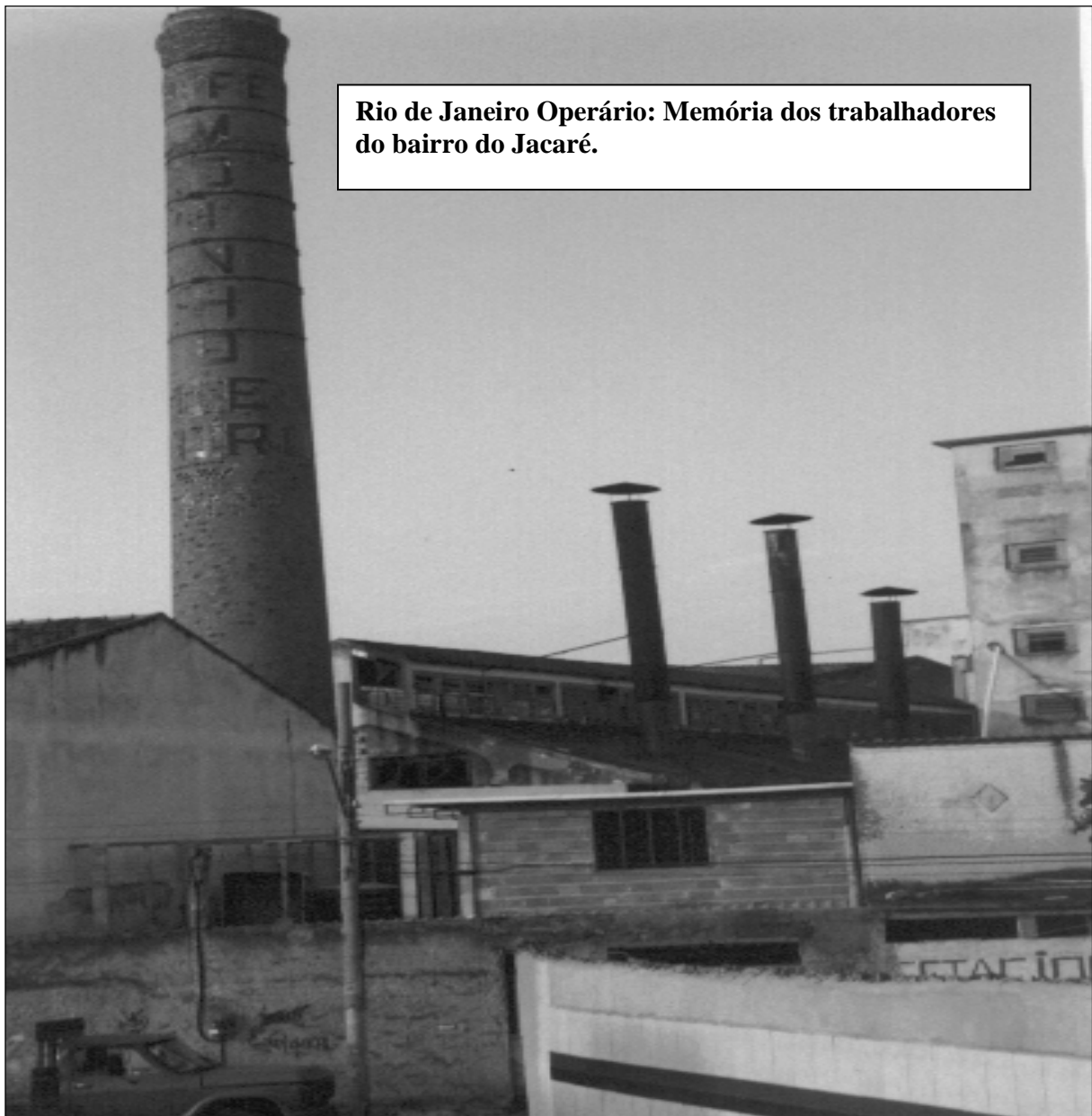


Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas - CCH
Programa de Pós-graduação em Memória Social – PPMS
Dissertação de Mestrado
Linha de Pesquisa: Memória e Espaço
Orientador: Marco Aurélio Santana

Cristiane Muniz Thiago



Rio de Janeiro Operário: Memória dos trabalhadores do bairro do Jacaré.

Rio de Janeiro
2007

Cristiane Muniz Thiago

Rio de Janeiro operário: memória dos trabalhadores do bairro do Jacaré

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Rio de Janeiro
2007

Cristiane Muniz Thiago

Rio de Janeiro operário: memória dos trabalhadores do bairro do Jacaré

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marco Aurélio Santana (Orientador) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof^a Dr^a. Icléia Thiesen - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. José Ricardo Ramalho – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rio de Janeiro
2007

THIAGO, Cristiane Muniz.

Rio de Janeiro Operário: memória dos trabalhadores do bairro do Jacaré

PPGMS/CCH/UNIRIO, 2007.

Agradecimentos

Os resultados desse trabalho dependeram da colaboração, do incentivo e da amizade das inúmeras pessoas que fazem parte dessa trajetória. A todos vocês eu devo meu reconhecimento.

Aos meus pais pelo apoio e incentivo para que eu realizasse mais essa empreitada na vida acadêmica. À minha mãe por ter participado de várias etapas desse projeto, fazendo suas considerações sobre os caminhos que minha pesquisa seguia.

Ao Marco Aurélio, orientador preciso e eficiente, um incentivador indispensável na minha trajetória. Seu profissionalismo será sempre um parâmetro a me orientar.

À Icléia pela contribuição fundamental nos rumos desse trabalho. E pelo agradável convívio no ambiente da linha Memória e Espaço, que já me deixa saudades.

Ao professor José Ricardo Ramalho, pelas considerações preciosas e indicações fundamentais durante a banca de qualificação.

Ao Sérgio pela alegria e ao mesmo tempo angústia de dividir tão de perto o fascínio por nossa profissão. Por ter sido um grande interlocutor nas questões referentes ao mundo do trabalho, mas, sobretudo, por fazer parte de uma história que vai muito além dos limites de nossas considerações teóricas.

A todos os amigos do PPGMS e da linha Memória e Espaço pelos longos debates e pelos momentos de descontração que nos fizeram recuperar forças para prosseguir. Ao amigo Alex pelas frutíferas trocas que fizemos nas discussões sobre nossos objetos.

Aos Netsinianos, a diversidade que continua a marcar nosso grupo me fez aprender muito sobre aos diversos “mundos do trabalho”.

A todos que cederam horas de suas vidas para me presentear com suas histórias. Esse trabalho não teria sido possível sem a contribuição desses homens e mulheres.

E finalmente, à CAPES pelo apoio financeiro que contribuiu para a realização desse trabalho.

Resumo

A presente dissertação tem como tema a memória dos ex-trabalhadores do complexo industrial do bairro do Jacaré, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Entre os anos 1960 e 1990 esta região foi caracterizada pela forte presença dos trabalhadores. A maior parte da mão-de-obra empregada no complexo industrial residia no bairro, na Favela do Jacarezinho. O objetivo deste trabalho é, através da memória, analisar a história desse grupo de trabalhadores, sua atuação no movimento operário e a importância da esfera comunitária para a formação da identidade de classe. Aspectos do desenvolvimento urbano, do lazer e da religião também serão abordados, além do processo de migração que impulsiona a formação do Jacarezinho.

Abstract

The subject of this dissertation is the collective memory of former-workers of the industrial district of “Jacaré”, northern area of Rio de Janeiro city. From the 1960s to the 1990s this area was known for the strong presence of the workers. Most of the workforce employed by the factories lived in the “Jacarezinho” slum. The purpose of this work is, through social memory, to analyze the history of these workers, their performance in the working-class movement and the importance of the communitarian sphere for the building of the class identity. Aspects such as urban development, leisure, religion and formation of the “Jacarezinho” slum will also be taken into account.

Sumário

Introdução	9
Referencial teórico metodológico	16
1.1 - Questões sobre o estudo da memória	16
1.2 - Discussão historiográfica.....	26
1.3 - Metodologia da História Oral	28
1.4 - Perfil dos entrevistados.....	33
Histórias e memórias de um bairro operário	37
2.1 - Histórico do bairro	37
2.2 - Primeiras indústrias: marcos da memória operária.....	40
2.3 - Migração e expansão do bairro.....	47
2.4 - Memórias de um bairro: um nome em questão	51
2.5 - Formação e declínio de um complexo industrial.....	55
Memória operária e relações de poder: os espaços de um operário	64
3.1 - O Nascimento das Fábricas	65
3.2 – Fábrica e bairro: espaços interligados.....	68
3.3 - Os primeiros anos de trabalho	73
3.4 - Do samba a voz e a memória: passado repleto de glória.....	80
Militância e militantes: as várias facetas de um bairro operário	86
4.1 - Jacarezinho com a bênção do pai	91
4.2 - A esquerda sobe o morro	99
4.3 - “Vou botar pra andar”: anos 1980 e a nova configuração política.....	108
4.4 - O vôo da águia: o caso dos trabalhadores da fábrica de parafusos.....	112
Considerações Finais	121
Bibliografia	124
Anexos	130
I - Roteiro de entrevistas	130
II - Mapa do Jacaré e do Jacarezinho.....	131
III - Fotos	132

Introdução

A presente dissertação tem como tema a memória dos ex-trabalhadores do complexo industrial do bairro do Jacaré, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Entre os anos 1960 e 1990 esta região foi caracterizada pela forte presença dos trabalhadores. A maior parte da mão-de-obra empregada no complexo industrial residia no bairro, na Favela do Jacarezinho.¹ O objetivo deste trabalho é, através da memória, analisar a história desse grupo de trabalhadores, sua atuação no movimento operário e a importância da esfera comunitária para a formação da identidade de classe. Aspectos do desenvolvimento urbano, do lazer e da religião também serão abordados, além do processo de migração que impulsiona a formação do Jacarezinho.

Na década de 1960, o bairro do Jacaré abrigou o segundo maior parque industrial do Rio de Janeiro. O complexo industrial do Jacaré ocupava cerca de 15 ruas do bairro e tinha uma enorme diversidade na sua produção. Era possível encontrarmos ali indústrias de sapatos e bolsas, de materiais farmacêuticos, de vidros, de roupas, metalúrgicas, gráficas, fábricas de beneficiamento de café etc.² Nas ruas do complexo, e na principal artéria do bairro (rua Nilo Teixeira), diversas cantinas serviam aos trabalhadores das fábricas, e uma rede de comércio era alimentada pela economia gerada na produção industrial.

Para entender a memória desses operários, assim como os processos ocorridos no bairro do Jacaré, a crescente industrialização a partir da década de 1960 e o fim das atividades de boa parte das indústrias da região nos anos 90, torna-se imprescindível considerarmos a Favela Jacarezinho que, de acordo com dados do IBGE de 2000, possui cerca de 36.459 moradores, enquanto o bairro do Jacaré possui por volta de 7.392

¹ Nas entrevistas, os moradores do Jacarezinho denominam o espaço de diferentes maneiras. Muitos usam a expressão “favela”, outros “comunidade carente” ou simplesmente “comunidade”. De acordo com a posição política e a geração de cada entrevistado as expressões ganham uma conotação diferente. Falar em “favela” pode representar um instrumento político importante para as gerações mais antigas. A história do Jacarezinho como precursora do movimento associativo das favelas no Rio de Janeiro enriquece o termo. No entanto, para outra parcela dos entrevistados, em geral os mais novos, a expressão é pejorativa e o uso do termo “comunidade” é feito como forma de afirmar uma identidade mais valorizada perante a sociedade. A opção por usar a palavra favela faz parte de uma reflexão acerca do eufemismo da expressão comunidade, mas, sobretudo porque marca a história política do Jacarezinho nos anos 60, 70 e 80.

² Como exemplo de indústrias que tiveram suas filiais no bairro podemos citar: Fábrica de Parafusos Águia, Company, Glaxo Welcome, Café Moinho de Ouro, Babetec Confeções. Entre as principais indústrias ainda funcionando no bairro temos a Cisper e a General Electric (GE).

moradores. Além disso, a maior parte da mão-de-obra do complexo industrial do Jacaré é moradora do Jacarezinho. Essas pessoas ocuparam aquele espaço a partir de um processo de migração, em grande parte migrantes nordestinos. A criação do bairro do Jacarezinho em 1992 não fez com que o local deixasse de ser identificado como uma favela que faz parte do Jacaré.

Partimos do pressuposto que existia uma forte relação entre o movimento comunitário e o movimento operário,³ sendo o espaço do bairro (Jacaré e Jacarezinho) um dos destaques na memória desse grupo de operários. Refletir sobre o espaço é, portanto, fundamental para uma melhor análise da história desses trabalhadores, valorizando os contextos em que os movimentos operários delinham suas histórias.

A presença no bairro de diversos movimentos políticos e da forte articulação operária fez com que alguns sindicatos tivessem uma atuação marcante área, entre eles podemos citar o Sindicato dos Metalúrgicos do Município do Rio de Janeiro, sindicato de longa tradição no cenário político da cidade; o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Município do Rio de Janeiro⁴, mais conhecido com Sindicato dos Gráficos, um dos mais antigos sindicatos da história do país. Outra instituição com grande representatividade na região foi o Sindicato dos Trabalhadores das Empresas de Fabricação, Beneficiamento e Transformação de Vidro, Cristal, Espelho, Fibra e Lã de Vidro, Cerâmica de Louça, Cerâmica de Barro, Porcelana e Ótica do Rio de Janeiro, usualmente chamado de Sindicato dos Vidreiros⁵. Interessamos saber de que maneira os filiados destes três sindicatos que trabalhavam e ou moravam no Jacaré e Jacarezinho se inseriam no movimento operário e comunitário do bairro. O que a análise dos resultados da pesquisa indicou é que no caso dos trabalhadores que não moravam naquela área o imaginário sobre a região se constituía de forma bem diversa daqueles que além de trabalhar ali moravam e tinham quase que todos os seus espaços de sociabilidade no bairro.

³ Nas primeiras entrevistas a articulação entre movimento operário e movimento comunitário é mencionada com destaque. Ver Thiago, Cristiane Muniz. *Memória e Trabalho no bairro do Jacaré - RJ*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2004. (Monografia)

⁴ Sobre os trabalhadores gráficos do Rio de Janeiro ver: (Barbosa, 1991) e (Vitorino, 2000).

⁵ Ver mapa do Jacaré e do Jacarezinho com a localização dos três sindicatos (Anexo II).

Na década de 1990, várias indústrias do complexo industrial são fechadas ou têm suas atividades reduzidas e cerca de 40 mil trabalhadores perderam seus empregos nas fábricas do bairro. A partir da experiência do desemprego, os trabalhadores vão construir novas formas de mobilização e alternativas de emprego. Portanto, o tema do trabalho versa sobre a memória de ex-trabalhadores de um bairro que já foi representativo da produção industrial do país, mas que a partir da referida década não atende mais a esse perfil.

Para definirmos os objetivos desta pesquisa é importante apontar uma preocupação crescente com a memória do trabalho no Brasil. Contudo, ainda existem lacunas na literatura sobre o tema que poderão ser preenchidas a partir de um trabalho dedicado à análise da memória dos trabalhadores. Nesse sentido, analisaremos as repercussões dos primeiros anos de trabalho desses operários, a formação de uma organização operária e a influência da proximidade da fábrica com a moradia. A partir do início da década de 1960 temos o cenário das primeiras memórias de um bairro industrial e de uma favela em ascensão. A memória dos operários do Jacaré também está fortemente marcada pelas mudanças da década de 1990. A partir de seus depoimentos temos uma perspectiva bem particular desses fenômenos e podemos perceber de que maneira as memórias desses homens e mulheres reconstroem esse período.

Num plano mais específico torna-se relevante o estudo do movimento comunitário no bairro, pois este está diretamente vinculado à participação dos operários em partidos e grupos políticos e nos sindicatos, logo, estando presente na memória operária, tema principal da pesquisa. A participação desses operários em movimentos políticos, nos partidos e nos sindicatos nos primeiros anos no bairro é um dos pontos mais destacados em suas memórias.

Podemos supor que por conta da grande atividade industrial no local uma série de movimentos políticos estiveram em disputa pelo espaço. Tentaremos, portanto, mapear os grupos políticos que atuavam no bairro e as disputas que eles travaram por suas áreas de influência. Esses grupos estavam de alguma forma no cenário político do Rio de Janeiro. No caso das disputas entre autênticos e chaguistas no Movimento Democrático Brasileiro

(MDB), o Jacarezinho vai nos dar uma dimensão local de uma disputa que ocorria no nível estadual ou mesmo nacional.

É importante que a análise da memória esteja sempre em confluência com os acontecimentos que marcaram o período e que estão presentes na historiografia sobre o movimento operário no Brasil. Neste sentido, o trabalho pretende estudar os acontecimentos que marcaram o mundo do trabalho nas primeiras décadas da segunda metade do século XX e seus desdobramentos dentro do bairro do Jacaré. Por isso, apesar de a bibliografia sobre o bairro no que tange à questão operária ser inexistente, é possível fazer referência a uma historiografia mais geral.

Na perspectiva deste estudo, pretendemos analisar de que maneira se deu a interação entre movimento operário e movimento comunitário no espaço do bairro. Não podemos deixar de problematizar quem eram esses operários, de que maneira esse grupo se constituiu e quais as diferenças entre as diversas categorias profissionais que construíram a paisagem do bairro. Podemos considerar o Jacarezinho como um conjunto de vilas operárias⁶ ou uma grande vila operária por ter como peculiaridade reunir um grande número de operários em torno das fábricas. Essa característica vai determinar uma maneira particular de articulação desse grupo em relação à mobilização política, ao trabalho, ao lazer e ao espaço do próprio bairro.

Quais alternativas os operários buscaram como forma de trabalho após o fechamento da maioria das fábricas na década de 1990? O que fizeram os alfaiates, as costureiras, os metalúrgicos, os vidreiros? Pretendemos, ainda, identificar e analisar a um grupo de trabalhadores metalúrgicos, ex-funcionários da Fábrica de Parafusos Águia, que buscou através da formação de uma cooperativa uma nova inserção no mercado de trabalho. A partir desse caso podemos identificar algumas das as repercussões dos anos 90 para o bairro do Jacaré.

A relevância do trabalho está em analisar as formas pelas quais se constrói a memória de ex-trabalhadores, que contribuíram para o desenvolvimento industrial do

⁶ No Jacaré as indústrias não chegaram a construir casas para seus funcionários, não tendo poder de coerção, por exemplo, com a cobrança de aluguel. No entanto, algumas das empresas do bairro extrapolavam seu controle sobre o operário para a esfera privada, por isso estamos usando a analogia com um espaço constituído por vila-operária.

Brasil da década de 1960. Não menos importante é o trabalho de elucidar a história de um bairro que já foi referência da produção industrial do Rio de Janeiro, e que hoje é visto como um local em plena decadência tendo atraído para si uma série de estigmas.

Ao tratar do operário não apenas como ator dentro das fábricas e dos sindicatos, mas também de suas articulações como o bairro, o trabalho contribui para a ampliação do conhecimento da história dos trabalhadores em uma perspectiva pouco explorada pela literatura sobre o tema.

Ao privilegiar como fonte as entrevistas feitas com os trabalhadores, a pesquisa pretende elucidar a relevância de se construir uma história do movimento operário a partir da memória de seus atores principais, ou seja, os próprios operários. Além disso, o trabalho será uma contribuição da memória para o estudo das mudanças agudas e recentes no mundo do trabalho, vindo a contribuir com a literatura sobre o bairro e o complexo industrial, que é extremamente escassa.

O interesse de estudar essa região surgiu em 2001 quando conheci o cenário que tento descrever nas próximas páginas. A grande quantidade de fábricas fechadas me surpreendeu. A chaminé da fábrica Café Moinho de Ouro, camuflada atrás de algumas casas e prédios, passou a fazer parte do meu trajeto diário. Cheguei a me perguntar se a fábrica estaria funcionando, mas, dada a ausência do cheiro de café e chocolate, a resposta era evidente.

Dois outros “monumentos” passaram a fazer parte do meu trajeto quase que diário. Saindo do Jacaré por São Cristóvão, passamos pela sede do Sindicato dos Metalúrgicos, o Palácio dos Metalúrgicos. Vindo do Maracanã em direção ao Jacaré, outro prédio despertava meu interesse, a sede do Sindicato dos Gráficos. Um casarão antigo, mas bem conservado, localizado em Triagem. Aos poucos comecei a circular mais pelo bairro, até que me deparei com mais uma sede de associação dos trabalhadores, o Sindicato dos Vidreiros, localizado no próprio Jacaré. Fazer a relação entre a proximidade destes sindicatos e a importância operária do bairro só me foi permitido muito tempo depois que esses prédios passaram-me pela primeira vez no olhar.

No terceiro período de graduação, uma disciplina me colocaria pela primeira vez em contato com o tema memória, o que me possibilitou levantar novas questões sobre

aquele espaço que tanto me chamava a atenção. A curiosidade ganhou algum rigor acadêmico ao me deparar com a realização de um trabalho sobre o bairro do Jacaré. Com a orientação precisa da Professora Icléia Thiesen, foi possível aprender a definir um objeto de pesquisa. Desse trabalho e de um novo começo de orientação, já com o Professor Marco Aurélio Santana, minha monografia contemplou a memória dos trabalhadores do bairro do Jacaré.

Para termos uma noção desse cenário, basta um “passeio” pelas ruas do bairro. Fábricas desativadas e transformadas em moradia ou a persistência de alguma “vida” nas poucas indústrias funcionando. O próprio Jacarezinho, com seus becos apertados e a imensidão de seu comércio no Largo dos Tubas, também constitui parte deste excelente exercício de trabalho de campo. No entanto, entendemos os limites de tal atividade para os “estrangeiros” nesse espaço. Para estes, uma viagem na linha dois do Metrô Rio, percorrendo as estações de Del Castilho, Maria da Graça e Triagem, quando o metrô é de superfície, apresentará uma surpreendente visão da área ocupada pelo Jacaré e pelo Jacarezinho. Ao tentar descrever esse espaço não consigo atingir todas as suas dimensões, significados e representações. Para auxiliar a compreensão desse “mundo”, fica o convite a uma viagem pela linha dois do Metrô Rio.

O que pretendo apresentar aqui é uma nova etapa desse trabalho, com objetivos mais definidos, novas questões levantadas e um trabalho de campo que me permitiu conhecer melhor esse mundo, dos prédios dos sindicatos citados ao próprio Jacarezinho, onde muitas das entrevistas foram realizadas.

O texto foi organizado a partir de quatro capítulos. No primeiro capítulo, realizamos a análise bibliográfica e a discussão da metodologia adotada na pesquisa. O referencial teórico que norteou as questões levantadas ao longo do trabalho também é discutido, além disso traçamos o perfil dos entrevistados.

No segundo capítulo, faremos um histórico do bairro e analisaremos os marcos da memória da constituição desse espaço operário. Pretendemos mapear nomes e lugares que fazem parte dessa história reconstruída na memória desses homens e mulheres. O espaço do bairro e das fábricas é trabalhado neste capítulo como principal referencial para a orientação das memórias dessas pessoas.

No terceiro capítulo, analisaremos de que maneira a presença das fábricas vai determinar um novo ritmo à região e aos seus moradores e de que forma as relações de poder estão presentes na fábrica e na vivência do trabalho operário. Nessa perspectiva, é importante avaliar de que forma a proximidade com o espaço de moradia faz com que a disciplina da fábrica atinja o cotidiano dos moradores nos seus espaços de sociabilidade no bairro e de que modo os trabalhadores constroem formas de contrapor essa hierarquia vinda da fábrica e que atinge seu cotidiano. Alisaremos também as formas de lazer presentes no bairro, que em grande medida não são influenciadas pelo ritmo de trabalho.

No quarto capítulo, problematizamos as formas de mobilização desse atores na militância operária e na ação comunitária. Mapeamos os grupos políticos que estavam presentes no Jacarezinho nos anos 1960, 70 e 80 e sua articulação na luta comunitária. Também refletimos sobre o papel dos principais personagens que se destacaram nesse cenário. A memória sobre a mobilização comunitária aponta para um dos principais parâmetros que definem uma identidade compartilhada entre os moradores do Jacarezinho, sejam eles operários, donas-de-casa ou profissionais liberais.

Capítulo I

Referencial teórico metodológico

[...] o método utilizado é também uma tomada de posição a respeito do objeto do esforço de produção do conhecimento. Ou seja, a explicação de um método traz em seu bojo uma concepção a respeito de como construir o objeto a ser estudado. (Chalhoub, 2003:18)

1.1 - Questões sobre o estudo da memória

Dentre os autores que trabalham a memória em sua perspectiva coletiva e social temos Maurice Halbwachs e Michael Pollak. Esses autores constituem um campo determinado do saber abordando, a partir de preocupações próprias, o tema da memória. Tentaremos compreender a percepção desses autores sobre o tema e a importância da inauguração do conceito de memória coletiva, proposto por Halbwachs (1990), para as ciências humanas.

Maurice Halbwachs trabalha o conceito de memória coletiva em sua relação com a memória individual, a história, o tempo e o espaço. Para a perspectiva desse trabalho, interessa, sobretudo, a relação entre memória coletiva e memória individual e a relação entre memória coletiva e espaço. Ao destacar a importância de memória coletiva Halbwachs, não retira a importância da memória individual. Trabalhar com a associação das duas significa, portanto, considerar em sua análise que a memória é formada por conjunto de eventos que faz parte da vida coletiva e por eventos que, embora façam parte da vida individual, não deixam de estar relacionados com coletivo.

A partir da associação entre memória coletiva e espaço podemos ampliar a discussão feita por Halbwachs e problematizar a relação entre memória coletiva, espaço e identidade social. Partindo do pressuposto que a memória é um dos determinantes da constituição da identidade, torna-se relevante fazermos essa relação. A discussão das implicações da memória na identidade social é feita por Pollak (1992a). O autor vai nos auxiliar, ainda, na discussão dos silêncios e dos esquecimentos, mecanismos constituintes da memória, logo, fazendo parte da constituição da identidade (Pollak, 1992b).

Temos que ressaltar que a importância da definição do estatuto da categoria memória está na sua articulação com o particular, com casos, histórias e memórias de diferentes países, regiões, bairros que podem fazer parte da elaboração de novos e pertinentes trabalhos.

Para dialogarmos com a obra de Halbwachs sobre a memória, temos que partir do seu ponto de orientação, os quadros sociais da memória. O que são esses quadros? Eles são, por exemplo, a profissão, a religião, a família, o local de trabalho etc. Esses quadros são um sistema lógico (cronológico e de localização) para a memória. A lembrança é antecipada por esses quadros sociais (Namer, 1994). A partir da definição de quadro social da memória, Halbwachs vai partir para a definição de memória coletiva.

Halbwachs (1990) assinala que o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais. A memória é essencialmente coletiva. Somos estimulados a lembrar a partir de referências coletivas, a partir de grupos dos quais fazemos parte. Para Halbwachs por mais que tenhamos a impressão de que algumas memórias são puramente individuais essa sensação não passa de uma variação de grau da memória coletiva, ou seja, algumas memórias seriam mais características do grupo do que outras, porém isso não retira de modo algum seu caráter coletivo. O autor ressalta: “nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas” (Op. cit.:26).

Segundo o autor, nossa percepção da memória como algo individual faz parte do nosso hábito de não pensar na dimensão do grupo. Esse hábito nos impediria de pensar a memória como um fenômeno coletivo.

Não estamos ainda habituados a falar da memória de um grupo, mesmo por metáfora. Parece que uma tal faculdade não possa existir e durar a não ser na medida em que está ligada a um corpo ou a um cérebro individual (Halbwachs, 1990:53).

O que Halbwachs propõe não é uma redução do indivíduo ao coletivo. Tal análise seria incompatível com as análises propostas em sua obra. Myrian Sepúlveda dos Santos ressalta que somente a partir de Halbwachs e Bartlett foi possível: “rejeitar com maestria

a separação entre memória e sociedade e definir a memória como sendo uma construção social” (Santos, 2003:33). Por questionar as teorias sociais que davam plena autonomia ao indivíduo em face da sociedade, é compreensível que sua análise destacando a interação entre indivíduo e sociedade seja feita de forma enfática.

Para Halbwachs, só podemos analisar a memória em relação com o tempo em que ela esta sendo produzida e não como uma pura representação do passado. Tiramos aí uma “pureza” da memória para enquadrá-la nas representações individuais e coletivas a partir do momento em que ela esta sendo construída: “O passado que existe é apenas aquele reconstruído continuamente no presente” (Halbwachs, 1990:132).

Ao tomarmos como referencial os estudos sobre memória, e que esta é uma construção do presente, não tiramos sua legitimidade. Pelo contrário, passamos a relativizar a suposta objetividade dos documentos escritos e oficiais. Sabemos, entretanto que para a realização desse trabalho, devemos como nos sugere Pollak (1992a), “controlar” as distorções ao invés de ignorá-las ou de inviabilizar o trabalho por conta de tais distorções.

Para Halbwachs, o espaço que nos cerca é um referencial do nosso próprio gosto e do nosso grupo. Os objetos que nos cercam, assim como os lugares são parte de nós carregadas de significados. Eles não falam por si, mas nós os enchemos de significados. Podemos entender a partir dessa definição que o espaço e as imagens espaciais desempenham papel fundamental na memória coletiva. A partir do espaço podemos analisar características do grupo.

...o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos (Halbwachs, 1990:133).

Em alguns grupos mais do que em outros a memória coletiva tem seu apoio sobre as imagens espaciais.

Os grupos dos quais falamos até aqui estão naturalmente ligados a um lugar porque é o fato de estarem próximos no espaço que criou entre seus

membros relações sociais: uma família, um casal pode ser definido, olhando de fora, como o conjunto das pessoas que vivem na mesma casa, no mesmo apartamento, e, como se diz nos recenseamentos, sob o mesmo teto (Halbwachs, 1990:139).

Somente a referência espacial não é suficiente para definir grupos, não basta que estejam no mesmo lugar para partilhar de uma memória em comum. No entanto, não existe memória que não tenha um referencial espacial.

Ao consideramos o espaço como parte fundamental da análise da memória, temos que destacar sua importância na construção das redes de sociabilidade, articulando diferentes atores e movimentos na mesma direção. Para além de uma mera representação física, o espaço se torna um importante ambiente que amplia e consolida as relações entre os grupos.

A identidade dos grupos é assegurada não apenas por sua formação de classe, religião, filosofia de vida etc., mas tem na identificação com o espaço um importante paralelo. O significado do espaço para os grupos em geral é bem mais amplo do que temos por hábito definir, como veremos a seguir a partir dos trabalhos de Pollak.

Seguindo a linha de Halbwachs, Michael Pollak trabalha com a concepção de memória como um fenômeno que não se limita às representações individuais. Os elementos constitutivos da memória são os acontecimentos individuais, os acontecimentos vividos “por tabela”, acontecimentos dos quais a pessoa não participou, mas que ganharam tamanho significado em sua memória, que ela os percebe como se tivesse vivido. Além disso, fazem parte da memória pessoas, personagens e, por fim, os lugares. A partir desses elementos, Pollak vai discutir o fenômeno da memória social, trazendo algumas abordagens novas em relação os trabalhos de Halbwachs.

Como fato novo, o autor vai destacar a importância da memória para a construção da identidade individual ou coletiva. A identidade assim como a memória faz parte de um diálogo com a sociedade, são construídas a partir de parâmetros que não se restringem ao indivíduo.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de

credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (Pollak, 1992a:204).

Assim como identidade é um processo negociado com a sociedade, a memória também o é. A memória e a identidade só são possíveis para a concepção do autor a partir do social, tendo como referência para a construção desses elementos padrões que fazem parte do coletivo. A autonomia do indivíduo, diante das exigências dos grupos e da sociedade, é de uma maneira geral limitada.

Se a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, o espaço também o é, além de ser um importante referencial para a memória como já referido. Essa articulação entre memória, identidade e espaço é de grande importância para o estudo dos fenômenos sociais, já que não é possível dissociar de todas essas três categorias.

O espaço desempenha papel fundamental como ponto de referência na memória coletiva, além de ser também um dos determinantes na construção da identidade. Um grupo só partilha da construção de uma memória porque tem uma identidade que relaciona seus integrantes. Dessa forma, estes últimos criam uma demanda por uma memória que represente a identidade do grupo. Essa identidade é em geral construída a partir de características comuns, e o espaço costuma fazer parte dessa construção.

Se “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial” (Halbwachs, 1990:143), poderíamos acrescentar que não há identidade que não se desenvolva num quadro espacial. No caso dos operários, por exemplo, o espaço da fábrica é de grande relevância. Se a identificação como operários se dá por conta do trabalho na fábrica, essa identidade por sua vez só foi possível pelo fator trabalho e pelo determinante em comum do espaço fábrica ou de qualquer outro espaço que seja identificado como local de trabalho.

Savage (2004), ao discutir a história do trabalho, também ressalta o espaço como parte fundamental na constituição da identidade de classe. Ao tratar da construção de uma classe e não da classe, sua análise pode ser utilizada para entender a constituição de diversos grupos a partir da lógica do espaço.

...devemos examinar os contextos em que as vidas operárias são vividas. Isso significa visualizar tempo e espaço não como pano de fundo da análise histórica, mas, fundamentalmente como parte intrínseca do próprio processo de mudança histórica (Savage, 2004:38).

Devemos considerar o espaço além de sua representação usual como pano de fundo, seja das narrativas históricas ou das memórias. Sua importância na discussão da identidade e da memória faz com que repensemos seu papel nas análises sociais valorizando seu desempenho no processo de continuidade e mudança das relações sociais.

Para analisarmos alguns conceitos como o de exclusão social, dentro do espaço, e para entender a divisão de espaço entre espaço físico e espaço social será usada a obra de Pierre Bourdieu (1977). O autor classifica os espaços em dois tipos: o espaço físico, lugar onde o indivíduo encontra-se situado; e o espaço social, que se pode definir por sua posição relativa a outro lugar (acima, abaixo) e pela distância que os separa. O espaço social excludente é marcado por sua característica de inferioridade em relação a outro lugar, a uma ausência do Estado, conseqüentemente de polícia, escola, postos de saúde, etc. No entanto, os espaços são marcados por ambigüidades; Relações de excomunhão existem, assim como alternativas para superá-las são construídas pelos grupos dentro desses espaços.

Acrescentando ao espaço outras características além de seu status meramente físico, podemos considerar a definição de “lugar antropológico” para Marc Auge (2001). Segundo o autor, esses espaços estão repletos de sentidos, para aqueles que o habitam, e de princípio de inteligibilidade, para quem o observa.

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja (Auge, 2001:51).

O lugar antropológico tem pelos menos três características: ele se pretende identitário, relacional e histórico. As determinações sociais de um grupo estão prescritas em um determinado lugar. Nesse sentido, o lugar é um dos palcos da formação de identidade.

No entanto, um mesmo lugar pode ser referência para várias identidades, que podem relacionar-se entre si. Ao conjugar identidade e relação, esse espaço cria uma estabilidade que é sua característica histórica. Seguindo a perspectiva de Michel de Certeau, Augé vai definir essa pretensão relacional do lugar como:

...o que equivale a dizer que, num mesmo lugar, podem coexistir elementos distintos e singulares, sem dúvida, mas sobre os quais não se proíbe pensar nem as relações nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação do lugar comum (Auge, 2001:53)

Se nossa preocupação fundamental na definição de um grupo for unicamente suas particularidades e singularidades, talvez desejássemos, como nos sugere Augé, que o grupo a ser estudado fosse uma ilha, talvez ligada a outras, porém única. No entanto, se os grupos fossem ilhas de homogeneidade em pouco tempo perderíamos o interesse por seu estudo, bastaria entrevistamos um de seus membros para termos sua história, pularíamos de ilha em ilha analisando sociedades passíveis de definição em poucos instantes. O que aprendemos na prática é que essas ilhas não existem, um dos fundamentos da constituição dos grupos é justamente a sua diversidade, o que não significa negar sua identidade. A relação com um mesmo espaço configura identidade mesmo sendo necessário reconhecer as diversidades.

Esse espaço de que trata Augé sofre transformações ao longo do tempo e de acordo com os interesses determinados pela sociedade ele adquire características e sentidos novos. De que maneira se dá a manipulação do espaço moderno? E como esse tipo de manipulação afeta a formação da identidade e a memória coletiva?

Segundo Bauman (1999), a manipulação moderna do espaço pretende a subordinação do espaço social a um mapa oficializado pelo Estado. Essa visão do espaço teria como objetivo retirar-lhe o significado coletivo, imprimi-lo uma abstração que o dissocie de sua história. A reorganização do espaço de acordo com uma ordem inteligível para o poder público é a base da modernização do espaço. “Modernização significa, entre outras coisas, tornar o mundo habitado receptivo à administração supracomunitária, estatal”. (Bauman, 1999:40).

Essa adaptação ao mundo moderno representa uma luta por poder. Domesticar o espaço estranho significa redirecionar o poder local para o Estado. Para alguns autores, a

representação do território através dos mapas, por exemplo, pretende negar seus conflitos e sua história, afirmando sua neutralidade. O espaço sonhado pelos “utopistas urbanos” deveria ser um lugar “jamais poluído pela história” (Op. cit.:45). Esse tipo de espaço proporcionaria um tipo de felicidade racional. Entretanto, o que não foi observado é que a rejeição da história não significa uma rejeição da memória. Mesmo em um território “sem história”, os indivíduos tendem a construir uma memória que articula o passado com as demandas do presente, atribuindo novos significados para aquele espaço.

Na maioria das vezes, as políticas públicas não incluem o diálogo com os atores sociais envolvidos em seus projetos. No entanto, estes vão se articular e de alguma maneira adaptar a funcionalidade estatal as suas necessidades. É claro que essa adaptação nem sempre vai contemplar de todo o interesse dos moradores do local.

O ideal desse novo arranjo espacial, proposto pela administração pública, seria que as funções nas cidades fossem bem delimitadas e ocupassem espaços específicos e distintos:

No espaço, urbano, assim como na vida pessoal, é necessário distinguir e separar as funções do trabalho, vida doméstica, compras, diversão, culto, administração; cada função precisa de um lugar próprio, cada lugar devendo servir a uma e apenas uma função (Bauman, 1999:49).

Essa divisão proporcionaria uma melhor “arrumação” do espaço, logo um melhor e maior controle sobre suas atividades. Entretanto, em geral, a organização do espaço não obedece a esses critérios e as relações travadas entre os diversos níveis da existência de um indivíduo e da coletividade na qual ele está inserido se imbricam, fazendo com que um mesmo espaço represente diversas instâncias.

A manipulação moderna do espaço que prevê essa abstração da sua história e de seus significados coletivos é feita também a partir de uma “conservação rósea”. Jeudy (1999) nos chama atenção para a “onda retro” que a sociedade contemporânea vive. Segundo o autor, estamos diante de uma política de conservação que continuaria a promover mecanismos para proteger do desaparecimento elementos da nossa cultura.

Com frequência, o tratamento e a salvaguarda dos patrimônios orientam-se para um ideal de memória “rósea”. Os conflitos e os esquecimentos, os erros e os acidentes acabam sendo excluídos de tal modo

que o desejo de “reapropriação” das culturas e de seus signos identitários somente se detém diante de obstáculos técnicos ou políticos (Jeudy, 1999:3).

Esse tipo de conservação do patrimônio pode esvaziar de sentido a memória construída em torno dele. A primazia do estático reina nesse tipo de política. O ideal é que a preservação retire do monumento os conflitos subjacentes ao seu significado, conferindo-lhe uma visão neutra do passado. Qual seria a relação que esses grupos travariam com esse tipo de patrimônio? A representação da identidade desses grupos encontraria referência nesse tipo de conservação? Para Jeudy:

As figuras da identidade não se fundamentam numa conservação estática, imutável. Elas se modificam desafiando toda representação de sua atemporalidade (Jeudy, 1999:108).

A identidade está em um constante fazer-se, presa a alguns parâmetros, que faz com que o grupo ainda se identifique como tal, porém em constante mutação se adaptando às transformações que ocorrem ao longo do tempo e no próprio espaço de referência do grupo. Se o espaço se torna imóvel, ele não pode, pelo menos por muito tempo, representar a identidade do grupo. “Limpar” a memória, essa seria a nova orientação política da preservação do patrimônio.

Mas o branco é também o esquecimento. A recordação incomoda, não tem lugar senão quando embranquecida, despojada das impurezas que mancham seu relato (Jeudy, 1999:111).

Seria a promoção voluntária e intencional do esquecimento? Mas a quem interessa esse esquecimento? Quando “apaziguamos” o passado, tiramos os conflitos do foco principal da história estamos normatizando um passado mais “agradável” de ser lembrado. A sociedade não deseja o mal-estar, o conflito e a reflexão. O “róseo” não apaga de todo o passado, no entanto, não o transforma em mecanismo de reflexão ou diálogo. O que para alguns grupos da sociedade representa sua história de vida, para outros representa apenas mal-estar. E o que fazer para essa história ser compartilhada por todos? Ao imobilizar a memória através de um monumento, estamos reprimindo as metamorfoses da memória, tão caras a sua representação.

A representação da história através de cenas fixas torna a memória imóvel como se sua construção pudesse ser única. O caráter de permanente construção da memória é tirado de cena, ficamos com um imobilismo das representações passadas. Mas a memória não é constantemente reconstruída no presente?

Essa “padronização” da memória afetaria de que maneira os grupos e sua identidade? Ao homogeneizar o passado, os grupos perdem as referências que simbolizavam sua identidade. A preservação de sua representação para si e para os outros é afetada. No entanto, esses grupos promovem formas de reação a esse jogo conciliatório, muitas vezes negando monumentos impostos como sendo representantes de sua identidade. Em alguns casos, a negação da memória rósea é feita de forma mais enfática, como no caso dos operários.

A memória dos operários é, aliás, mais chocante porque, dizem eles com veemência, “são instrumentos de tortura que são expostos nas vitrines!” As máquinas são belas e sedutoras, elas evocam uma grande época da indústria, e a burguesia, orgulhosa de seu progresso técnico, se esforça então em glorificar seu passado, ocultando os sofrimentos que ela engendrou (Jeudy, 1990:119-120).

Do outro lado das políticas de conservação temos os monumentos abandonados, os selecionados para não durar, para não guardar memória, ruínas que se decompõem com o tempo.

Mas sua atração persiste, e eles ainda sabem evocar uma doce nostalgia, como se os eventos que haviam anunciado seu fim se tornassem os signos de sua transmutação em símbolos... as chaminés de fábricas, as velhas forjas enferrujadas, rodas hidráulicas postas por terra, motores quebrados, carcaças de veículos... esses lugares sem fim são inumeráveis, esses objetos amontoados que não esperam mais que o olho para poder durar (Op.cit.:126).

Para Jeudy, o lugar abandonado se opõe a reconstituição pelo seu poder de evocar as lembranças de maneira mais direta e se opondo ao esquecimento da lógica de conservação. O impacto de uma visita ao “abandono” pode ser maior do que uma visita ao museu, onde seu caminho já foi traçado previamente e onde o que vai ser lembrado e esquecido está definido pela lógica da escolha do acervo e da disposição das peças. É o caos do lugar abandonado que permite as memórias exercitarem seu fundamento de lembrança e esquecimento que não segue a ordem cronológica ou temática, como nos

museus. É o olhar, de espanto, de recordação, de admiração que provoca a inquietude das paisagens fora do padrão de conservação.

1.2 - Discussão historiográfica

A partir da memória será travado um diálogo com a historiografia referente a outros temas pertinentes ao trabalho. Para lidarmos com os conceitos de “classe” e “consciência de classe”, é imprescindível dialogarmos com autores como E. P. Thompson (1997), que através de sua análise desses dois importantes conceitos dá sustentação ao trabalho na discussão dos processos que subsidiam a construção da identidade de classe e da própria consciência de classe.

Entre os diversos grupos políticos presentes no bairro do Jacaré, podemos destacar a atuação do Partido Comunista do Brasil (PCB). Para compreendermos a inserção do PCB no movimento operário, utilizaremos um referencial teórico que aborde sua participação e suas posições políticas entre os operários. Para essa compreensão foi usado o trabalho de Marco Aurélio Santana (2001 e 2003).

As implicações das relações travadas dentro e fora da fábrica deixaram sua marca no corpo e nas lembranças dos trabalhadores, sendo por isso mesmo tema relevante para o estudo da memória operária. Para tal análise De Decca (1998), ao desconstruir a redução do acontecimento da fábrica a um mero progresso tecnológico, ressalta a intenção desta instituição em organizar e disciplinar o trabalhador, retirando-lhe o poder sobre seu tempo livre e o saber sobre seu ofício.

Assim, não estão em jogo nas fábricas apenas as questões relativas a acumulação do capital, mas também os mecanismos responsáveis pela concentração do saber e, conseqüentemente, de dominação social (Op. cit.:39).

Seguindo a mesma trajetória de análise, temos o trabalho de Michelle Perrot (2001), que vai retratar o operário na França do século XIX. Segundo a autora: “A mecanização não responde a necessidades técnicas, mas basicamente disciplinares” (Op. cit.:19).

Tanto Michelle Perrot como De Decca vão construir suas análises a partir de conceitos já referidos na obra de Michel Foucault. Ao analisar os mecanismos de poder que sociedade utiliza para “vigiar e punir”, o autor vai nos dar um grande arcabouço teórico para a observação das questões referentes a instituição fábrica.

Os estudos que problematizam a relação entre a fábrica e o bairro, também, podem nos dar importantes paralelos de análise. Paulo Fontes (2004) nos traz a análise do caso do bairro São Miguel Paulista, um exemplo de aglutinação feita ao redor da fábrica, a Nitro Química, na década de 1950. Uma comunidade, em grande parte de migrantes vindos do nordeste, que se estabeleceu em São Miguel Paulista e por décadas morou e trabalhou no bairro. Esse exemplo nos interessa a partir da medida em que nos mostra como a proximidade espacial entre local de moradia e local de trabalho servia para uma maior imposição de disciplina aos trabalhadores e a um domínio do tempo dos operários além dos muros da fábrica.

Já Regina Morel (2001) nos contempla com o estudo sobre a cidade operária de Volta Redonda, onde a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), empresa estatal dirigida por militares durante anos, até a década de 1970 controlava a moradia dos trabalhadores assim como boa parte dos serviços públicos da cidade como conservação de estradas, parques e ruas, limpeza urbana, transporte coletivo, serviço de polícia e bombeiros. A disciplina das fábricas estava presente na vida cotidiana dos trabalhadores, o controle se estendia aos bairros, atingindo as instâncias mais particulares da vida do operário.

A perspectiva de tratar o Jacarezinho como uma grande vila operária ou um conjunto de vilas operárias fez com que uma bibliografia sobre o tema passasse a fazer parte das preocupações teóricas. Nesse sentido, o trabalho de Sérgio Leite Lopes (1988) vai nos ajudar a problematizar algumas questões. Ao nos apresentar um estudo de caso de uma fábrica têxtil de Paulista - Pernambuco, o autor nos demonstra a implantação do controle extra-fábril daquela fábrica com vila operária e nos aponta para a resposta dos trabalhadores, que pode aparecer em formas mais sutis de contestação, as quais o autor denomina de “micro-física da resistência”, fazendo alusão ao conceito de Foucault de micro-física do poder. José Ricardo Ramalho (1989), no estudo da Fábrica Nacional de Motores (FNM), também nos elucida algumas das questões importantes sobre a extensão

do domínio da fábrica sobre o local de moradia e das formas como os trabalhadores vão se articular para resistir a esse processo.

1.3 - Metodologia da História Oral

Ao escrevermos sobre as memórias de um determinado grupo, corremos o risco petrificá-las em nosso texto. Quando saímos do trabalho de campo, das entrevistas, da transcrição temos que fazer um texto, obedecer padrões e “contar uma história” em algumas páginas. Horas de fitas gravadas são sintetizadas na análise feita em algumas páginas. Em grade medida, o grupo não se enxerga em nosso trabalho, pelo menos não por completo. Mas esse não é o nosso objetivo, ao problematizar as questões estamos nos propondo a analisar acontecimentos e não a reproduzir discursos. Entretanto, de que maneira evitar a “petrificação” dessa memória ao escrevermos sobre ela? Talvez mais do que “verdades” devemos nos preocupar em abrir possibilidades, em permitir que o leitor interaja com o texto para que a interpretação dos fenômenos estudados não se esgote nessa versão dos fatos. Como nos chama a atenção Henry Rousso:

Ela [a história da memória] permite resistir a essa outra ilusão nefasta que consiste em acreditar que os historiadores são depositários da verdade... a história pertence sobretudo aqueles que a viveram e que ela é patrimônio comum que cabe ao historiador exumar e tornar inteligível a seus contemporâneos (Rousso, 2001:98).

Escrevendo sobre a memória dos grupos ou sobre a história da memória, temos mais mecanismos para percebermos que “exumamos” apenas parte da memória desses atores sociais. O que temos em mãos não é a “verdade” dos fatos, não damos “voz” a esses atores porque eles são os únicos portadores dessas vozes. O que fazemos é interpretá-la, tornando-a acessível a um maior número de pessoas.

Ao escolhermos uma temática para trabalhar e ao definirmos o local do estudo, não fazemos do lugar o que estamos estudando, não podemos reduzir o lugar as nossas considerações sobre alguns de seus aspectos e sobre a própria memória que se articula

com o passado em seu devir incessante de acordo com as novas demandas do presente (Geertz, 1978).

Para a realização das entrevistas temos que definir um grupo, escolher pessoas que tenham características em comum e uma identificação com o bairro e com o movimento operário. No entanto, a partir de que referencial podemos tomar um grupo aparentemente tão heterogêneo como fazendo parte de uma mesma história e compartilhando de uma mesma memória?

Costureiras, metalúrgicos, vidreiros, gráficos, trabalhadores da indústria química, membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB), do Partido Comunista do Brasil (PC do B), membros do Partido dos Trabalhadores (PT) (já na década de 1980), líderes comunitários, dissidentes que foram para grupos de luta armada durante a ditadura, militantes de orientação católica etc., de que maneira esses diferentes atores sociais podem ser enquadrados em um mesmo grupo.

A memória compartilhada é que define esse conjunto aparentemente com poucas ligações como um grupo com algum nível de integração. Essa relação só é possível no espaço, é a partir desse elemento comum que esse grupo partilha sua identidade e a construção de uma memória coletiva. No processo de construção da rede de atores, um dos entrevistados perguntou se uma determinada pessoa dessa “história” já tinha sido entrevistada. “Você já falou com fulano? Ele é muito mentiroso, mas vale a pena falar com ele”. A pessoa a quem o entrevistado se refere fez e faz parte de um grupo político diferente do seu, talvez, o maior fator de discórdia entre os dois. O tal “fulano” ainda hoje morador do bairro é reconhecido mesmo por seus “inimigos” como uma grande personalidade, alguém que compartilha da mesma história que os outros. Companheiros e “inimigos” ao mesmo tempo, o espaço e suas histórias no movimento operário e comunitário os torna guardiões de uma mesma memória e possuidores de uma identidade em comum.

Para além da fábrica, o bairro se torna um importante ambiente que amplia e consolida as relações entre esses operários. A identidade desse grupo é assegurada não apenas por sua formação de classe, tendo a identificação com o bairro com um importante paralelo. O local de moradia e de trabalho da maioria dos operários do complexo industrial do Jacaré é o mesmo, tendo tal espaço para eles um significado bem amplo.

No bairro do Jacaré temos um espaço antes ocupado por um grande complexo industrial, onde as chaminés das fábricas representavam sinal de trabalho, atividade econômica, luta sindical, movimentos sociais etc. O complexo industrial faliu, as indústrias saíram da região e o espaço não foi alvo de uma política pública de preservação do patrimônio industrial, nem tampouco de revitalização do bairro. O que temos é um conjunto de prédios, alguns invadidos para servirem de moradia, outros simplesmente abandonados. A chaminé da fábrica Café Moinho de Ouro permanece de pé, com o nome da fábrica indicando o que aquele símbolo representava. Atrás dos altos muros de um estacionamento, com aparência de fábrica ainda é possível para um transeunte mais observador ler a inscrição “Fábrica de Parafusos Águia”, nome da fábrica que antes ocupava o espaço do estacionamento. De que maneira esse espaço degradado, porém vivo permanece interagindo com a memória desses operários?

Para tentarmos compreender os significados da memória que esse grupo compartilha e de que maneira ela é reconstruída nesse espaço do presente, utilizaremos a metodologia da história oral. A escolha da metodologia da história oral como base de um trabalho se dá, em geral, pela perspectiva de perceber como homens e mulheres constroem e narram suas memórias a partir de suas experiências de vida de acordo com o enfoque de cada pesquisa.

O uso da História Oral pode ser de enorme valia quando tratamos da história e da memória de setores “excluídos” e “marginalizados” de nossa sociedade. Como assinala Michelle Perrot: “Muitas vezes observou-se que a história das classes populares era difícil de ser feita a partir de arquivos provenientes do olhar dos senhores” (Perrot, 2001:186).

A metodologia da história oral parece se colocar a dispor dessa questão, não só por uma falta de documentos, em alguns casos, mas por buscar uma análise das representações desses “excluídos” a partir da sua própria concepção do que viveram, que nos parece adequado a utilização dessa metodologia. Ao tentarmos compreender como se forma o imaginário de um grupo, suas significações mais importantes, sua própria imagem, não podemos deixar de admitir que sua identidade é melhor representada por eles próprios do que por qualquer outro olhar. Quando temos “o olhar do senhor”, estamos lidando com fontes que refletem uma percepção, muitas vezes distante do que o

próprio grupo concebe como sendo sua identidade. Essas fontes não são por isso “falsas”, ou de uso dispensado, elas podem representar importante conjunto, mas o tipo de trabalho a ser realizado será outro.

Apesar da nova dimensão que os estudos a partir da metodologia de história oral trazem ao campo das ciências sociais, como já demonstrado, essa metodologia não deixa de sofrer críticas, a maioria delas enfatizando a sua subjetividade. No entanto, o objetivo de quem trabalha com história oral não é fazer um “resgate” dos acontecimentos históricos, mas sim descobrir como um determinado período foi compreendido por um indivíduo ou por um grupo através da memória.

A preocupação com uma “verdade” nos depoimentos orais não faz mais parte das determinações que balizam a prática da história oral. As distorções da história, presentes nos depoimentos orais deixam de ser um problema e passam a constituir uma rica fonte de análise.

... acredito que entre o “falso” e o “verdadeiro”, entre aquilo que o relato tem de mais solidificado e de mais variável, podemos encontrar aquilo que é mais importante para a pessoa (Pollak, 1992).

Se o objetivo de quem trabalha com história oral é problematizar aquilo que é mais importante para a pessoa, é justamente entre o “falso” e o “verdadeiro” que podemos analisar nosso objeto de pesquisa. Por outro lado temos a preocupação da discussão de uma história mais social, como destaca o trecho abaixo.

Por trás dessas críticas estava a preocupação de que a democratização do ofício do historiador fosse facilitado pelos grupos de história oral, além do menosprezo pela aparente “discriminação” da história oral em favor das mulheres, dos trabalhadores e das comunidades minoritárias (Thomson, 2001:66).

Uma ampliação dos enfoques históricos, bem como a democratização do ofício do historiador e dos cientistas sociais não parece fazer parte da intenção de alguns grupos. Por esses ou outros motivos, a metodologia da história oral ainda é alvo de críticas. Entretanto, essa metodologia já conquistou seu status como meio de pesquisa. Não

podemos, portanto, supervalorizar as críticas a ponto de inviabilizar a ampliação da discussão sobre essa metodologia, discussão essa que é bem mais ampla que os temas apontados pela crítica.

No entanto, se faz necessário que a história oral seja utilizada em parceria com outras fontes e metodologias. Assim, a partir dos depoimentos e da análise da memória, poderá ser travado um diálogo com a historiografia referente ao tema pertinente ao trabalho.

A rede de entrevistados vem sendo construída desde 2002, quando as primeiras entrevistas foram feitas para a elaboração da monografia de bacharelado. De início, tentou-se atingir uma diversidade dos atores sociais entrevistados, considerando pessoas de diferentes ramos da produção e de diferentes filiações políticas. A rede de entrevistados foi formada a partir da indicação dos próprios entrevistados, tendo como eixo orientador a prioridade definida pela pesquisa. Em uma nova etapa, já em 2005, reiniciamos as buscas por pessoas que contribuíssem para a realização da pesquisa. Seguimos então com uma nova proposta de perfil dos entrevistados. O objetivo foi entrevistar não só ex-operários, mas moradores do bairro ou ex-moradores que teriam participado do movimento comunitário e vivenciado sua união com o movimento operário.

Num primeiro momento, algumas dificuldades prejudicaram a realização do trabalho. Algumas pessoas se negaram a conceder entrevista, sendo que tal negação não vinha de forma direta. Em geral, a falta de tempo era alegada como fator a impossibilitar as entrevistas. Sendo a entrevista: "...uma relação social entre pessoas" (P. Thompson 1998), e não só a entrevista, mas todo o processo para a sua realização e os contatos que se dão após a mesma por isso, apesar de nos parecer obvio atentar para tal fato, é importante problematizar as estratégias de aproximação dos entrevistados e da realização das próprias entrevistas. Não podemos esquecer que o nosso documento interage conosco durante todo o processo. Tanto que para fazermos a análise das entrevistas e inseri-las no contexto do trabalho temos que nos distanciar do sabor do café que marca a nossa memória da imagem dos simpáticos velinhos que nos recebem em seus espaços, cedendo seu tempo para as nossas inquietações.

A partir de Julho de 2005 as primeiras entrevistas foram feitas. Buscando problematizar novas questões, foi dada ênfase a uma busca de personagens que estivessem ligados a sindicatos com forte atuação no bairro. Num primeiro momento, o Sindicato dos Vidreiros e o Sindicato dos Gráficos foram alvos de visitas e palcos da realização de algumas entrevistas. Nesse sentido, essas entrevistas demonstraram um outro perfil do trabalhador do bairro: trabalhadores que não moravam na região e que construíram uma memória particular em relação ao bairro e ao movimento operário. Em uma nova etapa da pesquisa, iniciamos o trabalho de campo no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, com o objetivo de entrevistar metalúrgicos que tenham trabalhado no bairro do Jacaré ou tenham sua atuação sindical naquela área. Também foram entrevistados moradores do Jacarezinho e atores que tiveram algum tipo de atuação política na região.

De acordo com a metodologia de trabalho adotada as falas dos entrevistados não sofreram nenhum tipo de alteração, buscando reproduzir o mais próximo possível da fala original. Quanto aos nomes dos entrevistados, para preservá-los optou-se por evitar expor a identidade dos mesmos.

1.4 - Perfil dos entrevistados

1 - Moradora do Jacarezinho desde os três anos de idade, quando veio de Pernambuco para o Rio de Janeiro. Ela nunca trabalhou nas indústrias da região. No entanto, desde de muito nova militou no movimento comunitário, aproximando-se do movimento operário e dos grupos de esquerda dentro do bairro. Como professora deu aula dentro do Jacarezinho, no Colégio da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora (Escola do Padre Nelson) e no Colégio Imaculada Conceição (Colégio da GE).

2 - Nascido no Jacarezinho, onde viveu boa parte de sua vida, mais de 50 anos, estando apenas um pequeno período morando fora do bairro. Hoje ele ainda é morador do Jacarezinho. Começou a trabalhar aos 14 anos nas indústrias do bairro, logo vindo a ser operário de uma das maiores empresas da região, a GE. Militante do Sindicato dos

Metalúrgicos durante anos, agora está afastado. Hoje ele trabalha em uma ONG dentro do Jacarezinho.

3 - Seu primeiro emprego foi no Sindicato dos Vidreiros como contínuo. Há mais de trinta anos no Sindicato conhece muito bem sua história, é o principal “arquivo” desta instituição. Começou a trabalhar no Sindicato quando este ainda funcionava na Praça da Bandeira, acompanhando toda a campanha para sua transferência para o bairro Jacaré.

4 - Dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos. Ele nasceu no Jacarezinho, onde morou por mais de quarenta anos. Por motivos pessoais há dois anos saiu do bairro. Operário desde os nove anos de idade, conhece muito bem o cotidiano dos trabalhadores na região. Hoje, mesmo fora do bairro, mantém sua militância político-sindical na área.

5 - Nasceu no Rio de Janeiro, no Estácio, não tendo morado no Jacaré ou Jacarezinho. Profissional gráfico, trabalhou em uma indústria no Jacaré por cerca de dois anos, depois voltou por um curto período. Ainda hoje atua no Sindicato dos Gráficos, agora no Departamento dos aposentados.

6 - Migrante de Pernambuco e operário da indústria gráfica. Trabalhou pouco tempo no Jacaré. Nunca morou no bairro, tendo uma visão sobre o mesmo que se assemelha a do outro trabalhador gráfico. Também atua no Departamento dos aposentados do Sindicato dos Gráficos.

7 - Diretor do Sindicato dos Vidreiros, através de sua entrevista podemos ter um panorama da situação atual do sindicato e de seus filiados. Há pouco tempo na categoria suas lembranças do bairro de décadas passadas são em grande medida herdadas de militantes mais velhos do Sindicato.

8 - Ex-militante Sindical em Volta Redonda, cidade onde morou durante boa parte de sua vida. Hoje trabalhando no apoio a implantação de cooperativas ele vai nos falar de sua experiência na década de 1990 ao implantar uma cooperativa com ex-trabalhadores da Fábrica de Parafusos Águia. Esta fábrica era uma das mais importantes metalúrgicas do bairro do Jacaré. Através de sua entrevista, podemos ter um perfil desses trabalhadores e a dimensão dos embates com o Sindicato dos Metalúrgicos, contrário a decisão dos trabalhadores de montar a cooperativa.

9 – Ex-militante do Sindicato dos Metalúrgicos, morador do bairro desde 1999, quando veio para a região se refugiando da perseguição política que sofria em Niterói, onde morava. Além disso, escolheu a região com o objetivo de criar as bases do PC do B no Jacaré, área segundo ele de grande importância para o partido por conta da grande concentração de operários. Hoje é um atuante militante do PT.

10 - A entrevistada fala com orgulho de ter nascido e morar até hoje no Jacarezinho, mas de 50 anos no bairro. Costureira desde os 14 anos aprendeu a profissão na fábrica. Filiada ao Sindicato das Costureiras, mas crítica a essa instituição que ela denomina de “pelega”. Ainda hoje exerce a profissão em uma cooperativa de costura no próprio bairro.

11 – Nasceu no Espírito Santo, depois migrou para o Paraná e aos 11 anos chegou ao Rio de Janeiro, indo para o Jacarezinho. Começou a trabalhar, na indústria têxtil, no bairro, aos 14 anos. Costureira há mais de 30 anos, ainda hoje exerce a profissão na mesma cooperativa citada anteriormente.

12 – Morador de Higienópolis, bairro próximo do Jacarezinho, o que faz dele um bom conhecedor da região. Militante do Sindicato dos Metalúrgicos, atuou naquela área, principalmente na GE, onde chegou a trabalhar por um ano.

13 - Morador do bairro do Jacaré há mais de 50 anos e ex-operário de indústrias do bairro, onde exercia a profissão de contador. Ele vai nos contar de suas primeiras lembranças do bairro e de como as transformações urbanas afetaram o dia-a-dia dos moradores; além de relembrar o tempo em que trabalhou no bairro.

14 - Ex-operário da Fábrica de Parafusos Águia. Morador do Jacaré, trabalhou na fábrica por sete anos. Hoje ocupa o cargo de presidente da Cooperativa de Produção de Parafusos.

15 – Ex-operário da Fábrica de Parafusos Águia, onde trabalhou por 26 anos. Apesar de não morar no Jacaré, conheceu bem o dia-a-dia e a mobilização operária na região. Hoje ocupa o cargo de diretor financeiro da Cooperativa de Parafusos.

16 – Migrante de Alagoas foi morar Praça do Carmo quando chegou ao Rio de Janeiro. Desde de os anos 60, quando se casou, passou a morar no Jacarezinho. Essa dona de casa foi uma ativa militante política, no Jacarezinho, junto com seu falecido marido.

17 – Jornalista e político atuante no cenário carioca. Foi Secretário Municipal de Desenvolvimento Social por duas vezes, teve forte atuação no Jacarezinho. Sua base eleitoral para as eleições à Câmara dos Vereadores, onde assume seu quarto mandato em 2007, também se concentrava no Jacarezinho.

18 – Morador do Jacarezinho e operário no bairro. Ex-militante do Partido Comunista, esse trabalhador concentrou suas atividades no MDB após a implantação do bipartidarismo em 1965. Importante líder comunitário, circulava entre o Jacarezinho e a Federação Estadual das Favelas.

Três das falas citadas no texto são resultado da transcrição de depoimentos de moradores do Jacarezinho proferidos no I Seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho, ocorrido nos dias 02 e 03 de setembro de 2006 na própria favela.⁷ O Seminário foi realizado por uma Organização Não Governamental, o Grupo Herança Negra. Dentre as pessoas que deram depoimentos durante o Seminário, uma já havia sido entrevistada durante a pesquisa.⁸

⁷ O objetivo do encontro foi: “organizar um seminário na intenção de articular e mobilizar moradores e simpatizantes da comunidade em prol da criação do Centro Histórico de Referência da Memória do Jacarezinho, a fim de estabelecer ali um ponto de resgate e pesquisa da memória e auto-estima da comunidade. O Centro de Memória é definido como: “um espaço dinâmico e capaz de guardar e preservar o orgulho de uma comunidade, figuras que são e/ou foram importantes para o crescimento e desenvolvimento dela e mais, o espaço de referência aos mais novos. Espaço político de formação de idéias”. *Projeto de realização do I Seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho*. s/d. Mimeo.

⁸ Apesar de não entendermos essas falas como depoimentos de história oral, seu conteúdo é relevante para a pesquisa e foi incorporado problematizando o contexto que envolveu a produção dessa fonte.

Capítulo II

Histórias e memórias de um bairro operário

...a formação de uma classe é um processo espacial, em que identidades locais e identidades de classe se podem fundir e combinar (Savage, 2004:41).

No bairro do Jacaré, o fato de trabalho e moradia ocuparem o mesmo espaço físico faz com as identidades locais, entendidas como as relações travadas no ambiente privado da casa estejam profundamente interligadas com o espaço da rua, do trabalho etc. Neste caso particular, “casa” e “rua” se fundem de forma muito incisiva. Portanto, a formação da identidade do grupo estudado se faz a partir dos laços entre esses dois espaços. E tal afirmação é válida não apenas para os trabalhadores do bairro que se inseriam na dinâmica industrial. Os moradores que não estavam diretamente vinculados ao trabalho nas fábricas relatam suas experiências junto ao movimento operário no bairro ou mesmo a importância do apito das fábricas, que regulava seus horários como um relógio, ou ainda o cheiro do café e do chocolate que permeia até hoje o imaginário de muitos moradores.

Partindo da constatação da importância do espaço para tal grupo, optamos por retomar brevemente a história do desenvolvimento desta região. Em um cenário do Brasil Colônia, os primeiros núcleos de povoamento da área vão delinear o que seria no século XX um espaço industrial e operário.

2.1 - Histórico do bairro

O desenvolvimento da região se dá a partir da construção do Engenho Novo dos Jesuítas. Para traçarmos um histórico da formação do bairro do Jacaré e compreendermos as transformações que levaram um espaço de produção agrícola a se transformar em uma área industrial, é preciso remontar à criação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Um dos motivos precursores da criação da cidade de São Sebastião foi à fundação de um núcleo francês em seu território em 1555. Os franceses já exploravam as terras da colônia portuguesa, mas não com a pretensão de fundar uma colônia. A preocupação com a posse da terra precipitou a ação de criação da Cidade de São Sebastião em 1565 (Wehling, A. e Wehling, J., 1999).

Sob o comando de Estácio de Sá, uma expedição foi formada com o objetivo criar a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A distribuição de terras da nova cidade dar-se-ia através de sesmarias. Uma das primeiras sesmarias a ser doada foi entregue à Companhia de Jesus. As terras correspondiam a uma área que ia das proximidades de São Cristóvão até Inhaúma. Já em 1559, um engenho dos jesuítas, mais tarde conhecido como Engenho Velho dos Jesuítas, se encontrava funcionando na área próxima a São Cristóvão (Cavalcanti, 2004).

Em 1707, a construção de um novo engenho, mais afastado do centro da cidade, vai dar nome a uma grande área que ficará conhecida como Engenho Novo dos Jesuítas. (Gerson, 2000). A região do Engenho Novo será subdividida em vários bairros que hoje fazem parte da Zona Norte do Rio de Janeiro, entre eles o bairro do Jacaré.

Naquele período, a cidade do Rio de Janeiro teve dois importantes inimigos, os franceses e os tupinambás. Os franceses invadiram o Rio de Janeiro nos anos de 1555, 1710 e 1711. Na primeira invasão a expulsão definitiva dos franceses só se deu com a criação de uma cidade sob o comando português, como já referido. Na segunda invasão, após uma recuada da entrada da baía de Guanabara, os invasores investiram suas tropas pelo interior da cidade. Passando por Camorim, Jacarepaguá, Engenho Novo e chegando ao Engenho Velho, de onde partiram para atacar o centro da cidade. Os franceses foram expulsos, porém, o medo de novas invasões permeava o pensamento de governantes e habitantes da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Esse episódio deixa evidente a deficiência na defesa do interior da colônia.

Com a expulsão dos Jesuítas do Brasil em 1759, as terras, na cidade do Rio de Janeiro, que pertenciam a companhia (o Engenho Velho e o Engenho Novo), foram postas em leilão e arrematadas, em sua maior parte, pelo Sargento-mor Manuel Silva e Castro. As terras passaram à Maria Dulci, filha do Sargento-mor Manuel Silva e Castro e, mais tarde, ao Camarista Meyer, um sobrinho de seu falecido marido (Op. cit.).

Nas cercanias do Engenho Novo ficavam, a Estrada Real de Santa Cruz (hoje Avenida Dom Helder Câmara, antiga Avenida Suburbana.), a Praia Pequena e o Arraial de Benfica. Essas localidades tiveram grande importância comercial no período do final dos setecentos em diante. Ali se estabeleceram trapiches e grandes armazéns, que recebiam gêneros alimentícios do interior da capitania. Pela importância estratégica da região, foi construído um Fortim num dos pontos mais altos do morro do Jacaré (antigo morro das Palmeiras), nas terras do Engenho Novo (Santos, 1947). A oferta de gêneros alimentícios poderia abastecer inimigos que invadissem a cidade por aquele ponto. Outra preocupação era com a possibilidade de, a partir daquela área, se chegar com facilidade a São Cristóvão, aproximando-se do centro da cidade. Esta estratégia de invasão da cidade pelo interior foi posta em prática pelos franceses em 1710.

Temeroso de um ataque de navios espanhóis e franceses, o Conde de Resende, que começou a governar a capitania em 1790, providenciou a construção de Fortes de Fachina. Entre eles foi construído no Engenho Novo o fortim⁹, que mais tarde se chamaria Caetano de Madeira. A edificação foi construída, provavelmente, entre os anos de 1793 e 1795. Para comandar esses fortes foram nomeados capitães, tenentes e alferes, sem patente, os quais compravam o título de oficiais de fortaleza. Caetano Madeira deve ter sido um desses oficiais improvisados, comandando assim o Fortim. Nos livros de registros de oficiais da tropa regular, das ordenanças e milícias, segundo Noronha Santos, não é encontrada nenhuma referência ao nome de Caetano Madeira. Em 1826, numa sessão do Senado o Fortim ganha o nome de Caetano Madeira, provavelmente seu nome foi transmitido por tradição oral até aquela data.

Em 1801, o Conde de Resende sai do governo e os fortes construídos no seu mandato foram desguarnecidos. A documentação consultada por Santos (1947) indica uma efêmera utilização do Fortim. Uma das prováveis causas da desativação dos fortes seria uma diminuição do risco de invasão da cidade.

A construção do Fortim evidencia a importância da região, que vem se caracterizando ao longo do século XVIII como importante entreposto comercial. As

⁹ Esse fortim ficava localizado no terreno que hoje pertence ao Instituto São Francisco de Sales (Rua Luiz Zanchetta, Riachuelo). Nesse espaço além da Igreja temos um colégio que pertence aos Salesianos. O que restava do fortim (duas guaritas cilíndricas de pedra e tijolo, mais uma pequena parte do muro que sustentava essas guaritas) foi tombado em 1938 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Hoje as guaritas não mais existem, restando apenas parte do muro.

atividades comerciais na região continuaram sendo de grande relevância, nos anos seguintes. De acordo com uma vereança de 1826, era exigido urgente conserto na Estrada Real de Santa Cruz, também chamada *Estrada Geral que segue para Minas*, reiterando as providências já solicitadas por autoridades municipais no início daquele ano, que determinavam urgentes aterros até as proximidades do Fortim Caetano Madeira (Op. cit.).

O ano de 1808 marca uma nova fase de desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro. A vinda da família real para o Brasil vai trazer grandes avanços para a cidade. Entre as medidas importantes tomadas pela corte no território da colônia, destaca-se o alvará de 1º de abril de 1808 que abole toda a proibição que existisse no Brasil e nos demais domínios ultramarinos o desenvolvimento da atividade industrial. (Neves e Machado, 1999). Na verdade, o Brasil terá que esperar mais alguns anos para ter um crescimento considerável de suas indústrias. Para a região do antigo Engenho Novo, a vinda da família real vai representar maior desenvolvimento da área, que receberá parte da nova população, requalificando áreas como São Cristóvão, que irá abrigar a família real, e as regiões vizinhas, como o Engenho Novo.

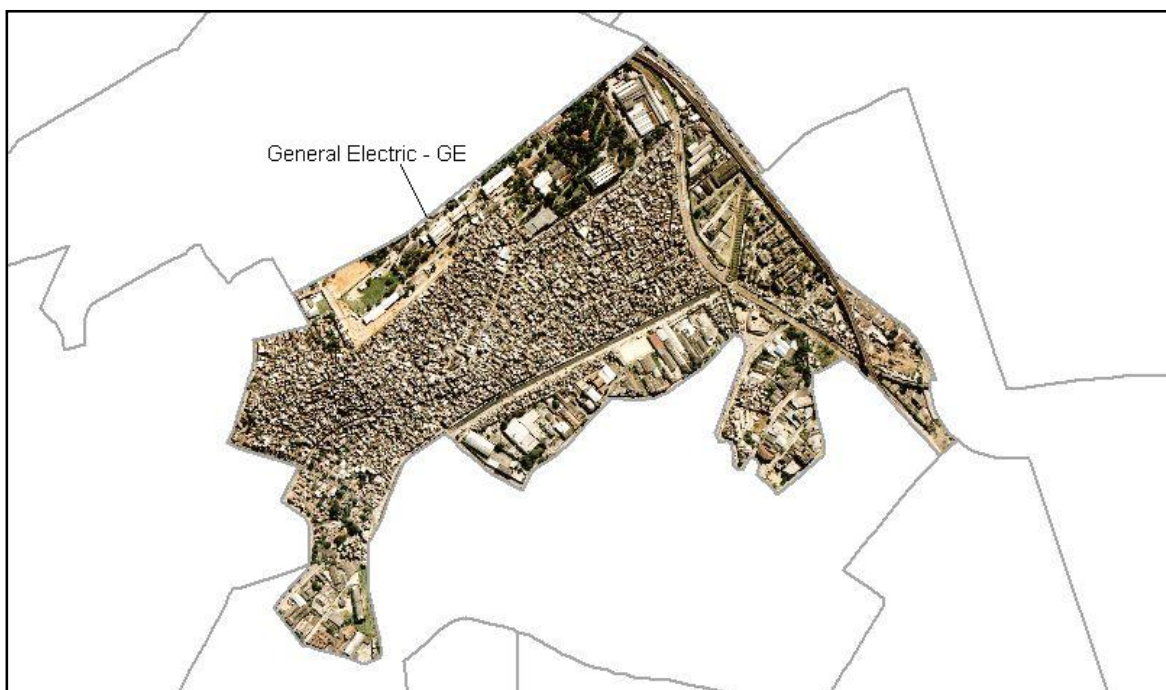
Inaugurada em 1858, a Estrada de Ferro Real D. Pedro II vai caracterizar uma nova etapa na história da cidade. Dois anos depois, são inauguradas as linhas do subúrbio, o que será um grande impulso ao desenvolvimento dos bairros cortados pela linha férrea.(Gerson, 2000). Entre os bairros cortados pela linha férrea, está o Jacaré. Aos poucos, essa região caracterizada pela produção agrícola vai cedendo lugar ao desenvolvimento industrial. Nos primeiros anos da década de 1900, a paisagem do Jacaré já fará referência às indústrias. Passaremos agora a descrever um cenário que em poucos anos deixa de abrigar fábricas isoladas e se transforma em um grande complexo industrial.

2.2 - Primeiras indústrias: marcos da memória operária

A partir primeira metade de século XX, com o estabelecimento de indústrias na região da Avenida Dom Helder Câmara, o Jacaré, passa a ser urbanizado e ocupado. É nesse período que surge, no bairro, a favela do Jacarezinho. Os cheiros vindos das

indústrias, os operários circulando nas ruas e os apitos das fábricas passam a definir esse cenário.

Já na década de 1920, grandes empresas como a General Electric (GE)¹⁰ ocupavam a região e empregavam mais da metade dos moradores do Jacarezinho. Essa empresa é um marco fundamental para a construção das memórias dos moradores e operários desse espaço.



Mapa do Jacarezinho. Em destaque à fábrica da GE. Fonte : Mapas - Armazém de Dados - www.rio.rj.gov.br.

Em geral, a GE é citada nas entrevistas, seja por ex-operários da indústria ou apenas por aqueles que a consideram como parte da história da região. O fato de ter sido uma das primeiras grandes indústrias a se instalar na área faz da empresa uma referência para o desenvolvimento da região. A GE desempenhou e desempenha um papel importante junto ao Jacarezinho, muito além de fornecer trabalho para a mão-de-obra da região.

¹⁰ A General Electric é uma indústria multinacional com atividades em mais de 100 países. Em 1919, a empresa passa a investir na América Latina e instala sua primeira fábrica no Brasil, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Apesar de a localização da fábrica fazer referência a Maria da Graça, seu muro faz divisão com o Jacarezinho. A GE sempre esteve presente no Jacarezinho através da oferta de empregos, projetos sociais e a própria cessão de áreas de lazer (campo de futebol) que é utilizada majoritariamente pelos moradores do Jacarezinho.

A GE tava pronta pra servir a gente... e por aí em diante a GE tem sido uma empresa, *a mãe* do Jacarezinho até hoje. Eu acredito, se continuar vai ser bom, mas se ela sair vai ser uma tristeza muito grande pra gente aqui dentro.¹¹ (ex-operário e morador do Jacarezinho, grifos meus).

A fala acima nos dá um pouco da dimensão da importância dessa empresa dentro do Jacarezinho e do receio em relação a sua possível saída do bairro.¹² Ex-funcionário da GE, apesar das moderações em algumas situações, como atitudes tomadas por dirigentes da empresa durante as greves, o entrevistado nos ressalta o caráter positivo da relação travada entre a empresa e o Jacarezinho. Tamanha sua admiração pela empresa que, como podemos observar em sua fala, confere à GE o título de “mãe” do Jacarezinho.¹³ Poderíamos nos perguntar se o Jacarezinho tem um “pai”, diríamos que entre os marcos da história daquele espaço, o mesmo entrevistado nos fornece mais esse personagem que como veremos adiante, também faz parte da memória da região¹⁴.

Mas como o Jacaré e o Jacarezinho cresceram e se transformaram ao longo de quase 80 anos de história? Se nas primeiras décadas de sua constituição a favela ainda não apontava como um grave problema para a cidade do Rio de Janeiro, nos anos 1950 essa questão fará parte dos principais debates sobre urbanização e habitação. É nesse contexto que o Jacarezinho vai enfrentar as tentativas mais incisivas de remoção.

Se acompanharmos os noticiários de jornal da década de 1950 e 1960 podemos perceber uma crescente preocupação com relação à questão da habitação no Rio de Janeiro, tendo o tema “favela” recebido considerável destaque. Nesse período, uma parcela da Igreja se apresenta como ator principal na tentativa de legitimar as habitações

¹¹ Entrevista concedida à autora em 27/07/05.

¹² Após a demissão de 358 funcionários da fábrica da GE no Jacarezinho, em Janeiro de 2005, aumentou a discussão da possível saída da empresa da região. “GE demite 358 no Rio e sindicato diz que outros 700 estão sob ameaça”. *O Globo* 07 de janeiro de 2005.

¹³ Como exemplo de projetos sociais desenvolvidos pela GE no Jacarezinho temos o “Crianças Saudáveis, Futuro Saudável”. “A GE Elfun Volunteers, uma organização de voluntários da General Electric Co. - através de seu braço filantrópico, a GE Foundation - investiu R\$ 170 mil para jogar luzes do saber e da auto-estima em crianças de 4 a 14 anos da comunidade, vizinha à fábrica de lâmpadas que a empresa mantém desde 1920 em Maria da Graça e que é o primeiro negócio da GE no Brasil. Segundo a presidente da GE Elfun Volunteers, Flávia Moura, o programa sócio-educativo que começa este mês e deve durar um ano beneficiará cerca de dois mil alunos da rede pública de ensino. O objetivo é integrar ao currículo escolar temas como cidadania, auto-estima, higiene, nutrição e saúde preventiva”. In : “Jacarezinho: foco de luzes do saber e da auto-estima” – *O Globo*, 06 de setembro de 2003.

¹⁴ Padre Nelson Carlos Del Mônico, pároco da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora é tido por algumas pessoas como o “pai” do Jacarezinho. No capítulo IV voltaremos a falar desse personagem que faz parte da memória coletiva dos entrevistados.

em morros da cidade. Dom Helder Câmara, através da Cruzada São Sebastião, apóia a fixação dos moradores em favelas e a urbanização das mesmas. Em artigo publicado em dezembro de 1955, sem autoria, vemos uma contundente defesa desses espaços e de seus moradores, atribuindo a culpa de sua situação ao poder público. O texto abaixo foi escrito em resposta ao debate na Assembléia Legislativa ocorrido dias antes e também publicado no *Jornal o Globo*.¹⁵

Ninguém mora numa favela por prazer ou por inclinação. É necessário que o obrigue a isso. Primeiro porque não ha habitação em número suficiente, segundo porque os preços dos aluguéis são por demais elevados, terceiro porque o abandono que esta relegado o homem do campo facilita a sua migração em busca de centros onde o ganha pão não parece tão difícil.... a favela é antes de tudo uma questão social. É só dentro desse aspecto é que deve ser encarada e resolvida... não se pode negar o valor nesse terreno, à obra pioneira da Fundação Leão XIII,¹⁶ sob o influxo entusiasta de D. José Távora. Como será injusto levantar restrições a essa notável “campanha de humanização das favelas”, que tem “ a frente o verdadeiro apóstolo que é D. Helder Câmara.”¹⁷

Defendendo a permanencia dos favelados nas áreas já ocupadas e a melhora nas condições de vida dessas pessoas, esse grupo encontra resistência entre diversos setores da sociedade. A reportagem continua criticando os que diferem da posição de apoio às favelas.

Há um projeto na câmara concedendo crédito de 50 milhões de cruzeiros à “cruzada São Sebastião”, como também se chama o movimento. Quando o assunto chegou ao plenário, ao lado dos louvores do Deputado Medeiros Neto, surgiram reparos dos deputados Osvaldo Lima Filho e Josué de Castro, um considerando a situação do trabalhador do campo mais aflita e outro batendo na mesma tecla, dizendo que, enquanto não se der rurícola condições que o fixem no campo, a questão permanecerá insolúvel. Sem dúvida, há forte ligação entre os dois problemas. Mas não se pode inferir que as favelas sejam abandonadas até que os campesinos tenham seus problemas solucionados.¹⁸

¹⁵ “Debate sobre o projeto que abre crédito especial para auxiliar a Cruzada São Sebastião na urbanização de favelas do Distrito Federal”. *O Globo*, 10 de dezembro de 1955.

¹⁶ A Fundação Leão XII foi criada em 1947 para prestar serviços de assistência social aos favelados do Rio de Janeiro, sendo vinculada a Igreja Católica. Em 1963, torna-se autarquia do Estado ligada à Secretaria de Serviços Sociais. A partir de 1975 com a fusão do Estado da Guanabara, a Fundação Leão XIII ficaria subordinada à Secretaria de Governo. (Diniz, 1982)

¹⁷ “A favela, questão social”. *O Globo*, 14 de dezembro de 1955. Capa.

¹⁸ Idem.

Como podemos perceber, a questão da migração entre em pauta na discussão sobre moradia e favela no Rio de Janeiro. Outras reportagens relacionam a migração desse período com a crescente ocupação dos morros e terrenos vazios da cidade. Quase 10 anos depois da publicação da reportagem citada acima, a questão das favelas continua em pauta. O surgimento de mais uma favela recebe destaque na imprensa.

A nova favela fica próxima á torre da rádio Globo, é quase toda formada por nortistas e nordestinos, entre os quais, a metade pelo menos, é de crianças. Os primeiros barracos foram levantados por um operário do Jacaré Sr. Alberano Macedo, que se recusou a ir para a Vila Kennedy¹⁹. Depois chegaram os retirantes de Pernambuco, Alagoas e Maranhão que ficaram por ali porque não tinham sequer emprego na cidade.²⁰

Esse trecho é interessante porque mostra como o problema persiste, e por outro lado aponta a presença de um operário do Jacaré na ocupação dessa nova favela. A resistência a se afastar do trabalho certamente foi uma das motivações para sua fixação na Avenida Brasil. Outro ponto importante é o destaque da falta de emprego entre os novos moradores da cidade. Como veremos mais adiante, as falas dos entrevistados sempre nos remetem para um passado de abundância de empregos. A partir da observação da condição de alguns migrantes podemos, presumir que essa oferta não era tão expressiva como algumas falas indicam.

Para os moradores do Jacarezinho, a questão da fixação no morro passou por disputas e acirramentos entre moradores e o poder público. Também nesse espaço da cidade se faz notar a presença da Igreja Católica e da Fundação Leão XIII. Um dos marcos na memória dos moradores como uma real possibilidade de fixação na área dá-se a partir da construção da primeira Igreja Católica. A ordem dos Salesianos, já há algum tempo no bairro, funcionando dentro da Fundação Leão XIII, dá início à construção do prédio na primeira metade da década de 1960. A importância política e principalmente simbólica dessa obra no alto do morro é narrada pelos entrevistados.

Eu cresci vivenciando o medo da remoção do pessoal, vão tirar a favela, vão tirar a favela, vão tirar a beira do rio. Se tirar a beira do rio, vão tirar aqui em cima também. Quando a Igreja se fixou, é essa a visão que eu tenho, eu

¹⁹ O bairro de Vila Kennedy foi inaugurado pelo governador Carlos Lacerda em janeiro de 1964. As casas populares foram construídas para abrigar moradores removidos de favelas do centro do Rio de Janeiro.

²⁰ “Nova favela cresce na avenida Brasil e ganha gente sem ser notada” – *O Globo*, 10 de janeiro de 1966.

mantenho ela com todas as críticas que tenho ao padre Nelson e o pessoal aos outros padres ali, mas quando o pessoal viu onde era o grande lixão da favela, todo mundo que morava na parte meia e alta do morro jogava o lixo ali, que a população participou daquele mutirão que limpou, que a obra começou e a Igreja ficou pronta, na cabeça das pessoas, eu sei porque foi a cabeça de meu pai e de vizinhos ali, se a Igreja tá ali e pela primeira parte da Igreja que é a parte de baixo, que tem o salão, se ela já estava daquele tamanho com a perspectiva de ampliar e aí trouxeram o desenho de como seria Igreja, essas coisas, se a Igreja tá no meio do morro, tá sendo construída e não vai sair a minha casa também não vai sair. Aí eu presenciei o esforço das pessoas de melhorar a casa. Aí de repente a gente viu um monte de casa assim de tijolo, porque a maioria, a minha casa mesmo era de estuque.²¹ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

A fixação da Igreja, uma das primeiras casas de alvenaria no morro, pressupõe a fixação dos próprios moradores. Isso funciona de maneira prática porque, de fato, a Igreja certamente acreditava na possibilidade de permanecer na região. E de forma simbólica, os moradores incorporam o discurso de permanência na área, desta vez com muito mais fôlego e com um importante alibi, a construção da Igreja.

Paralelamente à construção da Igreja, os moradores criam estratégias de organização e sobrevivência no espaço ocupado. A resistência dos moradores é destacada por alguns líderes comunitários da época, que fazem questão de ressaltar a importância política do Jacarezinho.

O Jacarezinho politicamente, eu considero o Jacarezinho, talvez não agora, mas agora mesmo, politicamente a comunidade favelada mais desenvolvida do Rio de Janeiro ou talvez do Brasil. Aqui nasceram grandes iniciativas comunitárias. Aqui tem a Sueli que é minha filha, foi secretária na associação de moradores isso em 75, 79. ali nós desenvolvemos um trabalho, ali na associação de moradores, naquela época, porque o Jacarezinho era carente de muita coisa, por exemplo aqui a gente não tinha esgoto, tava até contando pro cara ali. Você morava no Jacarezinho, tinha muita gente, mas não tinha urbanização, nem asfalto nem nada. Então de tanto as pessoas que passavam de lá pra cá, criavam aquela lamasinha fininha que não havia como você não se sujar. E aí a gente saía pra trabalhar, pra passear, todo mundo levava o seu paninho na mão que é pra chegar na saída lá fora pra pegar a condução limpar o calçado.²² (ex-operário e ex-morador do Jacarezinho)

²¹ Entrevista concedida a autora em 12/07/05.

²² I Seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

Antes mesmo dos Salesianos começarem a desenvolver sua obra, os moradores já lutavam por sua permanência no Jacarezinho. No trecho abaixo temos a descrição das primeiras mobilizações para a permanência do Jacarezinho, antes do início da construção da Igreja Católica. Apesar de ainda não participar da luta, esse ex-operário nos conta sobre esse período.

...qualquer cidadezinha que você chega, a primeira coisa que você vê é uma Igreja, tem sempre uma Igreja, é a primeira coisa que coloca é uma Igreja... e aqui não foi diferente. A primeira Igreja Evangélica que teve aqui que eu me lembro, foi aqui a primeira Igreja Batista, foi o Pastor Antídio que fundou essa Igreja... Inclusive o pastor Antídio, na década de 40, ele até fez um culto, uma vigília em defesa da não remoção do Jacarezinho porque naquele tempo entrava cavalaria, entrava um pessoal pra botar os moradores pra fora, então o pessoal daqui parece que lutaram muito. Eu nem participava ainda da luta nesse tempo, mas os antigos lutaram muito... até que já entrando na década de 50, uma outra pessoa que fez a história do Jacarezinho, defendeu muito, ele chamava, chama, não sei se esta vivo ainda, professor Átila, foi o cara que ajudou a organizar várias caravanas ao Palácio do Catete, naquele tempo... Porque tinha presidente da República aqui... Depois ouvi uma conversa que a mulher do Getúlio mandou cessar essa perseguição e daí pra frente o Jacarezinho pode ter uma vida mais tranqüila.²³ (ex-operário e ex-morador do Jacarezinho)

Já com a sinalização de permanência no local, o Jacarezinho tem um grande salto populacional, motivado também pela instalação de novas indústrias. De acordo com as entrevistas a transformação do espaço é rápida e em grande medida promovida pelos próprios moradores. Como veremos mais adiante, as décadas de 1960 e 70 vão marcar uma forte mobilização comunitária que juntamente com ações do poder público, vai transformar a paisagem do Jacarezinho. Na fala abaixo, temos um panorama das transformações ocorridas a partir dos anos 1960. Com uma trajetória de migração, essa senhora nos narra com emoção sua chegada ao Jacarezinho e a história do local a partir das memórias de seu falecido marido.

Eu, quando eu vim aqui para o Jacarezinho, eu vim de Alagoas né, Maceió. Eu sou de Maceió. Eu vim com 26 anos, coisa assim... eu tenho 75 né... eu cheguei aqui no Jacarezinho em 20/03/1960. Mas eu já tinha chegado, eu tava na praça do Carmo trabalhando em casa de família desde de 57, 57. Aí eu vim pra aqui, conheci meu marido aqui... ele tinha uma senhora doente, essa

²³ I seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

senhora morreu e ele não tinha filho, não tinha nada, aí a gente foi viver, ele ficou com muita pena de um filhinho que tinha né, que eu trouxe de Maceió pra qui, sozinha né, eu e ele. Eu e meu filho, sem parente, sem ninguém. Eu vim e fiquei aqui e a gente foi lutando. E meu marido era fundador daqui. Aqui era capinzal, aqui ele fez um chalé, um barraco, do barraco ele fez chalé, mas isso já foi ele, não foi comigo não. Aí do chalé ele fez essa casa, botou laje, mas quando eu vim pra aqui tava tudo assim... tijolos, tijolos né...²⁴
(moradora do Jacarezinho)

A idéia de fundador do local atribuída ao seu marido e a referência ao capinzal foi a introdução para a narrativa de evolução urbana porque passou o bairro nos anos 1960. A transformação sofrida pela casa em que essa senhora mora até hoje funciona como uma metáfora das mudanças do próprio bairro. A narrativa desse contexto de “fundação” do bairro destaca duas gerações de “fundadores”: a primeira, atribuída a seu marido que faz referência à época do capinzal e, a segunda, que inclui sua própria participação no movimento comunitário no começo dos anos 60. A partir dos depoimentos, podemos presumir que na época da entrada dessa senhora no Jacarezinho o capinzal já começava a ser uma realidade distante e as primeiras casas de alvenaria passavam a fazer parte do cenário.

Com o crescimento industrial do bairro no início da segunda metade de século XX, a migração aumentou. É a partir desse período que boa parte dos entrevistados vai chegar ao bairro e se familiarizar com o Jacarezinho e os espaços produtivos do Jacaré. A trajetória de migração e fixação no bairro elucida as expectativas e os problemas enfrentados no novo espaço. Para compreendermos melhor esse momento, analisaremos esse processo a partir da fala dos entrevistados.

2.3 - Migração e expansão do bairro

Na década de 1950, com o crescimento do processo de industrialização, a população do Jacarezinho aumenta com a vinda de migrantes de diferentes regiões do Estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.²⁵ Grande parte dessas

²⁴ Entrevista concedida à autora em 07/03/06.

²⁵ Relatório do Programa de Desenvolvimento Econômico Local (PDEL).

pessoas vai trabalhar nas fábricas da região, indo morar no Jacarezinho. Algumas das entrevistas realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa nos elucidam esse trajeto de migração. Em geral, uma rede se formava para a vinda das famílias, parentes ou amigos que migraram antes e serviam como referência para os novos migrantes. A vinda para o Jacarezinho era decidida pela oferta de emprego no próprio bairro, pela facilidade de deslocamento para outras regiões da cidade e pela facilidade de se conseguir moradia.

...a gente chegou, não meu pai chegou primeiro. Meu tio veio de Alagoas, meu tio veio primeiro. Que eu sei que meu tio já morava no Jacarezinho e já trabalhava no Copacabana Palace como porteiro, aí meu pai fez contato com ele, ele mandou meu pai vir. Meu pai veio na frente, ficou morando na casa, na 35 que era do meu tio, ficou morando lá, que depois virou dois quartos e banheiro. Meu tio já não morava mais no morro e alguns meses depois meu pai mandou buscar a gente. Então veio eu, minha mãe, meu irmão Ricardo e minha irmã Carmiha, viemos em três. eu Tinha três anos, Ricardo dois e Carminha dois meses.²⁶ (professora e ex-moradora do Jacarezinho)

Na fala acima, temos uma narrativa que se parece com a história de muitos dos migrantes que vieram para o Jacaré. Primeiro veio um irmão, depois o pai e por fim o resto família. Filha de migrantes, apesar de ter vindo muito nova para o Rio de Janeiro, guarda a memória da falta d'água no nordeste, problema também enfrentado quando chegou à favela Rio de Janeiro. “São coisas, quer dizer eu lembro bastante, que lá em casa tinha muita lata d'água [Jacarezinho]. Que nordestino já tem pânico de não ter água”.²⁷

No caso do bairro, o problema não era a falta d'água por completo, o que dificultava a vida dos moradores era o fato da água não chegar nos pontos altos do Jacarezinho, fazendo com que o deslocamento para se conseguir encher as latas d' água fosse grande. Em outros pontos da cidade a falta d'água também atinge os moradores e o problema é apontado como característico do “morro”.

Como nos fez notar uma jovem senhora, mãe de três filhos, moradora do morro do Cantagalo, a falta de água (um dos grandes problemas que tem que enfrentar a gente do morro), é a mesma no natal que nos outros dias do ano...

²⁶ Entrevista concedida a autora em 12/07/05

²⁷ Idem.

“O melhor presente de natal seria a água no alto do morro” [fala da “jovem” senhora].²⁸

Outros personagens nos narram a vinda para o Rio de Janeiro:

Eu estou com 48 anos, eu vim para cá com 11 anos. Eu nasci no Espírito Santo, fiquei lá até os oito anos, mais ou menos. Aí morei três anos no Paraná, em Jandaia do Sul, não, em Caloré que é um município de Jandaia. Aí lá nós ficamos três anos. Nós trabalhamos como colono, é uma vida muito difícil, minha mãe com muitos filhos, nós éramos dez filhos, seis mulheres e dois homens. E uma vida muito difícil, a gente era colono e trabalhávamos o mês todo, a gente não tinha recurso e meu irmão ficou doente, uma série de coisas. Aí juntamos tudo, minha mãe pegou... meu tio morava aqui no Rio, aqui no Jacarezinho, aqui no Rio de Janeiro. Aí minha mãe pegou escreveu para ele, eles falaram para nós virmos, viemos com a cara e a coragem num caminhão de Pau-de-Arara.²⁹ (costureira e moradora do Jacarezinho)

Novamente a relação com um parente que morava no bairro facilita a vinda e a fixação da família. O que podemos perceber nesse caso é uma trajetória de migração, do Espírito Santo para o Paraná e depois para o Rio de Janeiro. O trecho acima nos fornece informações importantes, mostrando que os motivos para a migração variam muito de caso para caso. Nesse episódio, além das necessidades econômicas e do trabalho muito desgastante, temos uma necessidade de saúde. Quando a entrevistada nos diz e mais “uma série de coisas”, poderíamos concluir que essa fala resume um conjunto de fatores que levam a migração. No caso dessa entrevistada, logo depois que chega ao Rio de Janeiro ela começa sua vida como operária de uma fábrica de costura, atividade que exerce até hoje, agora como membro de uma cooperativa.

Sobre a origem dos trabalhadores de uma empresa do bairro, a Cisper, temos a seguinte narrativa.

Hoje nem tanto, mas quando da década de 80 podia se dizer que a grande maioria era do bairro, principalmente aqui do Jacarezinho. Era um troço interessante, você pegava a lista de empregados da Cisper³⁰ e chegava a encontrar assim na relação dos empregados, quinze nomes com sobrenomes

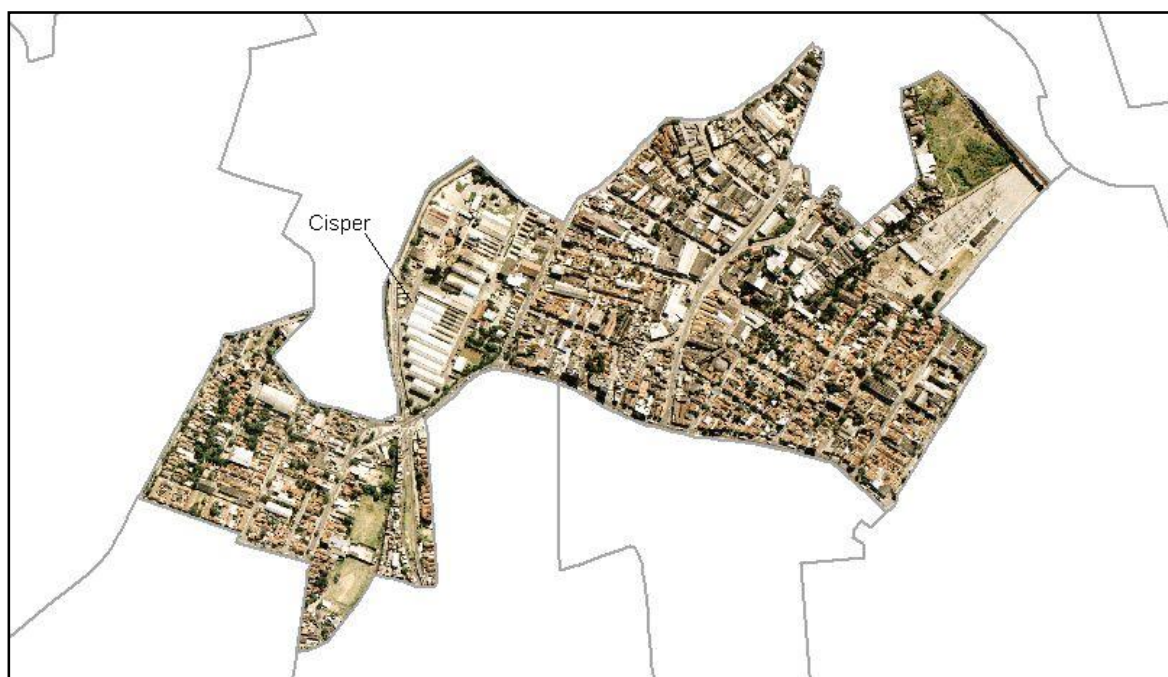
²⁸ “Fazer as crianças felizes neste natal é a preocupação dos moradores do Cantagalo” – *O Globo*, 12 de dezembro de 1955.

²⁹ Entrevista concedida à autora em 04/07/03.

³⁰ A Cisper está no bairro desde 1917 mantendo sua produção até hoje no mesmo local. Porém, algumas etapas da produção estão sendo feitas em outros estados do país. Apesar de ser uma das empresas mais antigas no bairro e também contribuir com projetos de desenvolvimento social no Jacarezinho, a empresa não adquiriu, na memória dos entrevistados, a importância simbólica que é atribuída a “mãe” GE.

Ismite, então famílias que vinham do norte já vinham tudo direto pra trabalhar na Cisper.³¹ (funcionário do Sindicato dos Vidreiros).

Como observado na citação acima podemos encontrar o processo de migração feito por famílias inteiras que conseguiam emprego na mesma fábrica. Alguns estudos apontam para o incentivo da empresa para que seus funcionários indicassem parentes para ocupar cargos, mas essa prática não foi relatada nas entrevistas, o que não significa dizer que mesmo de modo informal ela tenha acontecido.



Mapa do Jacaré. Em Destaque à fábrica da Cisper – Fonte: Mapas – Armazém de Dados - www.rio.rj.gov.br.

Através das entrevistas, verificamos que mesmo se tratando dos migrantes nordestinos não existe uma homogeneidade que caracterize essas pessoas em um único grupo. Migrantes de diferentes “nordestes” e de outras regiões do país, essas pessoas constituíram uma sociabilidade diferente no bairro. Segundo os entrevistados, não havia uma união entre eles por conta de sua origem. Essa união se deu com o tempo por conta das necessidades surgidas no próprio bairro.

³¹ Entrevista concedida à autora em 09/08/05.

...não a família do meu pai não mantinha um elo de aglutinação. Mas isso já tem a ver lá no nordeste né. Porque meu pai saiu muito cedo de casa no interior de Alagoas para tentar a vida em Recife, o irmão dele ficou pouco tempo em Recife veio para o Rio, então as pessoas construíram vidas distantes, dentro do nordeste mesmo. E quando chegou no Rio não tinha uma relação muito boa. Minha mãe pela própria carência de estar sozinha, procurava muito mais as minhas tias, irmãs do meu pai para estar junto, em contato do que o próprio meu pai e minhas tias, um com outro, mas não havia aquela coisa da, da família esta sempre junto né... até porque, assim eu não consigo lembrar de festas naquela época, nem... dentro do Jacarezinho eram pouquíssimas coisas.³² (ex-moradora do Jacarezinho)

A fala acima nos chama atenção para outro fator interessante, a separação que vinha do próprio Estado de origem, a migração dentro da própria região afastava as famílias. Apesar de ser fundamental a interação com um parente ou amigo que dará as coordenadas para a migração isso não significa a união dessas pessoas nesse novo espaço. Segundo essa mesma entrevistada, apesar de existir uma comunidade nordestina antiga no bairro sua família ficou muito só quando chegou ao Rio de Janeiro.

Essas famílias que chegavam ao Jacarezinho foram marcando sua presença e criando uma memória sobre aquele espaço. Para aqueles que chegaram ainda crianças ou que já nasceram no bairro, parte dessa memória foi transmitida pelos pais e avós. Entre os pontos que merecem destaque na memória está o nome do bairro.

2.4 - Memórias de um bairro: um nome em questão

O espaço hoje considerado como bairro do Jacaré ganhou este status administrativo em 1981.³³ Mas qual o porquê deste nome para uma região antes caracterizada pela atividade agrícola e já na época da criação do bairro reconhecida por sua atividade industrial?

Segundo um dos entrevistado, o nome do bairro surgiu da marca de um querosene.

³² Entrevista concedida à autora em 12/07/05;

³³ Em anúncios de aluguel publicados no Correio da Manhã em 1916, já identificamos o Jacaré sendo uma subdivisão dos subúrbios do Rio de Janeiro. Citado em Marialva Barbosa (1991:147)

Um detalhe importante é a origem do nome do bairro Jacaré. Eu não era nem nascido existia no Largo do Jacaré um português que vendia querosene a granel e a marca era Jacaré...³⁴ (morador do bairro)

O entrevistado nos relata que com o tempo o nome Jacaré passou a ser usado para se referir ao largo e depois deu nome ao bairro. A favela que nasce na região a partir das primeiras décadas do século XX vai receber no diminutivo o nome do bairro, vindo a se chamar Jacarezinho. Na época da constituição da favela presumimos, que a população residente no Jacarezinho fosse bem menor que a população do Jacaré, sendo, portanto, inteligível que o diminutivo fosse atribuído à favela em criação. Como já vimos, através de dados mais recentes, hoje essa realidade foi invertida, tendo o Jacarezinho uma população quase 10 vezes maior que a do Jacaré. O querosene da marca Jacaré é da distribuidora de combustível ESSO, a empresa repassava o produto para algumas revendedoras que distribuíam o querosene por várias regiões do Brasil³⁵. Devemos lembrar que até a meados do século XX o querosene tinha grande importância na vida das pessoas, além das geladeiras e fogões utilizarem este combustível, ele era essencial para a iluminação de casas e ruas.³⁶



Querosene Jacaré.
Fonte: www.crisderivados.com.br

³⁴ Entrevista concedida à autora em 03/08/02.

³⁵ Retirado da página www.crisderivados.com.br - 10/09/2005.

³⁶ Em Pernambuco o mesmo querosene deu nome a uma banda de rock, "Querosene Jacaré". O nome foi dado em homenagem ao pai de um dos integrantes do grupo que vendia o querosene no interior de estado. Retirado da página: www.reciferock.com.br.

Em um comercial da década de 1950 a ESSO faz propaganda do Querosene Jacaré.³⁷ O típico chapéu nordestino que caracteriza um dos personagens em cena nos chama atenção. A vinculação desse comercial nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo pode ter tido como público alvo a população nordestina que migrou para essas cidades. Considerando a forte presença desse grupo no Jacaré e a larga utilização do querosene, parece-nos plausível que o produto tenha dado nome ao bairro. Abaixo temos algumas imagens do comercial citado que podem nos ilustrar melhor seu conteúdo.



Fonte: <http://sampa3.prodam.sp.gov.br/ccsp/index.htm>

O referido comercial, em desenho animado, era acompanhado por um jingle que discorria sobre o cotidiano da utilização do produto pela população, assim como as cenas da animação.

Jingle: Querosene é Jacaré! Querosene é Jacaré! Que claridade tem um lampião que usa o Querosene Jacaré. No mundo todo é uma beleza cozinhar com o Querosene Jacaré, e a geladeira gela, gela muito mais com o Querosene Jacaré. Até pintinho que vive em criadouro é aquecido a vida toda pelo Querosene Jacaré. É Jacaré, é Jacaré, é Jacaré, Querosene é Jacaré. A qualidade do Querosene Jacaré é garantida pelo aval ESSO.

³⁷ Querosene Jacaré - comercial da década de 50, em desenho animado, com jingle. Anunciante: ESSO. Agência: McCann Erickson.

Narrador: Querosene puro é Jacaré. A venda nos postos ESSO e casas do ramo³⁸.

Porém, a versão mais citada nas entrevistas sobre o nome do bairro, não faz alusão ao Querosene Jacaré. A narrativa dos entrevistados é a de que dois Jacarés teriam dado nome ao bairro. Segundo os moradores um grande Jacaré, fêmea, teria aparecido na parte baixa do morro e na parte alta os moradores teriam achado outro Jacaré, um filhote, supostamente filho do Jacaré fêmea achado anteriormente. Dessa visita dos jacarés “mãe e filho” teria surgido o nome do bairro, como nos demonstra o relato abaixo:

E também, naquela época, aqui se chamava Jacarezinho, vou te dizer porque o do Jacarezinho que meu pai me contou. Que não fui eu, isso já foi na época do meu pai. Era Morro da Titica, mas eu ainda era pequeno... mas segundo as pessoas mais velhas encontraram um Jacaré enorme lá, onde hoje se chama Jacaré né, dentro do rio, ali perto do Baronesa, por ali. E descendo mais aqui um pouco, chegando aqui dentro da comunidade encontraram o filhote do jacaré. Por isso né, o Jacaré e o Jacarezinho. Mas o Jacarezinho eu acredito que já teve outros nomes que eu não sei, comunidade carente é assim cada hora né, coloca um nome.³⁹ (ex-operário e morador do bairro)

O bairro do Jacaré é cortado pelo Rio Jacaré, sendo provável a presença dessa espécie de animal em suas águas, o que poderia reforçar a versão mais presente entre os moradores para o nome do bairro. É interessante ressaltar os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, a memória quase que “herdada” do pai e dos moradores mais velhos é parte determinante da memória do próprio entrevistado (Pollak, 1992a). Apesar de não ser do seu “tempo”, ele sabe como foi, ele tem uma memória sobre o nome do bairro.

O nome Morro da Titica, citado pelo entrevistado, apareceu em outras entrevistas, faz alusão a uma época em que o esgoto corria pelas ruas e até por dentro das casas proliferando um enorme mau cheiro no bairro. Percebe-se que essa referência é evitada pelos moradores, em uma entrevista o nome não é citado, o que se diz é que a comunidade já teve um nome “estranho”. Outra versão para o nome Morro da Titica também faz referência ao mau cheiro, no entanto, a justificativa é outra.

³⁸Transcrição feita a partir do comercial “Querosene Jacaré”: <http://sampa3.prodham.sp.gov.br/index.htm>.

³⁹ Entrevista concedida á autora em 27/07/05

...existia também uma fábrica aqui que era muito conhecida chamada... a gente chamava muito de... aqui do Jacarezinho né, por isso que chamava Morro da Titica, tinha uma fábrica, a gente chamava de fábrica de osso, um mau cheiro terrível, as vezes a gente aqui dentro de casa, hora do almoço, ia almoçar, então aquele cheiro predominava dentro da casa da gente.⁴⁰ (ex-operário e morador do Jacarezinho)

Além do cheiro da “fábrica de ossos”, mesmo que sem relação aos nomes do local, outros cheiros predominavam no bairro, muitos deles ainda presentes na memória dos seus moradores estão diretamente relacionados à presença das fábricas na região. Outro cheiro que evoca lembranças e que é descrito como agradável pelos moradores, é o aroma de café e chocolate vindo da chaminé da fábrica Café Moinho de Ouro.

A década de 1990 marca o início de uma série de transformações naquela região. Alguns nomes são escritos na história, legitimados, por exemplo, com a criação do bairro do Jacaré (1981) e mais de dez anos depois a criação do bairro do Jacarezinho (1992). Por outro lado os aromas que marcavam bairro, assim como a movimentação dos operários e os apitos das fábricas vão aos poucos deixando de fazer parte daquele espaço. Os anos 1990 marcam a saída das indústrias bem como o silenciar dos apitos e o apagar das chaminés.

2.5 - Formação e declínio de um complexo industrial

A diferença entre as décadas de 1950 e 1960 e os anos 1990, no Jacaré e Jacarezinho, no tocante às transformações urbanas, à produção industrial e à violência são inúmeras. Com relação às indústrias, podemos falar de uma passagem do ápice ao declínio. No entanto, outros fatores acompanharam as mudanças no perfil do bairro. Quanto à criminalidade, podemos considerar uma mudança na frequência e violência dos crimes, fator que afetou diretamente a permanência das fábricas e a vida dos moradores no bairro. Além disso, a polícia, na visão dos moradores, passa a ser considerada uma grande propagadora da violência no morro.

⁴⁰ Idem.

Nas décadas de 1950 e 1960, podemos encontrar o Jacarezinho nos jornais tendo a violência como foco de algumas reportagens. No entanto, como nos sugere a análise dos jornais, as ocorrências mereciam apenas pequenas notas no jornal como é o caso do exemplo abaixo.

O padeiro Nilson Rangel (brasileiro, solteiro, 23 anos, Rua Isa, 8) quando fazia entregas no morro do Jacarezinho, foi assaltado por três indivíduos armados de revólveres, que levaram um relógio, uma caneta tinteiro e quinhentos cruzeiros. Os mesmos indivíduos, pouco adiante, assaltaram o operário Francisco de Oliveira Pinto (casado, brasileiro, Rua do Rio, 23) que foi obrigado a entregar vinte cruzeiros e também, um relógio.⁴¹

É peculiar notar que o assalto envolveu, além do padeiro, um operário morador do bairro. De acordo com os depoimentos, a investida contra moradores é punida com severidade pelos próprios criminosos. No entanto, no período dessa reportagem a organização dos marginais não deveria atingir os níveis das próximas décadas. Em outra reportagem, temos a ocorrência de um assalto à residência nas proximidades do Jacarezinho.

Nenhuma pista obtida pela 23ª D.D. [Delegacia de Defraudações] para a identificação do assassino do Jornaleiro Astolfo Gonçalves da Silva, 60 anos. Abatido a pauladas na sexta-feira, em sua residência. O criminoso invadira a casa para roubar e, na fuga, feriu ainda o filho do Jornaleiro e dois empregados. O detetive Bretãs disse a O Globo que o morro do Jacarezinho está sendo vasculhado.⁴²

O perfil do bairro vai mudar ao longo das décadas com o crescimento industrial e a mudança na estrutura urbana tanto do Jacaré quanto do Jacarezinho. Como veremos mais adiante a violência deixa de ser matéria para pequenas notas e ganha as páginas principais dos jornais, tendo como consequência a morte de várias pessoas e um forte impacto nas indústrias da região. Essas mudanças têm como marco a década de 1960.

Em 1961, Carlos Lacerda assume o governo do Estado da Guanabara promovendo a ida de várias indústrias para o bairro do Jacaré, criando o complexo industrial do Jacaré. A localização do complexo foi decidida por ser o Jacaré um bairro central: ele fica perto da Avenida Brasil e de duas grandes vias arteriais, a Avenida 24 de Maio e a Avenida

⁴¹ “Padeiro e operário assaltados no morro do Jacarezinho”. *O Globo*, 23 de dezembro de 1955.

⁴² “Morte do jornaleiro”. *O Globo*, 04 de janeiro de 1966.

Marechal Rondon, ambas construídas no governo de Carlos Lacerda. Outra via de acesso ao bairro é uma passagem de nível que liga a Rua Bráulio Cordeiro (principal rua do complexo) à avenida Dom Helder Câmara. Essa obra também foi realizada no governo Carlos Lacerda e ganhou dos moradores do bairro o nome de Buraco do Lacerda. Como um dos fatores que levou o complexo a ser construído no Jacaré, temos ainda a proximidade com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), já instalado no bairro há alguns anos. O SENAI promoveu a formação profissional de trabalhadores de todos os níveis do complexo industrial.

O apogeu do desenvolvimento industrial no bairro, que se dá a partir da década de 1960, vai ter sua trajetória freada pela conjuntura da década dos anos 1980 e 90. A crescente inflação e um conjunto de novas medidas econômicas a partir de 1989 vão determinar novos os rumos para o país. O período que mais impactou a indústria brasileira provocando sucessivas falências e fechamentos de empresas foi o início da década de 1990, durante o governo Fernando Collor de Mello. Não fugindo a regra, foi nesse momento que a maioria das indústrias do complexo industrial do Jacaré reduziram, consideravelmente o número de empregados, faliram, ou se transferiram para outros Estados. Nessa conjuntura, o espaço do bairro vai ser redesenhado, os empregos oferecidos pela indústria não farão mais parte da realidade e outros setores como o comércio passam a receber essa mão-de-obra.

No complexo do Jacaré, várias situações elucidam a conjuntura de crise que o país vivia na década de 1990. Um bom exemplo de desemprego estrutural gerado por inovações tecnológicas é o caso das indústrias de vidro que perdem espaço para a indústria de plásticos. A indústria de vidro Cisper, que na década de 1980 tinha cerca de dois mil empregados e produzia, entre outras coisas, garrafas de Coca-Cola 365 dias por ano, 24 horas por dia, hoje tem cerca de 400 empregados e produz garrafas de Coca-Cola apenas um dia por ano.⁴³

O reflexo disso sobre a vida política-organizativa dos trabalhadores é imediato. Alguns sindicatos diante da considerável perda no número de filiados buscam novas articulações para que seja possível a permanência das suas atividades. De acordo com dados do Sindicato de Metalúrgicos do Rio de Janeiro, nos anos 1970, no Jacarezinho,

⁴³ Relato de um funcionário do Sindicato dos Vidreiros.

existiam 15 pequenas metalúrgicas. Na atualidade, não existe nenhuma. O bairro do Jacaré teve na década de 1970, mais de 50 metalúrgicas e na atualidade existem apenas 27.⁴⁴

Com o agravamento da crise econômica em meados da década de 1990, a saída das indústrias do bairro, assim como as falências, se tornaram uma constante. A Company, por exemplo, que empregava cerca de dois mil empregados, fecha sua unidade no bairro em 1997, transferindo-se para Miracema, MG, cidade que se engajou na “guerra fiscal” promovendo uma política de incentivos para a atração de indústrias. Segundo empresários da região, com a saída da maioria das indústrias a atual paisagem do bairro lembra um território em guerra.

A primeira impressão que se tem ao circular pela periferia da Favela do Jacarezinho é de que parte do bairro foi atingida por uma bomba. *Ruínas das indústrias que quebraram financeiramente ou abandonaram o local por causa da violência* já foram apelidadas pelos empresários que ainda resistem como Nova Hiroshima.⁴⁵ (grifos meus).

Segundo um dos entrevistados, o Jacaré virou um “cemitério” de empresas.

Então é por isso que hoje a gente denomina, os grandes jornalistas que fazem a matéria do passado do Jacaré, eles denominam de cemitério de empresas, não existe mais, só existe hoje espaço físico, hoje tomada pela prefeitura para a construção de residências e outros ficaram mesmo, viraram invasão⁴⁶, se tornaram favelas, espaços físicos enormes e com isso se tornaram moradias.⁴⁷ (dirigente sindical e ex-morador do Jacarezinho)

A partir do processo de empobrecimento sofrido pela área decorrente principalmente da crise da economia, indústrias, como, por exemplo, a Glaxo Welcome

⁴⁴ Relatório do PDEL

⁴⁵ “Violência em favelas expulsa indústrias e lojas”. *O Globo*, 08 de abril de 2001.

⁴⁶ Um convênio da Prefeitura do Rio de Janeiro com o Governo Federal financiou a construção de um conjunto habitacional em uma das ruas do complexo industrial do Jacaré. As obras terminaram em 2006 e os apartamentos já abrigam moradores. Levando em conta o número de ruas com fábricas desativadas e feitas de moradia o alcance desse projeto é limitado. Na própria rua onde foram construídos os edifícios de um lado observamos as novas edificações, do outro lado podemos ver o lixo, fábricas fechadas e outras feitas de moradia. Ver fotos (Anexo III)

⁴⁷ Entrevista concedida à autora em 20/10/05.

(indústria farmacêutica), se transferiram da região também por conta da violência.⁴⁸ A Glaxo tinha cerca de 300 empregados e fechou sua unidade no bairro em 1999, transferindo-se para Jacarepaguá.

Depois das 15h, os caminhões das transportadoras não entram mais nas ruas da periferia do Jacarezinho, por causa dos assaltos. Segundo um antigo comerciante do Jacaré, quando a polícia entra na favela, os traficantes invadem lojas e indústrias, armados de metralhadoras. Os traficantes obrigaram o Laboratório Glaxo, último a deixar o bairro, a manter um buraco que dava acesso ao prédio deles, por onde fugiam - conta o comerciante.⁴⁹

Segundo o gerente de comunicação da Glaxo, João Demenech, os dois principais motivos de a empresa deixar a região foram a falta de espaço para crescer e a necessidade de instalar máquinas mais modernas, o que o prédio não comportava. Ainda de acordo João Demenech, a violência no bairro pesou na decisão. No entanto, o vice-presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN), o empresário João Lagoeiro Bárbara afirma: “Quisera eu que a troca fosse apenas para o aumento da produtividade. Se fosse isso o empresário aumentava ali com o custo menor”.⁵⁰ O empresário estava se referindo a questão da violência nos bairros. As opiniões são contraditórias, o que se verifica no Jacaré é um grande número de galpões e prédios fechados. Se a violência não pesasse tanto na decisão das indústrias de saírem do bairro, provavelmente esses espaços seriam reordenados e aproveitados por essas indústrias em expansão.

A violência é um tema em foco na imprensa carioca nos últimos anos, o Jacaré, assim como o Jacarezinho, recebe destaque em meio a essas reportagens pelos altos índices de criminalidade da região. As reportagens abordam a questão destacando a decadência econômica dessas áreas, atribuindo a falta de segurança para a permanência dos estabelecimentos produtivos como principal fator desse processo. Ainda segundo o vice-presidente da FIRJAN, João Lagoeiro Barbará, os principais bairros afetados pela saída das indústrias foram Jacaré, Penha, Santa Cruz, Ramos e Acari.⁵¹ Em 2001, já se

⁴⁸ Dados obtidos a partir de relato de um funcionário da Associação Comercial e Industrial Regional do Jacaré e Adjacências (ACIRJA).

⁴⁹ “Violência em favelas expulsa indústrias e lojas”. *O Globo*, 08 de abril de 2001.

⁵⁰ “Insegurança fecha fábricas”. *O Globo*, 24 de novembro de 2002.

⁵¹ “As novas zonas de conflito”. *O Globo*, 13 abril de 2003.

publicava uma relação de bairros afetados com o fechamento de indústrias e suas principais causas, como podemos ver abaixo.

Jacarezinho: Entre as empresas que faliram ou mudaram do bairro estão: a Company, a Metrox Indústria Metalúrgica, a Sadia, a Coca-cola, a Direne e outras. Só a Cirpress (empresa de componentes eletrônicos) oferecia cinco mil empregos. Atualmente, só existe o esqueleto da fábrica que, depois de saqueada, foi invadida. O dono da fábrica de calçados Motinha deixou o bairro porque sua filha foi seqüestrada.⁵²

A GE, uma das poucas indústrias que permanecem em atividade no bairro também sofre os efeitos da violência.

Bandidos armados cercaram o local e mandaram para casa dois mil funcionários. Traficantes do Complexo do Jacarezinho impuseram ontem o fechamento da fábrica da General Eletric, na Rua Miguel Angelo, 37, em Maria da Graça. Cerca de dois mil funcionários foram liberados às pressas após os bandidos, armados com granadas e fuzis pularem o muro da fábrica duas vezes. Segundo operários que não quiseram se identificar, dois diretores da empresa ainda tentaram argumentar com os traficantes, mas não tiveram êxito. Interromper as atividades da empresa, incluindo o funcionamento de um forno que leva 48h só para reaquecer. O prejuízo será enorme contou um funcionário.⁵³

Após esse episódio a fábrica parece ter cogitado a saída do bairro:

A violência é uma ameaça a outras indústrias que ficam na região da General Electric, em Maria da Graça, próximo à Favela do Jacarezinho. Na quarta-feira, uma reportagem publicada no site do "The Wall Street Journal" afirmava que a empresa deixaria o Rio devido à falta de segurança, o que foi negado pelo diretor-gerente da GE, Brian Herring.⁵⁴

Sem dúvida, atualmente, um dos principais problemas do bairro é a falta de infraestrutura e de segurança, nas suas principais vias de acesso. Uma delas, Buraco do Lacerda, vive constantemente inundada, ocorrendo situações nas quais nem ônibus passam pelo local. Outra via de acesso ao bairro, o túnel Noel Rosa, é um local de

⁵² "Conheça os casos". *O Globo*, 08 abril de 2001.

⁵³ "Tráfico fecha a fábrica no subúrbio". *O Globo*, 01 outubro de 2002.

⁵⁴ "Violência expulsa indústrias vizinhas de favela". *O Globo*, 01 de novembro de 2003.

assaltos frequentes. Por fim, a via de acesso mais importante para o bairro, a Linha Amarela, é cercada por favelas e é palco de cenas de violência cotidianas.

Tiroteios entre polícia e criminosos são outra constante no bairro, fazendo vítimas principalmente entre moradores.⁵⁵ As empresas que ainda permanecem no bairro parecem verdadeiras fortalezas, com guardas, câmeras de vídeo e muros altos. Hoje, o Jacaré é um bairro marcado pela violência e pelo abandono. A insegurança está presente na vida de quem mora ou trabalha no bairro. A fala de um jovem morador do Jacarezinho nos chama a atenção pela associação entre a violência e o “esquecimento” naquele espaço. Para além da questão do emprego, a violência afeta a construção da história e da identidade desse grupo, como nos sugere a fala abaixo.

O que eu penso é que queremos paz, assim os becos hoje virou lugar de sempre alguém ser baleado, *quer dizer, sem paz não vai ter história*. Porque ontem foi um senhor baleado aqui ontem, então ele faz parte da história. Ainda bem que foi no pé, porque se fosse no peito não tinha mais história.⁵⁶ (morador do Jacarezinho, grifos meus).

No entanto, deve-se assinalar também que o bairro cresce e se rearticula em outras direções. No caso do Jacarezinho, uma grande rede de comércio serve aos moradores. Dentro da favela encontramos inúmeras farmácias, salões de cabeleireiro, lojas de roupa, lojas de celular e eletrodomésticos, lojas de móveis, além de um grande comércio de gêneros alimentícios.

O Jacarezinho hoje, depois de ser um parque industrial, hoje é um centro comercial, hoje mudou né. Hoje é um centro comercial, o comércio aqui esta muito bom, entendeu... E foi crescendo, hoje nós temos aqui tipo um shopping aqui dentro e roupa de todos os tipos de marcas de roupa existe aqui dentro. Tem joalheria, você quer uma coisa melhor do que isso na comunidade, ter uma joalheria aqui dentro, vende ouro, joalheria mesmo que vende ouro, vende também prata, como vocês chamam bijuteria... Temos mercearias aqui dentro que hoje deu emprego pra população também. O que ta gerando emprego aqui é armazém, é lojas de roupa, mais que por outro lado é ruim

⁵⁵ Como exemplo temos a Morte da costureira Denise Santos, atingida por uma bala perdida durante um tiroteio entre a Polícia Militar e bandidos no Jacarezinho. Após sua morte os moradores fecharam avenida Dom Helder Câmara, quando ocorreu o confronto com a polícia. “Bombas, tiros e morte em 4h de terror no Jacarezinho” - *Extra*, 24 de maio de 2005. Capa.

⁵⁶ I seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

porque a maioria não assina carteira do pessoal né. As pessoas trabalham sem carteira assinada né.⁵⁷ (ex-operário e morador do Jacarezinho)

A rede de comércio é ressaltada pelos entrevistados como uma grande conquista do Jacarezinho, inclusive no que se refere ao respeito ao patrimônio dos moradores. Podemos concluir que vender ouro na favela é “seguro”. Isso reforça a ênfase que alguns moradores dão ao “pacto de não agressão” em relação aos traficantes ou “meninos” como também costumam ser chamados. Por mais que esse “pacto” seja violado com a freqüente morte de moradores, por balas vidas tanto da policia quanto dos traficantes, esses moradores fazem questão de ressaltar um lado “positivo” nessa convivência. Essa convivência é pautada em uma noção de grupo. Apesar de representarem posições diferentes, são todos moradores. Por outro lado, o comércio, ao ser comparado com o emprego gerado na indústria, perde por não garantir direitos como a carteira assinada.

Além dessa rede de comércio, o Jacarezinho conta com uma gama de opções de lazer, para jovens, adolescentes e adultos. Formada principalmente por bailes funk e pagodes, existem ainda os inúmeros bares, a Escola de Samba e os campos de futebol e três rádios comunitárias com programação diversa.

As mudanças no modo de utilização do espaço do bairro do Jacaré, ao longo de décadas, vão configurando o que seria já na década de 1960 um cenário caracterizado pela produção industrial. Na memória de seus moradores, podemos destacar a importância dada às transformações urbanas que a região veio sofrendo ao longo dos anos. Além disso, os entrevistados falam dos principais personagens do bairro, pessoas que se destacam na história da região, na luta operária e na atuação comunitária. Temos ainda, a forte lembrança das primeiras grandes indústrias na área, que são mencionadas pela marca de seu pioneirismo.

É a partir de década de 1960 que temos o cenário para as questões a serem problematizadas no próximo capítulo. Nos questionamos de que maneira a presença das fábricas vai determinar um novo ritmo a região e aos seus moradores. Nos propomos a analisar de que forma as relações de poder estão presentes na fábrica e na vivência do trabalho operário. E de que maneira a proximidade com o espaço de moradia fez com que

⁵⁷ Entrevista concedida à autora em 27/07/05.

a fábrica atinja o cotidiano dos moradores nos seus espaços de sociabilidade no bairro. Pretendemos ainda, problematizar de que modo os trabalhadores constroem formas de contrapor essa hierarquia vinda da fábrica e que atinge seu cotidiano.

Capítulo III

Memória operária e relações de poder: os espaços de um operário

Seria preciso fazer uma “história dos espaços” – que seria ao mesmo tempo uma “história dos poderes” – que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico-políticas (Foucault, 2004:212).

As relações travadas dentro e fora da fábrica, tendo como referencial seus códigos disciplinares, estão presentes na memória operária, deixam sua marca no corpo e nas lembranças dos trabalhadores. Sendo um dos principais espaços de sociabilidade dos operários, não podemos deixar de considerar o ambiente da fábrica como elemento fundamental no trabalho de construção da memória operária.

Dentro e fora da fábrica, quais os tipos de interlocução que esse trabalhador trava com essa instituição? Que mecanismos de poder estão na pauta de funcionamento dentro da fábrica? Dentre esses mecanismos de poder, disciplina e controle dos trabalhadores, temos as máquinas. Aliadas indispensáveis à realização de algumas operações, são ao mesmo tempo “arma de uma estratégia de dominação” e instrumentos capazes imprimir marcas na memória e nos corpos dos trabalhadores.

A partir das entrevistas com ex-trabalhadores do complexo industrial do bairro do Jacaré, buscamos identificar e analisar as marcas deixadas na memória desses operários pela experiência de trabalho e das disputas travadas no espaço da fábrica. Ao considerarmos a proximidade entre os espaços de trabalho e moradia, no caso específico, podemos problematizar uma extensão do controle da fábrica, sobre os operários, em seu local de residência.

A presença no bairro de um grande número de operários fez com que diversos movimentos políticos e alguns sindicatos tivessem forte atuação no Jacaré, o que não impedia a coerção exercida sobre os trabalhadores dentro e fora das fábricas.

3.1 - O Nascimento das Fábricas

O nascimento das fábricas simboliza, entre outros fatores, a transferência do controle da produção dos trabalhadores para o capitalista, o que não significou necessariamente um avanço tecnológico, mas, sobretudo, foi uma medida para disciplinar a produção e direcionar seus lucros. O trabalhador deixa de ser o personagem principal dessa configuração. Apesar de continuar tendo grande importância na produção, o operário passa a dividir este espaço com outros personagens que entram em cena: o “capitalista”, as máquinas e o sistema da produção.

Assim existem dois pontos fundamentais na constituição do sistema de fábrica; em primeiro lugar, ele não decorreu de um grande avanço tecnológico; em segundo, as tecnologias empregadas constituíram-se em elementos de controle e de hierarquia na produção (De Decca, 1998:38).

A máquina vai mudar a relação do operário com o tempo e com seu corpo. A aceleração do trabalho imposta em grande medida pela máquina, faz com que o trabalhador se submeta a novos ritmos de trabalho. A nova disciplina da fábrica imprime suas marcas de forma incisiva na vida do operário, trazendo doenças que vão se tornar características de algumas profissões.

A estratégia de produção manifestada com a revolução industrial vai ter sua caracterização mudada ao longo do tempo. Determinadas regras de disciplina não sobreviveram por um longo espaço de tempo. Mas em que medida as fábricas do século XX ainda utilizaram um forte aparato repressivo e disciplinador sobre os trabalhadores? Será possível, através das memórias de operários das décadas de 1960 e 1990, analisar mecanismos de controle e disciplina que ferem a autonomia operária e marcam seu corpo? A fala de uma operária da indústria têxtil, com décadas de profissão, pode começar a nos elucidar as formas de coerção a que estiveram submetidos os operários de meados do século XX.

...todo fim de costureira isso é dito pelos médicos, é com problema de nervos, com problema de hemorróidas porque... por isso que o motorista e a costureira antigamente o salário era igual, porque o fim dos dois, as duas profissões, isso o médico no INPS me sentou e me falou isso. O fim de costureira e motorista é com problema de nervo e de hemorróidas, entendeu?

E problema de coluna, porque a gente fica muito tempo sentado, a hemorróidas vem porque o nosso intestino esquenta muito porque a gente passa o dia todo sentado, e os nervos por causa do serviço, porque tem serviço que você faz que é mole, mas tem serviço que você tem que ter muita atenção né, adquire muita paciência, aí você passa a ficar estressado. Esse é o final de todos.⁵⁸ (moradora do Jacarezinho e costureira)

No trecho acima, essa operária nos fala de seu dilema com a profissão que exerce desde os quatorze anos de idade. Se por um lado sua profissão lhe trouxe a sobrevivência e algumas realizações, a atividade também foi responsável por problemas em sua saúde. A maneira com que passou a lidar com o tempo e seu corpo foi alterada, progressivamente, após seu contato com a máquina de costura em uma fábrica.

Sobre essa nova percepção do tempo, temos a seguinte análise de E. P. Thompson: “O tempo agora é moeda, ninguém passa o tempo, e sim o gasta” (Thompson, 1998:272). Ou ainda: [...]“é preciso que o tempo dos homens seja oferecido ao aparelho de produção” (Foucault, 1996:116). A jornada de trabalho de longas horas, sendo a hora extra⁵⁹ quase que incorporada ao cotidiano de algumas profissões, contribui para esse desgaste físico e psicológico dos trabalhadores, como o referido no depoimento anterior.

As duras regras impostas pelas fábricas continuam presentes e os trabalhadores contemporâneos são submetidos a condições de trabalho que remetem a uma estrutura do início do século XIX na Europa. Trabalhadores amarrados a máquinas, proibição de ir ao banheiro ou beber água durante o expediente, proibição de deixar a máquina antes de atender a um quantitativo de produção, esses são exemplos da apropriação da mão-de-obra em pleno século XX, como veremos em alguns depoimentos.

A disciplina imposta na fábrica reflete em parte códigos disciplinares presentes em outras instituições na sociedade. A partir da obra de alguns teóricos sobre o tema, podemos perceber os semelhantes códigos disciplinares que atingem diferentes grupos sociais em diversas instituições.

⁵⁸ Entrevista concedida à autora em 27/06/03.

⁵⁹ José Ricardo Ramalho nos chama a atenção para a necessidade de se fazer hora extra como meio de garantir uma sobrevivência mais digna para o trabalhador. O serão ficava incorporado a jornada de trabalho por necessidade e obrigação. “Na verdade, a partir dos relatos dos trabalhadores pode-se perceber que o serão, as vezes, era visto negativamente e, outras vezes, era vivido positivamente. No primeiro caso, referem-se ao cansaço pelo trabalho prolongado, o roubo das horas com a família, o trabalho como imposição ou obrigação. No segundo caso, os operários falam do fazer serão “por gosto”, como oportunidade, para aumentar o salário, e também como orgulho pela produtividade da fábrica” (Ramalho, 1989:121).

Por conta de “uma simples idéia de arquitetura”, Bentham (1987) propõe mudanças que poderão resolver a questão da disciplina nos presídios. A arquitetura ideal para Bentham consistia em uma construção circular com uma torre que ocupa o centro, de onde os inspetores podem ver todas as celas, que estão dispostas ao redor da torre.

Essa casa de penitência será chamada panóptico, para expressar, com uma só palavra, sua vantagem essencial, a faculdade de ver, com um olhar, tudo o que aí se passa (Bentham, 1987:202).

Essa arquitetura permite visibilidade e vigilância permanente sobre os presos. Mas o autor nos lembra: “O princípio panóptico pode adaptar-se com sucesso a todos os estabelecimentos onde devem reunir-se inspeção e a economia” (Op.cit.:225).

Segundo Michelle Perrot, utilizando-se da idéia do próprio Bentham: “A visibilidade e a vigilância também são os princípios da disciplina na fábrica” (Perrot, 2001:56). O princípio do panóptico não se detém a arquitetura, ele é um conjunto de regras que visam a disciplina, a obediência a hierarquia num investimento rentável.

A disciplina industrial, contudo, se preocupou pouco com a arquitetura das fábricas no início do processo de revolução industrial. Num segundo momento a regulamentação do espaço se faz necessária e as fábricas vão ganhar a arquitetura como aliada para disciplinar os trabalhadores. O panóptico, entendido como um conjunto de práticas, será aplicado na arquitetura da fábrica. Referindo-se à França do início do Século XIX, Perrot afirma: “As portas são os pontos estratégicos de controle”(Perrot, 2001:57.)

Como já referido, essa estratégia de emprego da disciplina nas fábricas não se reteve aos primeiros anos da Revolução Industrial. As portas, entre outros mecanismos de repressão, continuam sendo pontos importantes dentro de uma fábrica e o olhar disciplinador dos superiores continua a fazer frente à “acomodação” do trabalhador. A partir das entrevistas percebemos esse uso do espaço como forma de repressão entre os trabalhadores do bairro do Jacaré.

Tem uma fábrica de confecção que eles pegavam é, eles colocaram bebedor e o banheiro do lado de fora e quando as meninas entravam para trabalhar, a maioria era mulher, entrava para trabalhar ele fechava uma *porta* grande, ele fechava. Só ia para o banheiro e beber água quando desse a hora do almoço. Então as meninas ficavam de 8 horas da manhã até as 12 horas sem ir no banheiro e sem beber água né. E a noite também e tal tinha um monte de coisa

desse nível né.⁶⁰ (morador do Jacarezinho e ex-dirigente sindical dos metalúrgicos, grifos meus).

O aumento da produtividade parece ser um dos fatores a determinar tal repressão. De acordo com vários relatos, as mulheres eram as que mais sofriam nas fábricas onde regular a ida ao banheiro significava para os patrões um controle maior sobre o rendimento da produção de suas operárias.

Segundo Michel Foucault (1996), a sociedade contemporânea merece o nome de “sociedade disciplinar”. A sociedade disciplinar é caracterizada, no início do século XIX, pela reforma e reorganização do sistema judiciário e penal nos diferentes países da Europa e do mundo. A lei se volta para a potencialidade dos indivíduos, a preocupação vai ser com o que eles podem fazer. A vigilância sobre o indivíduo será feita por uma rede de instituições, como polícia, escola, hospital etc. Para Foucault, a sociedade em que viveu era caracterizada pelo panoptismo, tipo de poder exercido pelo sistema panóptico.

A preocupação de Foucault foi, sobretudo, mostrar como essa sociedade estava presente no cotidiano, nas relações institucionais que os indivíduos travam todos os dias. As fábricas-prisão citadas por Foucault não resistiram ao tempo por sua inviabilidade econômica e pela resistência dos próprios trabalhadores. No entanto, como ressalta o autor, elas se adaptaram a novas estruturas como, por exemplo, a criação das cidades operárias.

3.2 – Fábrica e bairro: espaços interligados

Não só as cidades operárias formam uma nova alternativa para o controle dos trabalhadores. Podemos citar as vilas operárias construídas pelas próprias empresas e até bairros inteiros que se construíram ao redor de uma fábrica ou de um complexo industrial. Seja por iniciativa da própria empresa ou por uma demanda social, os bairros que crescem em torno das indústrias têm suas características próprias e por vezes servem ao interesse de melhor controlar a mão-de-obra.

⁶⁰ Entrevista concedida à autora em 22/08/03.

No caso do Jacaré, a proximidade entre moradia e trabalho trazia conseqüências para a relação entre trabalhadores e a empresa. Segundo podemos observar, essa proximidade com o trabalho era incentivada pelas empresas.

Então a gente sabia também, que o patrão estimulava. Assim que o patrão estimulava até que o trabalhador saísse da baixada ou de outros bairros para vir morar no Jacarezinho porque ele sabia que se aquele trabalhador, se ele precisasse de noite, sábado, domingo ele entrava. Então era comum, quando eu era criança os chefes subirem o morro para ir chamar o empregado com algum problema na fábrica.⁶¹ (professora e ex-moradora do Jacarezinho)

Essa relação de proximidade do trabalhador com o local de trabalho facilitava atitudes como a citada acima, em que o empregado ficava a disposição do trabalho 24 horas por dia. Outro fator que fazia com que fosse estimulada a fixação do trabalhador próximo ao local de trabalho era a economia feita pelo empregador, diminuindo custos com o deslocamento do operário. Quando perguntado se a proximidade com o trabalho ajudava ao trabalhador, temos a seguinte colocação:

Ajudava pelo seguinte, porque a escola também ficava perto do bairro e as empresas não tinham... tinham uma despesa a menos na questão de dar um salário melhor para pagar a passagem, não existia vale transporte, era tirado mesmo da passagem, do salário do trabalhador.⁶² (dirigente sindical dos metalúrgicos e ex-morador do Jacarezinho)

No caso da Fábrica Nacional de Motores (FNM), Ramalho (1989:107) assegura que: “não são poucos os que se referem a esta contradição entre as “vantagens” oferecidas pela FNM para quem se dispusesse a morar nas vilas operárias e o ônus que representava a interferência direta exercida sobre o tempo livre do operário”. No entanto, no caso do Jacarezinho essa contradição aparece com menos vigor nas entrevistas. Mesmo no exemplo citado anteriormente sobre a possibilidade de o chefe ir buscar um operário no meio da noite o pressuposto do ônus não se destaca com tanta relevância. O fato de não termos uma vila operária instituída com um regulamento pré-definido sugere que as possibilidades de extensão do poder da fábrica ao bairro são menores que em casos como o da FNM, onde a empresa era proprietária das casas dos operários. Entre as

⁶¹ Entrevista concedida a autora em 12/07/05.

⁶² Entrevista concedida à autora em 20/10/05.

vantagens de se morar próximo ao trabalho, podemos citar também a dispensa da marmita.

Quer dizer, aquele trabalhador e a trabalhadora ele não fazia o cálculo de passagem e nem o próprio cálculo da alimentação, mesmo ele voltando para casa só tendo arroz, feijão e ovo, para eles tava bom, porque foi e voltou e comeu rapidinho. Não precisava preparar marmita. Porque o que... sempre achei interessante no Jacaré, a questão da marmita né! Que marmita sempre foi uma coisa assim... o pessoal se constrangia de abrir... Então quem leva marmita ou quem levava marmita gastava mais, porque ele tinha que fazer um esforço danado pra ter a carne. Porque o trabalhador sempre teve vergonha de abrir a marmita só ter arroz, feijão e uma verdura, então mesmo que ele comprasse só um pedacinho de carne pra ele levar era um custo maior. Mas aquele que ia almoçar em casa, ele comia aquilo que tinha, angu com couve, arroz puro, arroz com banana, ovo, lingüiça. Alguma coisa assim, bem mais simples. Mas ele não dava satisfação, ninguém via... E não calculava isso. Quando a gente dizia, se você ganhar mais, se você não sei o que, você vai comer melhor: Eu como, como fresquinho né. A gente também, você tinha esse embate.⁶³ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

A mesma entrevistada continua falando sobre a dificuldade de se reivindicar aumento salarial ou fazer uma greve

O que a gente ouvia, os salários nunca foram altos no Jacaré né... Mas quando você comentava que o salário de São Paulo era maior, o trabalhador aceitava porque dizia assim: ah eu trabalho perto de casa... Então eu acho que hoje um grande problema do Jacaré, as fábricas terem fechado e o pessoal tá trabalhando longe né. Então você não tinha assim, as greves ali eram mais difíceis, primeiro que todo mundo sabia que se saísse ia ter outro ocupando espaço, segundo: gente como eu vou fazer greve aqui na porta da minha casa?⁶⁴

No Estado do Rio de Janeiro, temos também como exemplo, de cidade operária, Volta Redonda. Planejada para abrigar trabalhadores em torno da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Outras regiões do país foram tendo essa configuração, de cidade ou bairro operário, com pouco ou nenhum planejamento, o que pode ter facilitado as formas de resistência do operariado à disciplina imposta pela fábrica que se estendia aos locais de moradia.

⁶³ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

⁶⁴ Idem.

O fato de a região do Jacaré abrigar um complexo industrial pode tornar mais difícil a apreensão das práticas disciplinares estendidas ao bairro já que esses códigos eram determinados por orientações diferentes de acordo com cada fábrica ou ramo de produção. Contudo, isto não impede que identifiquemos, mesmo que pontualmente, a opressão exercida pelas fábricas sobre os trabalhadores.

Paulo Fontes, em seu estudo sobre os trabalhadores da Nitro Química em São Miguel Paulista, São Paulo, mostra a dificuldade de uma empresa privada exercer o controle no bairro, no entanto ressalta que: “Certamente seu poder simbólico e material sobre a população era enorme e dele temos resquícios até hoje” (Fontes, 1997:73). Palavras como “castigo” e “punição” aparecem repetidas vezes nas entrevistas revelando o lado coercitivo do trabalho nesse bairro. Em um depoimento, a análise feita pela própria entrevistada, que compara o regime da fábrica a disciplina militar.

Essa última firma que eu trabalhei, levei uma advertência. Porque tinha que dar aquela produção naquele horário, se não desse era punido. E era 150 peças por hora, e passar esse viés aqui em uma blusa de gola careca, por hora. A hora que não dava, as vezes o viés era mais largo, mais estreito, a máquina dava problema, como você esta vendo aqui, aí era punido por causa disso. Então eu digo que era um regime, tipo um regime... tipo regime militar.⁶⁵ (costureira e moradora do Jacarezinho)

O tipo de advertência variava de acordo com a firma ou com a vontade do chefe responsável, como veremos no exemplo abaixo.

...tinha é patrão que como castigo né prendia o trabalhador na máquina, quer dizer, dava como castigo ele não pode sair da máquina sabe é o dia todo na máquina como castigo, enfim tinha muita coisa terrível né. Tinha fábrica que tinha é o café da manhã né e como castigo aquele dia não tinha o café porque conversou com o sindicato e tinha muitas coisas assim desse nível e começamos, aí começamos a trabalhar.⁶⁶ (morador do Jacarezinho e ex-dirigente sindical dos metalúrgicos)

Os operários se fixaram no bairro e passaram a fazer desse espaço uma extensão das fábricas, sendo mais um lugar de sociabilidade entre os trabalhadores. Se a disciplina da fábrica influenciava no modo de vida dos trabalhadores no bairro, a resistência a essa

⁶⁵ Entrevista concedida à autora em 04/07/03.

⁶⁶ Entrevista concedida à autora em 22/08/03.

política não se fez de forma menor. No bairro, os próprios moradores imprimiram sua força de trabalho na melhoria do espaço de moradia.

Mike Savage (2004), ao problematizar a questão do espaço, com relativo destaque para o estudo dos trabalhadores, nos faz refletir sobre as maneiras pelas quais a dinâmica espacial influencia as formas de conflito e a mobilização política dos operários. A proposta dessa perspectiva é a de que os pesquisadores não negligenciem o papel do espaço nos estudos sobre trabalho e trabalhadores.

Desejo então sugerir que uma sensibilidade espacial maior nos possibilita explorar, de modo mais sofisticado, os complexos elos entre estruturas de classe, formação demográfica de classe e formas de mobilização política (Op. cit.:40).

É a partir dessa maior sensibilidade espacial, proposta pelo autor que podemos enriquecer os estudos sobre o mundo do trabalho. No caso nos trabalhadores do bairro do Jacaré, o espaço é fundamental para entendermos a mobilização política que aparece como uma das características principais desses homens e mulheres.

A agremiação em torno de uma melhor qualidade de vida, entre os trabalhadores deste bairro, fez com que práticas sindicais e partidárias, de costume usadas nas fábricas, fossem levadas para o bairro, fortalecendo o movimento operário e o próprio movimento comunitário. Os trabalhadores criaram vários tipos de solidariedade, constituindo-se em um grupo de coesão dentro e fora da fábrica.

As divergências não são negadas; diferentes ramos da produção, filiações a diferentes partidos e migrantes nordestinos de diversos “nordestes”. Porém, a necessidade de união em torno de um projeto “único” fez com que esses diferentes atores se identificassem de forma coesa. Esse tipo de articulação se faz notar quando, por exemplo, metalúrgicos promovem greves junto às costureiras, greves que envolviam inclusive moradores do bairro que não eram operários.

Então quando eu ia para a porta das fábricas, as garotas começavam a reclamar puxa você só faz para os metalúrgicos. Por que você não ajuda a gente? Aí começamos a trabalhar dos dois lados e o que nós fizemos? Ia para a porta das fábricas e fazia os dois trabalhos metalúrgicos e costureiras” ...conseguimos botar, fazer passeatas de 1000 e poucas pessoas, principalmente mulheres na época da greve das costureiras né e aquela

multidão de mulheres seguia a gente no meio da rua igual a um doido...⁶⁷
(morador do Jacarezinho e ex-dirigente sindical dos metalúrgicos)

Com esse exemplo podemos ver que esse grupo constituiu-se a partir de uma identidade que ia além do vínculo com as categorias profissionais de classe. O espaço do bairro, assim como o da fábrica, permitiu a construção de uma identidade entre essas pessoas que perpassou as diferenças de um grupo tão heterogêneo. Isso não significa dizer que essas pessoas negavam sua relação com outros grupos para constituir essa unidade. Savage ressalta a importância do espaço na formação da identidade: “a formação de uma classe é um processo espacial, em que identidades locais e identidades de classe se podem fundir e combinar” (Savage, 2004:41). É essa fusão e combinação de identidades que caracteriza os atores no espaço do bairro do Jacaré.

Neste espaço operário a percepção da relação entre trabalho e vida privada começa ainda na infância, seja pelo ritmo imposto pelos apitos das chaminés, que funcionam como relógio ou pela iniciação na fábrica em terna idade. Os primeiros anos de trabalho também vão ser responsáveis pela formação da identidade de muitos dos entrevistados.

3.3 - Os primeiros anos de trabalho

Falar em infância no Jacaré, Jacarezinho, principalmente para os filhos dos operários é também lembrar os primeiros anos de trabalho. Bem jovens muitas das crianças e adolescentes dessa região tinham o seu primeiro contato com a fábrica. Por vezes, estes jovens definia em terna idade o que viria a ser sua profissão pelo resto da vida, entrando bem cedo nas redes que permitiriam sua formação profissional e permanência em um posto de trabalho.

Abordar a questão do trabalho infantil como categoria específica de análise neste trabalho pode parecer contraditório com as narrativas dos entrevistados. Para eles apesar de todas as especificidades de se começar a trabalhar entre os nove e 14 anos de idade,

⁶⁷ Entrevista concedida à autora em 22/08/03.

essa foi apenas a entrada no mundo do trabalho, algo, se não natural, ao menos extremamente necessário para essas pessoas. Ao longo da pesquisa, pude perceber que para esses trabalhadores, em sua maioria com mais de 40 anos de idade, a rotina do trabalho começou na infância. Essas pessoas conheceram muito cedo as duras regras de trabalho na fábrica.

Eu quando garoto, nos anos 70, eu comecei trabalhar em oficina mecânica justamente no bairro do Jacaré. Na época, no bairro do Jacaré existiam muitas empresas de pequeno porte, médio porte e de grande porte. E essas empresas de pequeno porte, metalúrgica elas empregavam muitos menores, garotos, garotos assim que precisavam trabalhar e a aprender as profissões dentro da própria empresa... olha o trabalho, assim como todo menor que não tinha outra escapatória a não ser na época o trabalho né, se fosse hoje não sei como seria né, mas só tinha uma alternativa, era fazer biscate né. Ou levar lixo e tal... E na fábrica era o seguinte todos os garotos eram contratados para fazer o serviço de limpeza, fazer o serviço de, de boy muitas das vezes. E no decorrer do tempo o encarregado, o dono da empresa pedia que se aproximasse das máquinas para aprender ali na prática né, aprender a fabricar peças, a transformar a matéria prima né, em bens de consumo. Então era a oportunidade que nós tínhamos de aprender. E a vida na fábrica era muito dura, cada um tinha que levar sua marmita, não tinha almoço, não tinha plano de saúde...⁶⁸ (dirigente sindical dos metalúrgicos e morador do Jacarezinho)

Começando a trabalhar aos nove anos de idade, nosso entrevistado descreve um pouco dessa iniciação na vida adulta. Apesar de ressaltar que a vida na fábrica era “dura”, ele nos mostra outro lado desse processo. Era a oportunidade que tinham de aprender uma profissão. Para a maior parte dessas crianças e jovens, era necessário contribuir para a renda familiar, não lhes restando muitas opções além da iniciação ao trabalho ainda bem jovens.

O controle do operário começava em sua formação. Aprender a profissão na própria fábrica também podia significar aprender as regras de submissão aos interesses do empregador bem cedo.⁶⁹ Na fábrica o trabalho infantil era muito lucrativo para o empregador, o menor raramente tinha carteira assinada e seu salário não equivalia ao de

⁶⁸ Entrevista concedida à autora em 20/10/05.

⁶⁹ O aprendizado do processo de trabalho a partir do ingresso na linha de produção era comum nas fábricas e também incluíam os adultos. “Esse processo de investidura da profissão trouxe conseqüências para a comunidade de trabalhadores que se instalou na FNM, pois muitos foram se interando da exploração de que eram o objeto no próprio processo aprendizado já diretamente engajados no processo de produção. Significa também que dentro dele se criaram as expectativas de ascensão dentro da fábrica e se construíram os primeiros movimentos de resistência as métodos implantados de exploração da força de trabalho”. (Ramalho, 1989:133)

um funcionário adulto que exercesse a mesma função. Na fala abaixo destacamos a ressalva em relação a carteira assinada.

...muitos não tinham carteira assinada, no meu caso não trabalhei de carteira assinada esse período todo, de 9 até 17 anos, não trabalhei de carteira assinada, eu e todos os outros garotos da época... completei 29 anos de empresa, trabalhando nessa grande empresa, se fosse somar com o tempo de garoto já estaria aposentado, que eu trabalhei desde de os 9 anos de idade, nas empresas lá no Jacaré, como garoto de metalúrgica pequena.⁷⁰ (dirigente sindical dos metalúrgicos e ex-morador do Jacarezinho).

Em algumas entrevistas é ressaltada a descoberta da possibilidade de poder trabalhar bem jovem, em alguns casos inclusive com carteira assinada, o que fazia o empreendimento mais interessante para os jovens. O “apoio” do governo ao trabalho de menores também é ressaltado como positivo quando comparado aos dias de hoje.

Agora é em 1970 e 78 por aí eu já era um pouco maior e foi aonde eu comecei a descobrir que eu poderia trabalhar. Eu tinha catorze anos de idade, existia aqui dentro do Jacarezinho várias fábricas né. Aqui dentro do Jacarezinho, nós tínhamos aqui, beirando aí umas quatrocentas fábricas, se não tiver mais. Não sei que eu ainda não fiz esse calculo, não contei, mas deve ter mais ou menos umas quatrocentas fábricas que existiam trabalhando, funcionando legal. Então aqui era, antigamente a gente trabalhava com catorze anos, existia emprego pra gente, você podia... antigamente o governo deixava menor trabalhar com carteira assinada né.⁷¹ (ex-trabalhador da GE e morador do Jacarezinho).

Na fala abaixo mais uma vez o trabalho na infância é referido em um aspecto positivo. Na infância era possível trabalhar meio turno e estudar. Na fase adulta os operários eram obrigados a estudar a noite, o trabalho lhes tomava agora mais tempo.

Então era assim: de manhã oficina e a tarde o colégio. E depois quando foi trabalhar mesmo na empresa, todos nós tínhamos que trabalhar o dia inteiro e estudar à noite.⁷²(dirigente sindical dos metalúrgicos e ex-morador do Jacarezinho).

As memórias da infância não são marcadas apenas pelas lembranças do trabalho nas fábricas. A vida na escola também é tida como um ponto de referência, no entanto, diretamente articulado com a presença das fábricas no bairro. Falar em educação no

⁷⁰ Entrevista concedida à autora em 20/10/05.

⁷¹ Entrevista concedida à autora em 27/07/05.

⁷² Entrevista concedida à autora em 20/10/05.

Jacarezinho quase que pressupõe fazer menção a duas instituições de ensino que recebiam alunos com bolsas oferecidas por duas grandes indústrias da região, a GE e a Cisper.

O Primeiro colégio que eu estudei foi na chamada, hoje chamado IEIC, Instituto de Educação Imaculada Conceição...temos a Igreja lá no Jacarezinho chamada Nossa Senhora Auxiliadora, o padre Nelson também ele não podia expressar no colégio, ele também tinha um colégio, o colégio era da Igreja católica, eu também estudei nesse colégio também.⁷³ (dirigente sindical dos metalúrgicos e ex-morador do Jacarezinho).

Esse trecho sintetiza a história percorrida por muitos moradores do Jacarezinho, estudar no Colégio Imaculada Conceição e na Escola Alberto Monteiro de Carvalho (O Colégio do Padre Nelson). Como veremos a seguir, essa trajetória está diretamente ligada ao desenvolvimento industrial do bairro e a uma estratégia de grandes empresários do complexo industrial do Jacaré, preocupados não só com a educação, mas também com a legitimação de seu papel social dentro do Jacarezinho.

Nas entrevistas, aparece como orgulho e benefício o fato de muitos terem estudado dentro do Jacarezinho, ou bem próximo, em colégios particulares com bolsas fornecidas pela GE e pela Cisper. Em 1960, instala-se no “pé do morro” do Jacarezinho, ou seja, na parte baixa do morro, o Instituto Imaculada Conceição e muitos alunos do Jacarezinho passaram a estudar nessa instituição com bolsas fornecidas pela GE. Nas entrevistas, o critério de seleção dos bolsistas é apontado em suas variações ao longo do tempo. Se de início só os filhos dos funcionários podiam estudar nesse colégio, logo o benefício foi estendido a outros moradores do Jacarezinho. Isso fez com que a GE tenha até hoje o respeito e admiração dos moradores, operários e ex-operários da fábrica. Esse tipo de atitude da empresa em relação aos moradores do entorno fez amenizar situações de conflito entre a GE e os operários.

É a questão da escola, qual era o grande problema daquela época? Eram pouquíssimas escolas que tinham na área, mas a escola pública não era pra favelado, a escola pública era pra classe média ou então se você tivesse alguma indicação política. Eu nunca estudei em escola pública, nem meus irmãos, nem meus vizinhos. Foram raríssimos casos de vizinhos, assim da rua que eu morava na rua próxima que eu lembre que tenha estudado em escola

⁷³ Entrevista concedida à autora em 20/10/05.

pública. Ai o que aconteceu, é... tinha a famosa escola da GE [Instituto de Educação Imaculada Conceição] que existe até hoje que é onde eu fiz primário e ginásio, Imaculada Conceição, que era uma escola que foi construída é na descida do Morro em Maria da Graça, onde era pra atender, os alunos, a criançada próximo e todos os filhos dos funcionários dos trabalhadores da GE, da General Eletric, tinham direito a uma bolsa integral. Logo depois foi divulgada que não bastava, é... mesmo não tendo... não sendo filho, podia ter parentesco, e depois não precisava ter parentesco, só precisava ser indicado. O que eu entendi, o que depois a gente começou a entender, assim a escola era particular, era uma área carente, próximo a área carente, o pessoal de Maria da Graça e Caxambi que poderiam usar a escola, já estavam nas escolas públicas de lá. Então sobrou poucos alunos para ir pra lá. E a GE dava bolsa na época, foi nos anos, 69 eu fui para o Ginásio, 66, 67... com isso era muita criança né, era bolsa integral, só não tinha merenda. Então para o pessoal do Jacarezinho aquilo era uma escola pública porque não pagava. E foi aberto para toda a população. Então todo mundo teve direito de estudar ali com bolsas da GE.⁷⁴ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

A importância das bolsas da GE é tão grande que a maior parte das pessoas se refere ao Colégio como sendo o “Colégio da GE”. Em poucas entrevistas a questão das bolsas foi tratada com mais detalhes, o que ficou na memória foi a expressão que sugere que o colégio pertencia a empresa. Percebemos, portanto, a força dessa iniciativa da GE, que ao fornecer algo tão necessário aos moradores, a educação, criou uma imagem positiva e que permaneceu no imaginário coletivo do Jacarezinho.

⁷⁴ Entrevista concedida à autora em 12/07/05. Além da entrevistada, seus cinco irmãos estudaram com bolsas no Colégio da GE, sem nunca ter tido parentes que trabalhassem na fábrica.



Vista da Via GE. Do lado direito temos a Jacarezinho, do lado esquerdo o muro da fábrica da GE. Fonte: Armazém de Dados - www.rio.rj.gov.br

Outro colégio citado nas entrevistas é o Colégio do Padre Nelson. Esse colégio que funciona na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora é mantido com verbas dos Salesianos, da Cisper e da GE. Muitos alunos, filhos de operários dessas fábricas e moradores do Jacarezinho, estudam no colégio com bolsas fornecidas pela GE e pela Cisper. Continuando a contar a história da educação no Jacarezinho, nossa entrevistada prossegue:

...tempos depois, anos depois com a construção da Igreja, a Igreja saiu, começou a obra pelos Salesianos dentro do Jacarezinho, onde tinha um lixão que a população limpou para construir a Igreja e era da obra dos Salesianos. Os Salesianos têm um histórico de trabalhar com educação né. Em todos os lugares. Então eles construíram, junto com a Igreja usaram a Igreja como salas de aula a partir daí também construíram um colégio. E com bolsas integrais, também da GE numa cota menor, também da Cisper que era a grande mantenedora da escola. Então o que aconteceu? eu continuei na GE mais a gente já viu a molecada do Jacaré estudando dentro do Jacarezinho, dentro de um colégio dos Salesianos sem pagar, eram bolsas mantidas pela GE, e pela

Cisper, eram duas grandes indústrias que mantinham a escola né, tudo.⁷⁵
(professora e ex-moradora do Jacarezinho)

As grandes indústrias do bairro investiam na educação dos filhos de seus operários e dos próprios moradores do bairro. Quando a entrevistada nos fala que começou a ver os garotos estudando dentro do Jacarezinho e sem pagar, reconhecemos em seu semblante a alegria de perceber o desenvolvimento da região e as oportunidades que foram surgindo para os novos moradores. No entanto, em algumas falas temos uma visão crítica sobre o posicionamento das empresas. Podemos perceber o questionamento da doação de algumas práticas por parte dos empresários, como tendo a função de aproximar o trabalhador e o morador do bairro da empresa criando um sentimento de gratidão em relação a algumas fábricas. Ramalho (1989) nos chama a atenção para o imobilismo criado pela prática de oferecer benesses aos operários.

Veremos também que um desses espaços de dominação da fábrica foi vivido pelos trabalhadores de modo contraditório e complexo, de tal modo que a percepção da imposição e da exploração era sempre minimizada pela noção de benesses, o que configurava uma situação na qual as reações significativas dos trabalhadores permaneceram praticamente inibidas na maior parte desse período. (Ramalho, 1989:86)

O período a que se refere o autor diz respeito ao momento em que a FNM deixa de ser estatal e passa a sociedade anônima, mas o controle acionário ainda pertencia a União. Guardadas as proporções do tipo de intervenção de uma empresa com essas características, e uma formada apenas pela iniciativa privada, e que não é proprietária das casas, podemos fazer algumas correlações. Os benefícios oferecidos aos moradores do Jacarezinho pelas grandes indústrias da região inibiam uma ação crítica em relação à empresa por parte de alguns moradores.

O que eles faziam o tempo todo era um trabalho de... bondade. O trabalhador já se sentia agradecido, primeiro que ele tinha duas grandes indústrias, uma multinacional, a Cisper é nacional, não sei como está hoje. O dono da Cisper ia no Jacaré. Subia o morro a pé, assistia a missa, então a gente conhecia os donos da Cisper né. A direção da GE subia o morro a pé. A GE, a Fundação Leão XIII ajudou com equipamento para o curso de torneiro mecânico e de ajustador, frisador. Montou equipamento e os, os funcionários da GE que davam aula. A gente tem, se pegar hoje, boa parte pode estar

⁷⁵ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

aposentado. A gente tem centenas de trabalhadores do Jacarezinho moradores que fizeram esses cursos e que saíram de lá empregados. Todos nas indústrias em volta do Jacarezinho. Então desde o momento que fizesse o curso de tornearia, de ajustagem... lá na Fundação Leão XIII. E quem eram os professores? Todos da GE né, eram funcionários da GE que trabalhavam. tinha aula de manhã, a tarde e a noite. Todo mundo que fazia o curso, concluía o curso tinha emprego garantido, nas fábricas aqui. Então o que acontecia o pessoal gostava dos patrões, porque os patrões davam emprego pra quem morava aqui. E você tinha duas grandes indústrias que tinha a bondade de dar as bolsas, como não tinha escola pública suficiente. Você via assim a gente denunciava isso o tempo todo, tinha alguma resistência na comunidade, eles diziam: “assim, não tem escola pública, mas tem a GE e tem o Padre Nelson. Mas lá não é pública - Dá no mesmo, a gente não paga”. E o empresariado dava bolsa pra todo mundo, então eles eram... você tinha uma população agradecida ao empresariado, que ajudava né. Dava emprego, dava escola.⁷⁶ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

Temos que ressaltar que as bolsas distribuídas para os dois colégios podem não ter atingindo um grande número de moradores, levando em conta a população do Jacarezinho. No entanto, no imaginário, principalmente daqueles que se beneficiaram estudando nessas instituições, o que ficou registrado não deixa dúvida da importância dessa política para o Jacarezinho.

Além da educação formal a GE também se preocupava com a formação técnica do trabalhador. Através de um convênio com a Fundação Leão XIII, a empresa oferecia formação profissional para moradores do bairro. Segundo os entrevistados a probabilidade de conquistar um emprego, depois de fazer um dos cursos na Fundação Leão XII, era grande.

3.4 - Do samba a voz e a memória: passado repleto de glória⁷⁷

Entre “alegrias” e “tristezas”, a memória desses operários narra uma parte da história do Jacaré. Um dos entrevistados fez questão de ressaltar: “Teve muita coisa bonita, gostosa, interessante e teve muitas coisas tristes, chocantes”⁷⁸. Entre a opressão da

⁷⁶ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

⁷⁷ O título faz referência a versos do samba “Monarco, voz e memória do samba, um passado de glória”. Barbeirinho do Jacarezinho, Gilson Bernini, Carvalhaes e Baiano do Pandeiro. Unidos do Jacarezinho, 2005.

⁷⁸ Entrevista concedida à autora em 22/08/03.

fábrica, o trabalho exaustivo e a perseguição na militância havia os momentos ‘bons’. Não só as conquistas do movimento operário e comunitário representam esses momentos da “coisa boa”. Mas entre as lutas do movimento de esquerda dentro do Jacarezinho estava a preocupação com o lazer.

...o nosso embate era político o tempo todo, era um grupo de esquerda que lutava por melhores condições de vida na favela, por saneamento né, *por lazer*, por educação, por trabalho, essas eram as bandeiras de luta.⁷⁹ (professora e ex-moradora do Jacarezinho, grifos meus).

As formas de lazer no bairro também estão representadas na construção da memória desses homens e mulheres. A partir de suas falas conhecemos um universo que vai muito além do dia-a-dia nas fábricas. Mas quais seriam esses espaços de lazer?

Podemos destacar entre esses espaços o “Samba”. O Jacarezinho, assim como muitos bairros da região da Suburbana, têm uma tradição de blocos e escolas de samba. Em 1966 com a junção da Unidos do Jacaré e a Unidos do Morro Azul surge a Unidos do Jacarezinho. Sobre a formação da Escola de Samba, uma das entrevistas nos fala:

...era o samba, a Escola de Samba, eram três né, depois se fundiram em duas. Era um bloco, o Não tem Mosquito, a Escola de Samba Unidos..., era Escola de Samba do Jacarezinho e a do Azul, depois se fundiu a do Azul com Jacarezinho e se criou a Unidos do Jacarezinho. O Mosquito não quis se aliar e continuou bloco. Tinha o desfile. Então, o que era o lazer, era a escola de samba ou o bloco...⁸⁰ (professora e ex-moradora do Jacarezinho)

A descrição de uma das mais importantes formas de lazer no Jacarezinho nos remete ao espaço do bairro.

Esta Escola está localizada no morro do Jacarezinho, o maior morro do Estado da Guanabara em número de habitantes, estando localizado no bairro do Jacaré, o 2º parque industrial do Estado.⁸¹ (Jório e Araújo, 1969).

Entre um dos motivos de orgulho dos moradores desse “grande morro” podemos citar a participação de Hildemar Diniz (Monarco) como compositor da escola⁸². Sua

⁷⁹ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Hoje a quadra da Unidos do Jacarezinho esta localizada na Avenida Dom Helder Câmara, no bairro de Vieira Fazenda.

importância foi tamanha que em 2005 o enredo da Unidos do Jacarezinho homenageou o “Poeta” do samba.

Além da Escola de Samba, havia as festas promovidas pela Igreja Católica. Essas festas eram outro ponto de encontro que agregava os moradores do bairro.

...o que você tinha de festa para aglutinar? Eram as festas organizadas pela Igreja. Eram as festas de São João e coisa de coroação de Nossa Senhora, é aquela coisa do ato de Natal. E eu, desde de pequena, eu me envolvi muito na Igreja, eu participava. A minha mãe como era muito católica e essa ausência da família, também, então eu participava, de festa junina na... Eu minha mãe, meus irmãos, festa junina, festa de Natal. Qualquer coisa que tivesse na Igreja, que sempre foi uma forma de aglutinar... Assim, a Igreja Católica sempre foi muito forte no Jacaré né.⁸³ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

Outra forma de lazer mencionada nas entrevistas teve um importante apelo político. Mas, sobretudo, parece ter envolvido diversos segmentos de moradores. “A gente construiu três festivais de música dentro do Jacarezinho, com esse intuito de divulgar mesmo música de protesto”. Pode parecer contraditória, mas os festivais foram realizados dentro da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. Na organização e fazendo a locução do evento, nossa entrevistada nos narra os três anos de festival.

E a gente construiu na época dos festivais, a gente construiu três festivais na Igreja, mesmo o padre metendo porrada na gente, a gente conseguia fazer alguma coisa lá. Nós fizemos festival, 72, 73, 74, com música de protesto, muito bom. Era organizado pelos alunos [alunos do colégio que funcionava dentro da Igreja], a gente já estava na escola, alguns professores ajudaram. Engraçado, foi a partir daí... que eu já fazia um trabalho dentro da escola né. Foi a partir daí que eu me juntei aos grupos de esquerda. Porque aí algumas dessas pessoas foram assistir o festival aí me conheceram lá e a partir daí eu comecei a ser convidada em 72 a fazer parte do Grupo Amarelo dentro do Jacaré, quer dizer, depois a gente botou nome de Grupo Amarelo (risos) foi a partir daí dos festivais.⁸⁴ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

⁸² Monarco criou alguns enredos para a escola, além de compor quatro sambas-enredo. Um dos sambas mais importantes composto pelo autor foi o “Vila rica de Pilar” (1969). Após conquistar o 2º lugar no desfile do grupo B a escola desfilou em 1970 no primeiro grupo. (Vianna, 2004)

⁸³ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

⁸⁴ Idem. Em uma das campanhas para eleição na Associação de Moradores do Jacarezinho a disputa era entre um grupo mais a “esquerda” e seus opositores. A cor vermelha escolhida para a chapa vinculou esse primeiro grupo os comunistas. Para minimizar o impacto entre os moradores, o grupo resolve usar a cor amarela em sua chapa. Na época, como forma de deboche, os opositores usavam a seguinte expressão: “os comunistas amarelaram”. A partir dessa eleição, esse grupo passa a ser conhecido como o Grupo Amarelo.

Os artistas que cantaram nos festivais eram em sua maioria personalidades musicais do próprio Jacarezinho. Entre eles, o grupo ligado a Escola de Samba marcou presença.

Era o pessoal do morro, era todo mundo. Quem mais freqüentou o primeiro ano... o primeiro ano do festival em 72, foi o pessoal do grupo jovem da Igreja e alguns alunos e fez muito sucesso. O segundo ano a gente fazia três dias, e no segundo ano já ampliou e já chegou algumas pessoas do samba, da Escola de Samba e eu me lembro... aí o que aconteceu, o pessoal do samba... a gente ensaiava dentro da Igreja. Quem era o conjunto, a gente tinha um conjunto pra acompanhar, pessoas do Jacarezinho, alguns do grupo jovem, músicos e a gente montou uma banda. Tinha bateria, guitarra, baixo, era um na bateria e três... Eu sei que era guitarra, baixo, era guitarra... e eles acompanhavam todas as músicas. Então o pessoal se escrevia a gente fazia os ensaios na Igreja sábado a tarde, depois ia pro festival. Aí o pessoal do samba veio para se escrever, a gente, claro que aceitamos e inclusive um deles... ele é um dos grandes compositores da Mangueira, que já ganhou alguns sambas enredos na Mangueira. Aí a música deles era muito legal.⁸⁵ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

Além dos festivais e do samba, o futebol e as festas entre amigos são destacados entre as formas de lazer mais comuns.

Agora dos costumes das pessoas, vamos botar assim, da questão da cultura, as questões mais pelo lado do lazer existia... na área de lazer você tinha várias opções, quer dizer, pra nossa juventude... campo de futebol, tinha um atrás do outro, quer dizer, tá se divertindo e podendo criar uma ampla amizade do próprio bairro. Assim, o ano novo, a confraternização, quer dizer, isso vem desde o tempo do meu pai. Então, aquela questão das famílias se reunir. E depois tinha aquele movimento de confraternização, cada um ia na casa do outro, a gente fazia mesmo a confraternização. Eu mesmo ia terminar, ia acabar de festejar o dia todinho lá dentro do Jacarezinho, na casa de amigos meus dentro do Jacarezinho. A gente saía percorrendo, e a gente ficava lá dentro do Jacarezinho, comemorando dentro das casas das pessoas. Então, quer dizer, falando assim, dá até saudade daquela época da minha infância.⁸⁶ (ex-dirigente sindical dos metalúrgicos)

⁸⁵ Entrevista concedida à autora em 12/07/05. O samba no Jacarezinho “exportou” nomes para outras escolas de samba. Alguns dos compositores do Jacarezinho, já trabalharam para grandes nomes do samba. Barbeirinho do Jacarezinho e Rody do Jacarezinho já compuseram para Bezerra da Silva e Zeca Pagodinho. Até hoje Barbeirinho usa o Jacarezinho em seu nome, motivo de orgulho para o compositor e para os moradores do Jacarezinho.

⁸⁶ Entrevista concedida à autora em 09/05/03.

Para os homens, o futebol era o principal meio de diversão, seja nos campos dentro das fábricas, ou nos demais espalhados pelo bairro. O lazer com a bola significava também encontrar velhos amigos e fazer novos laços de amizade. No caso dos campos de futebol dentro das fábricas⁸⁷, destaca-se o campo da GE. A empresa costumava organizar campeonatos que reuniam os operários de diversos setores⁸⁸.

E existia aqui é, depois que eu foi crescendo e tal, nós tínhamos aqui três campos, três meios de diversão que eram os campos né, nós tínhamos três campos chamado campo do Sapão, nesse campo do Sapão existia três campos né, onde hoje em dia existe o Brizolão e o CCDC.... [Centro Comunitário de Defesa da Cidadania – órgão de competência do Governo do Estado do Rio de Janeiro].⁸⁹ (morador do Jacarezinho e ex-trabalhador da GE).

Outro entrevistado nos fala do futebol como parte do cotidiano do Jacarezinho e acrescenta os bailes realizados na sede dos clubes como importante espaço de sociabilidade, onde, por ventura poder-se-ia até arranjar um casamento.

Olha, pra começar, eu vou dizer o seguinte: nós estamos reunidos aqui, nesse local aqui já foi um grande campo de futebol, aqui era um campo de futebol e tinha o nome de, se não me engano era Céu Azul. A sede era aqui na rua Joaquim Silva. O campo era aqui e a sede era ali... eu já joguei futebol aqui no Jacaré em quase todos os campos que existiam. Era uma prática esportiva que eu gosto, adoro muito futebol. E aqui o Jacarezinho já foi um celeiro de craques, aqui já teve grandes jogadores de futebol, alguns chegaram a ser profissionais e outros não. Mas era um grande divertimento para essa comunidade, eram os domingos à tarde por conta do futebol. Se jogava futebol, via o seu time jogar, vários times bons. E depois do futebol tinha um

⁸⁷ Fontes(2002) chama atenção para o controle da Nitro Química sobre os espaços de lazer. No entanto, ele ressalta as diversas estratégias criadas pelos operários para burlar esse a vigilância da fábrica. No caso do futebol, a fundação de times por grupos informais que jogavam em suas ruas e vilas “abria um espaço de autonomia em relação à gestão e controle da empresa e de outras instituições empresariais que procuravam influir no lazer operário, como o Serviço Social da Indústria (SESI)”. Citando Bárbara Weinstein, o autor destaca a tentativa de organizações empresariais como o SESI de regulamentar o futebol de várzea. No Rio de Janeiro, a Fundação Leão XIII também tentou impor regras para a prática de futebol nos campos das favelas. Em artigo publicado no O Globo de dezembro de 1955, podemos observar a iniciativa dessa instituição para impor regras ao futebol praticado nos campos de várzea das favelas.

⁸⁸ Hoje em dia, o campo da GE fica aberto para o acesso do público que é majoritariamente de moradores do Jacarezinho. Segundo um entrevistado: “A empresa que deixou o acesso livre, mas sendo que se você for observar direito, ao redor do campo tem um muro da GE então aquelas pessoas só tem acesso àquele espaço físico que é da GE [do campo de futebol], mas como a GE não vai medir força e tal [ele esta se referindo as constantes invasões do campo para a prática do futebol], liberou aquilo, mas aquele espaço é da GE, [o muro]é quebrado, virou um portão assim improvisado né”.

⁸⁹ Entrevista concedida à autora em 27/07/05.

bailezinho à noite em cada sede de cada clube aqui do Jacarezinho. E ali se... se namorava, se noivava e até casava porque era o cotidiano do Jacarezinho era ali. Agora a história do Jacarezinho é uma história muito rica politicamente...⁹⁰ (ex-operário e morador do Jacarezinho).

A fala acima é de um dos mais importantes líderes comunitários do Jacarezinho. Ex-comunista e militante atuante, ele marcou presença na associação de moradores e na Federação de Favelas do Rio de Janeiro. O trecho citado, atípico no seu discurso, mostra um outro lado de sua experiência no bairro. Apaixonado por futebol, o militante também se deixa levar pelas lembranças dos campos de futebol que marcaram sua juventude.

Entre a atuação no movimento operário e comunitário, e o próprio trabalho, esses homens e mulheres encontravam nos espaços de lazer outra forma de sociabilidade. Nas horas onde a descontração e a alegria predominavam, o grande Jacarezinho mostrava um outro lado de sua história. Orgulhosos com as manifestações culturais existentes no bairro, seus moradores lembram com alegria dos tempos de glória do Samba e dos festivais de música.

No entanto, a forte atuação do movimento operário e comunitário no bairro não permite-nos esquecer a atuação política desse grupo. No próximo capítulo veremos os embates, conquistas e reflexos desses operários na militância política nas fábricas e dentro do Jacarezinho.

⁹⁰ I seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

Capítulo IV

Militância e militantes: as várias facetas de um bairro operário

A história operária é parte da história da sociedade, ou melhor, da história de certas sociedades que possuem características específicas em comum. Relações de classe, qualquer que seja a natureza da classe, são relações entre classes ou camadas que não podem ser adequadamente descritas se analisadas isoladamente, ou apenas em termos de suas divisões ou estratificações internas. Isso implica um modelo do que são as sociedades e como funcionam. (Hobsbawm, 1987: 29)

A presença dos sindicatos junto às fábricas era uma tarefa realizada em confronto com as empresas. A distribuição de boletins, a organização de uma comissão dos operários ou o fato de falar com um membro do sindicato poderia resultar em forte retaliação sobre os operários. As reações patronais eram as mais diversas possíveis, chamar a polícia durante manifestações era freqüente. No entanto, outras atitudes reservadas ao âmbito da própria empresa também eram comuns. A fala de um funcionário do Sindicato dos Vidreiros exemplifica ação de uma empresa durante a greve.

Então a empresa, ela sempre se preparou pra todos esses embates né, fazendo como ela sempre fez, é não só as promessas, mas toda a infraestrutura dentro da empresa. Ela, por exemplo, segurava o pessoal que tava naquele turno, não deixava ir embora pra casa né, aí preparava lá, tinha o dormitório, colchonete, essas coisas todas pra aquele pessoal que tava dentro da empresa não sair, continuar na fábrica. E os que vinham mesmo, que em cada turno, por exemplo, uns cinquenta funcionários, meia dúzia fizesse a greve ele ia ficar mal visto né, perante a empresa, que se quarenta e cinco entrou, cinco ficou do lado de fora...⁹¹ (funcionário do Sindicato dos Vidreiros).

A ameaça da perda do emprego ou de ficar “mal visto” na empresa imprimia tanta violência no imaginário operário como a possível agressão física exercida pela polícia durante as manifestações na porta da fábrica, fato também citado nas entrevistas.

Tanto é que na hora de você se sindicalizar na GE tinha um problema lá é o caso, o próprio caso da empresa quando via chegar o desconto do sindicato

⁹¹ Entrevista concedida à autora em 09/08/05.

pergunta lá se você queria vir a ser sindicalizado ou se você queria trabalhar.⁹²
(ex-funcionário da GE e dirigente sindical dos metalúrgicos)

Outra fala nos mostra como o PCB era estigmatizado pelos empresários⁹³, sendo sinônimo de “má influência” para o operariado. As punições a membros e simpatizantes do partido eram feitas a partir da demissão, o que segundo o entrevistado inibia outros operários de participar do partido e de movimentos reivindicativos como um todo.

Então os comunistas, eles ficavam, como dizer clandestinos nesse partido o MDB, lá uma vez ou outra conseguia se infiltrar numa fábrica pra fazer o trabalho político, falar de sindicato... Mas quando era descoberto imediatamente era demitido. Então, isso assustava as massas. Então foi um período muito difícil.⁹⁴ (dirigente sindical dos metalúrgicos e ex-morador do Jacarezinho)

O medo do desemprego, por perseguição política, está presente na fala dos trabalhadores que participavam de alguma articulação no movimento operário, não sendo, contudo, fator inteiramente restritivo à ação dos mesmos. Os operários construíram formas de se articular mesmo com a opressão exercida pelos patrões.

Assim a conscientização dentro do trabalho trabalhava o tempo todo isso. O pessoal sempre denunciava é tanto que... a gente sempre teve grande problema, o nosso pessoal vivia desempregado, por causa disso né, que era demissão mesmo. A gente tinha um leque de desempregado muito grande. Os militantes ficavam desempregado muito rápido. Quando o pessoal via que o pessoal tava ali questionando, botava pra fora. Até o número de prisões que a gente teve acho que foi mínima. Porque a gente saía [do emprego] era demitido muito rápido... Porque o que acontecia também, o Jacarezinho tinha uma característica diferente da boa parte das favelas, era uma favela operária e também tinha a grande preocupação do desemprego. Então você tinha uma militância que ao mesmo tempo era de frente, mas ao mesmo tempo recuada. Então você tinha os trabalhadores que te davam todo o apoio, mas não vinham para a linha de frente com medo de perder o emprego né. Não só de perder o emprego, mas de ser preso e torturado, sempre teve esse medo, neguinho tinha medo de apanhar (risos), todo mundo tinha medo das porradas. Então, era assim, mas a gente até conseguia fazer grandes reuniões, grandes debates.

⁹² Entrevista concedida à autora em 09/05/03

⁹³ Paulo Fontes (1997) analisa como a Nitro Química construía abertamente um discurso anticomunista através de seu o jornal, o Nitro Jornal.

⁹⁴ Entrevista concedida à autora em 20/10/05.

Leitura, troca de material, a gente conseguia fazer essa troca mesmo sendo de grupos diferentes, forma de encaminhar a luta diferente.⁹⁵ (professora e ex-moradora do Jacarezinho)

O trecho acima traz uma grande riqueza de informações. A partir da fala do entrevistado, captamos as contradições vividas pelo movimento operário no bairro. Se por um lado temos um espaço operário, por outro temos o desemprego presente para aqueles que de alguma forma contrariavam os interesses dos patrões. A militância era combativa, mas recuava nos momentos em que julgava necessário para a manutenção de alguma estabilidade. E, acima de tudo, nessa fala percebemos como os operários e o movimento social como um todo conseguiam construir formas de permanecer atuando mesmo em meio à repressão e à ameaça de desemprego.

Esse controle do patrão sobre o operário era presente também em seus espaços de lazer,⁹⁶ caracterizando a fábrica como uma instituição total. Esse conceito é definido por Goffman (1987)⁹⁷ e utilizado em referência às fábricas prisão. No entanto, tomamos a licença de utilizá-lo para nos referirmos a instituição fábrica de uma maneira geral. Mas até que ponto alguns preceitos das fábricas prisão estão tão distantes das unidades produtivas contemporâneas?

Segundo Goffman (1987), nossos estabelecimentos industriais modernos podem apresentar recursos aplicados, como refeitórios e espaços de lazer, no entanto há uma preocupação para que “a linha comum de autoridade não se estenda a eles”. A realidade das fábricas no início do século XX no Brasil não se adapta de todo a essa afirmativa. De acordo com a realidade do bairro do Jacaré, parece-nos, ao contrário, que a preocupação era com que a autoridade estivesse presente também nesses espaços alternativos, mas de maneira mais sutil. Episódios como o narrado abaixo demonstram de que maneira a fábrica poderia interferir nos momentos de lazer do operário.

⁹⁵ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

⁹⁶ Ao utilizarmos o conceito de Instituição Total temos que ter a compreensão de que ele não esgota toda a realidade social. Como vimos no capítulo anterior, nem todos os espaços de lazer eram controlados pelos “códigos de fábrica”. Tampouco a vida do operário se limitava aos espaços e formas de lazer oferecidos pelas fábricas.

⁹⁷ “Uma instituição total pode ser definida como um local de resistência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”. (Goffman, 1987:11)

E tinha uma coisa também que eu nunca me esqueço, foi que na hora do almoço os trabalhadores de uma empresa que tem aqui perto... os trabalhadores iam jogar bola na hora do almoço, que é o horário deles, e a empresa proibiu de jogar bola... como eles não obedeceram a coisa mudou... o Sílvio, que era o gerente geral, mandou que o segurança fosse lá pegar as bolas... E os trabalhadores, brincando com o segurança começaram a dar olé no segurança com a bola, um jogava para o outro, jogava para o outro os seguranças ficam igual um doido atrás da bola (risos), entendeu? E aí deu como castigo né, porque a fábrica tinha um café da manhã com pão e tirou o café e o pão. E aí eu, como diretor sindical, e os companheiros também nós fomos para lá e aí chegava lá fazia o maior estardalhaço, carnaval danado, ia com som, aí fazia boletim, denunciava, aí fazia um barulho danado lá.⁹⁸ (ex-dirigente sindical dos metalúrgicos e morador do Jacarezinho)

Assim como as greves, as manifestações na porta da fábrica e divulgação de boletins funcionavam como forma de se contrapor à estrutura de trabalho, mas outras formas, não tão convencionais, porém não menos válidas, eram usadas pelos operários.

Quer dizer, todos os funcionários dentro da tua qualificação profissional, de cada grupo tinham... cada seção tinha o seu time né. Tinha o time dos supervisores. Quando a gente pegava eles a gente metia-lhe a porrada, metia o pau nele pra machucar. Aqueles *supervisores que eram ruins com a gente, a gente pegava eles pra machucar mesmo*, mas depois ficava tudo bem, era só na hora do futebol porque depois era todo mundo amigo (risos).⁹⁹ (ex-operário da GE e morador do Jacarezinho, grifos meus).

A fala acima nos demonstra que as formas de reação ao controle e a disciplina na fábrica podiam aparecer de forma mais sutil. Uma partida de futebol podia se tornar um espaço legítimo, onde os trabalhadores extravasavam sua insatisfação com os supervisores “ruins”.

Essa característica do Jacaré e do Jacarezinho de reunir trabalho e moradia em um mesmo espaço determinou, como já vimos, uma configuração especial ao bairro. Essa configuração de uma grande “Vila Operária” fez com que a luta no chão de fábrica, nos sindicatos e nos partidos políticos atingisse o espaço do bairro. É nesse contexto que o Jacarezinho desenvolve um importante movimento comunitário. Da mesma forma que moradores participavam de greves importantes nas fábricas do Jacaré, líderes sindicais vão empregar suas energias nas reivindicações de uma insurgente favela. Em um interessante episódio de mudança de mão numa das ruas principais do Jacarezinho, temos

⁹⁸Entrevista concedida à autora em 22/08/03.

⁹⁹Entrevista concedida à autora em 27/07/05.

a dimensão da utilização das práticas sindicais em uma manipulação dentro da associação de moradores. Por conta do congestionamento da via principal da favela, os moradores, em assembléia, decidem torná-la mão única, mas: “nós não percebemos que no meio do caminho tinha um posto policial né”.

O Meio Quilo,¹⁰⁰ um dos chefes do tráfico no morro, discorda da decisão e segundo o entrevistado se pronuncia exigindo a mudança imediata: “meu pessoal todinho vai ter que, vai ser obrigado a passar pelo posto policial né, isso tá errado!”.

Nós colocamos para ele: nós fomos aprovados numa assembléia... Nós fazemos uma outra assembléia né e ele foi e concordou que a gente fizesse uma outra assembléia nos ajudou a convocar (risos) a assembléia para que na assembléia a gente votasse contra né. Só que tinha uma galera do PT né que era grupo radical, do é trotskista... tanto [quanto] eu, também vinha tudo de fora fazer o movimento aqui, não morava aqui né. Eles não sabiam do que estava acontecendo e eles estavam contra, eles estavam a favor da proposta original... e eles chamavam a gente de muda de casaca né... E eu não podia falar porque estava mudando né. Aí comecei usando a forma pelega de lidar com assembléia, que tem uma forma interessante que você percebe, a assembléia tem vários momentos, tem momentos que você tá muito cheio né e que você percebe que a sua proposta vai perder aí você não bota ela para aprovar, enrola, aí você vai desgastando aí as pessoas vão se cansando, vão saindo vão indo embora, vão esvaziando. Quando tiver bem esvaziado, você vê que dá, que a maioria está do seu lado aí você coloca em votação tá e ganha...¹⁰¹ (ex-dirigente sindical dos metalúrgicos e morador do Jacarezinho)

Além da utilização da prática “pelega”, nesse caso também podemos perceber os embates com que o movimento comunitário teria que lidar. O tráfico de drogas já era um problema nos anos 80, exigindo muita flexibilidade dos líderes comunitários.

Entre operários, indústrias e o tráfico de drogas temos outro importante personagem, a Igreja Católica Nossa Senhora Auxiliadora. Palco de discursos inflamados contra comunistas e simpatizantes da causa, essa instituição também faz parte desse cenário. Mais do que a própria Igreja um dos seus párocos, Nelson Carlos Del Mônaco, fez história neste espaço. Tendo sua construção afiançada por uma grande indústria da

¹⁰⁰ Meio Quilo foi morto em 1987 numa tentativa de fuga do presídio Frei Caneca, com o auxílio de um helicóptero. Meio Quilo também ganhou notoriedade por protagonizar um romance com a filha de Francisco Amaral, ex vice- governador do Rio de Janeiro no mandato de Moreira Franco.

¹⁰¹ Entrevista concedida à autora em 22/08/03.

região, sua articulação no Jacarezinho se fazia através de uma atuação incisiva que marcou a memória de muitos dos moradores.

4.1 - Jacarezinho com a bênção do pai

Apesar de o Jacarezinho contar com inúmeras igrejas de diferentes orientações religiosas, a instituição que mais merece destaque nas falas dos moradores é a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora. Já nos foi relatado que o Jacarezinho tivera uma mãe, a GE. Mas será a Igreja o “pai” do Jacarezinho? Falar na Igreja da Ordem dos Salesianos significa, para os moradores mais velhos, evocar o nome do Padre Nelson,¹⁰² que segundo nos induz a pensar um dos entrevistado, foi o “pai” do Jacarezinho.

Padre Nelson Carlos Del Monaco nasceu em Lorena, São Paulo, filho de imigrantes, pai Italiano e mãe Francesa. Com 15 anos desperta seu interesse por uma carreira de sacerdote. Em 1962, passa a morar no Jacarezinho e entra para a história dessa favela. Figura presente na memória de católicos e não católicos, ele comandou uma série de ações em promoção da comunidade e foi também pivô de alguns embates políticos entre grupos mais à “esquerda” e a própria Igreja. Para se ter uma idéia de sua presença na memória e na vida dos moradores do Jacarezinho, a Igreja é até hoje conhecida como “Igreja do Padre Nelson”. E o colégio mantido dentro da Igreja também é conhecido como “Colégio do Padre Nelson”. Quando os entrevistados falam da Igreja Católica no Jacarezinho, destacam o nome desta figura. No entanto, a fala abaixo nos chama a atenção para um “esquecimento” de outros padres que passaram por aquela Igreja.

Após a morte do Padre Nelson a própria Igreja, através de uma publicação em sua homenagem o elevou a categoria de “herói do Jacarezinho”, o que deve ter contribuído para o silêncio em relação a outros padres que atuaram no mesmo espaço.

¹⁰² Padre Nelson faleceu em setembro de 1999. Seu velório foi um evento no Jacarezinho, seu corpo foi acompanhado por centenas de moradores até a saída do morro. “Em vida socorreu as mãos e o coração do povo nas enchentes. Agora uma enchente de mãos e corações conduz pelas ruas do Jacarezinho o seu herói”. (COGO, s/d:capa)

Fala-se do Padre Nelson, mas se esquece do Padre César, que veio antes do Padre Nelson... que e era realmente uma pessoa [o Padre Nelson] muito polêmica... tinha qualidades imensas mas era muito reacionário. Eu gostava muito dele, mas ele era extremamente reacionário, mas ele realmente fez muito trabalho, tem uma história muito bonita. Fiquei muito triste quando ele morreu tá, fiquei muito triste [ela se emociona], mas a gente vai morrer mesmo né. Mas companheiros nossos aqui já se foram muitos.¹⁰³ (moradora do Jacarezinho e ex-militante do Grupo Amarelo)

Apesar de ser-lhe atribuído o título de “extremamente reacionário”, ele não deixa de despertar admiração e respeito, mesmo naqueles grupos que sofreram as conseqüências de seu rígido posicionamento político. O Padre Nelson é tido, pela própria Igreja, como o “pai” do Jacarezinho, exaltado em suas qualidades e lembrado como o grande evangelizador daquela região. Através do texto abaixo podemos acompanhar os passos desse homem desbravando o inócuo Jacarezinho.

Antes de Morar no Jacarezinho, Padre Nelson fazia parte da comunidade do Instituto São Francisco de Sales, do Riachuelo-RJ. Juntamente com o Padre César Del Grosso, visitava o Jacarezinho com frequência. As visitas foram se transformando num projeto de evangelização e catequese. O bairro era muito pobre, povoado de migrantes, em sua maioria nordestinos, mineiros, capixabas e norte-fluminenses. As condições de moradia e higiene muito precárias. (Cogo, s/d:7)

A construção da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora e do espaço que abrigaria a sede da Obras Profissionais e Sociais Santa Rita de Cássia são um capítulo importante que marca a trajetória desse personagem na comunidade. “No principio só existia uma lixeira, Padre Nelson comprou o local”. O texto continua narrando as dificuldades financeiras encontradas para transformar a lixeira em um espaço privilegiado dentro do Jacarezinho. É nesse momento que uma das indústrias mais importantes da região “estende sua mão”.

Quando tudo parecia impossível apareceu a mão estendida de Dona Beatriz Monteiro de Carvalho, dona da fábrica de vidros Cisper. Ela e seu esposo, Alberto Monteiro de Carvalho, foram os primeiros grandes colaboradores da obra do P. Nelson. Até hoje ajudam generosamente a Escola que recebeu o nome de Escola Alberto Monteiro de Carvalho. O Sr. Joaquim Monteiro de Carvalho herdou do pai o grande amor por essa insigne instituição de

¹⁰³ I seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

educação do Morro do Jacarezinho. Em pouco tempo, aquele buraco de lixo virou um formigueiro de operários. Padre Nelson soube envolver toda a comunidade na construção da Igreja e da escola. Foram inúmeras promoções e festas da comunidade, para dar continuidade às construções. (Cogo, s/d:7)

Segundo alguns entrevistados a permanência da favela atendia ao interesse das próprias empresas. “O Jacarezinho sempre teve um histórico de remoção desde de Vargas né, e a própria indústria pedia menos repressão pra garantir a presença do operário trabalhando”. A construção da Igreja funciona como uma garantia da permanência da favela, como veremos através dos depoimentos.

Em meio à construção da Igreja ocorre uma das maiores enchentes da cidade do Rio de Janeiro. Padre Nelson nos fala sobre o dia 10 de janeiro de 1966.

Na segunda-feira, dia 10 de janeiro, após ter celebrado a santa missa e falado ao povo, como faço habitualmente, numa imitação das boas-noites Salesianas, precisamente às 21h30min, caiu sobre a Guanabara uma forte chuva. Parecia que o céu vinha abaixo. Faltou luz. As águas caíam a cântaros e encheram, impiedosamente, as naves da Igreja. Saí pela rua para ajudar a socorrer as vítimas. Trabalhei sem cessar até as três da madrugada. Tentei retornar ao Colégio Salesiano, mas não encontrei o caminho de volta. Choveu a semana toda. As obras, inacabadas, serviram de abrigo aos flagelados das chuvas. (Cogo, s/d:8)

A enchente de 1966 afetou todo o Rio de Janeiro, trazendo o caos para a cidade.¹⁰⁴ No Jacarezinho a falta de canalização do Rio Jacaré fazia com que durante as chuvas a inundação fosse inevitável. Sobre as chuvas alguns moradores lembram das destruições causadas e como a construção da Igreja também representa uma nova etapa em relação às enchentes.

É tanto que na enchente de sessenta e cinco, de São Sebastião a minha casa caiu e era no meio do morro né. Era onde é hoje a associação de moradores. No meio do morro. Então não teve, teve a quantidade de chuva. Porque teve a enchente do Rio transbordar e caiu porque a maioria das casas era de estuque e

¹⁰⁴ “Desde o início da noite de ontem, a cidade sofre os efeitos do mais violento temporal de sua história, que praticamente, anulou os transportes, prejudicou as comunicações, reduziu ao mínimo as atividades em todos os setores e, o que é pior, deixa um saldo trágico de dezenas de mortes, centenas de desabamentos, milhares de pessoas ao desabrigo, grande número de feridos, sem contar os prejuízos materiais em casas de comércio, estabelecimentos industriais, garagens e dispensas inundadas, em todas as Zonas, pois não houve, em toda a Guanabara, exceção à violência dos elementos. “Dezenas de mortes no maior temporal de todos os tempos”. *O Globo*. 11 de janeiro de 1966. Capa.

choveu muito, ficou muito encharcada as paredes e caiu né. A gente ficou desabrigada da chuva, mais a partir dali, não a partir da enchente... a própria Igreja, quando as pessoas viram que a Igreja estava ali firme e forte, que ia crescer e ficar maior, ninguém ia deixar só a Igreja ali, ia deixar as casas. Então as pessoas começaram né... todo mundo começou a melhorar suas casas... no fundo, no fundo eles tinham quase certeza de que não seriam removidos, mais precisava de uma prova, melhor. Apesar que há muito tempo a polícia não perseguia mais, não derrubava barraco. Mas quem já tinha passado pelo processo de derrubada de barraco, de ameaça de remoção, tinha muito medo né, tinha muito medo.¹⁰⁵ (professora e ex-moradora do Jacarezinho)

A maior confiança na permanência no Jacarezinho fez uma transformação habitacional. No lugar dos barracos, novas casas de alvenaria com uma estrutura que suportava melhor a força das águas. Outro líder comunitário nos chama atenção para a luta da canalização do Rio Jacaré e o modo como eles remediavam a situação durante as cheias do rio. Como veremos mais adiante a canalização do Rio Jacaré é um projeto que só se concretiza mais de 20 após a enchente de 1966.

Os barracos estavam todos dentro do rio e quando chovia o Jacarezinho era enchente, inclusive tem esse histórico também, muita enchente, pessoas perdiam tudo e era terrível. A esquerda fazia movimento para recuperar as coisas das pessoas... chegamos uma época [que] quando chovia a gente formava comissão de grupo: oh choveu vamos correr a gente ia para o final do rio ta, pra tentar com corda pegar crianças, mulheres, pessoas que estavam morrendo afogada. Enfim, a gente dava muito socorro mesmo ali. Bom, tinha essa luta também de canalização do Rio Jacaré, que o Jacarezinho tinha duas lutas fortes básicas, canalização do Rio Jacaré, não podia falar em assembleia sem falar na canalização do Rio Jacaré né, e contra a ditadura militar.¹⁰⁶ (ex-dirigente sindical dos metalúrgicos e morador do Jacarezinho)

No ano de 1970, parte da construção da Igreja estava concluída com a inauguração do salão Paroquial e de uma sala de aula. O Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara empossou Padre Nelson como o primeiro pároco da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora. Esse momento marca uma nova inserção desse homem na história do Jacarezinho, agora como responsável pela Igreja e uma importante obra social. Mas sua intervenção na comunidade ia muito além da administração da escola e da orientação

¹⁰⁵ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

¹⁰⁶ Entrevista concedida à autora em 22/08/03.

religiosa. Quando perguntamos sobre o papel da Igreja na mobilização dos moradores, temos a seguinte resposta:

Não, a Igreja só mobilizava em função dela. Depois a gente descobre porque. Porque os padres Salesianos daquela Igreja eram reacionários, apoiaram a ditadura. Mas dentro da Igreja, mas o próprio discurso da Igreja conflitava com os padres. Porque quando diz dividir o pão, os pobres juntos, aquele discurso da unidade... dividir o que tem, ninguém pode ser tão rico, o rico tem que dividir a riqueza. Então o próprio discurso da Igreja, por mais que os padres não comungassem do socialismo, dessa luta, mas a própria leitura bíblica, a própria colocação era assim né. E a Igreja sempre, como eles eram de direita, os militantes do morro, que já tinha comunista, prestista, os operários, nunca tiveram uma participação na Igreja. Os operários do Jacaré, enquanto resistência se agruparam isoladamente da Igreja, porque a Igreja não permitia isso né. Tanto que a igreja, não sei hoje, mais até pouco tempo não tinha nenhuma pastoral funcionando dentro da Igreja, pela própria repressão do Padre Nelson. Ele era uma pessoa simpática e boa, mas era repressor.¹⁰⁷ (professora e ex-moradora do Jacarezinho)

Um dos episódios que marca a passagem de Padre Nelson no Jacarezinho demonstra seu poder de negociação com os diversos grupos na favela. Um dos moradores do Jacarezinho adquiriu uma dívida com o tráfico e não pagou. Ele acabou sendo “condenado” a morte. É nesse momento que algumas lideranças, entre elas membros do PC do B e o Padre Nelson, entram na negociação para evitar a morte do rapaz.

Aí nós fizemos um grupo de moradores junto com a Igreja, junto com as lideranças locais e ia lá intervir, fazia uma discussão com os caras... fui eu o Padre Nelson e o pastor de Igreja que não tá mais aí, o Santinho né, e algumas pessoas da liderança. Nós fomos lá conversar com o tráfico né. E o cara, ele tava já o dia todo no sol amarrado sem beber água, bebendo água salgada...E nós fomos conversar com eles. Receberam a gente muito bem, como de praxe eles sempre recebiam a gente muito bem e tal. E fizemos um acordo com eles... e o acordo era o seguinte, ele liberava pra família pagar e ele sumia dali... ele sumia do Jacarezinho, ia ser expulso. E acabamos ainda fazendo uma campanha né, é sem dizer que tipo de campanha, a gente falava que era campanha da Igreja, entendeu? mas não era campanha da Igreja, era campanha né, pra gente arrecadar dinheiro... “mas você é católico, você é crente? Então o que você é?” [perguntas de alguns moradores dirigidas ao entrevistado]. Aí pegamos, arrecadamos algum dinheiro, a família também arrecadou algum e tal e pagamos o cara né.¹⁰⁸ (ex-dirigente sindical dos metalúrgicos e morador do Jacarezinho)

¹⁰⁷ Hoje funciona na Igreja do Jacarezinho a Pastoral da Saúde. Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

¹⁰⁸ Entrevista concedida à autora em 22/08/03.

É interessante notar a presença do padre nessa negociação ao lado de seus opositores políticos dentro do morro. Nesse caso, o próprio militante era questionado por outros moradores. “Mas você é católico?”. Sua atuação junto ao movimento operário e ao movimento comunitário e sua opção partidária não deveriam deixar dúvida entre os mais próximos sobre sua não filiação à Igreja. Nem por isso a campanha deixou de ter êxito e uma vida foi salva por conta da articulação entre a Igreja e os demais grupos políticos do Jacarezinho.

No Jacarezinho dois moradores receberam a maior condecoração do Município do Rio de Janeiro, entre eles Padre Nelson. No requerimento para a concessão da Medalha Pedro Ernesto podemos observar um breve histórico da atuação do Padre no Jacarezinho.

Requeiro à Mesa Diretora na forma regimental, seja concedida a MEDALHA PEDRO ERNESTO ao PADRE NELSON CARLOS DEL MÔNACO, Pároco da Igreja Paroquial de Nossa Senhora Auxiliadora, na comunidade do Jacarezinho, pelo intenso trabalho de conscientização e organização, desenvolvido junto à população daquela comunidade ao longo de 32 anos de sua vida dedicados a realização de importantes obras sociais no Jacarezinho.¹⁰⁹
(Vereador Pedro Porfírio – PDT)

A cerimônia de entrega da medalha foi realizada na própria Igreja, reunindo moradores e admiradores do padre. O evento rendeu um novo comentário no Diário Oficial da Câmara Municipal. Desta vez o vereador Pedro Porfírio, que oferece a medalha ao Padre Nelson, solicita moção de reconhecimento ao funcionário da Câmara que se dispôs a ir até o Jacarezinho presidir o cerimonial.

O servidor EUCLIDES DE OLIVEIRA PORTILHO, chefe do cerimonial da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, nos deu no dia 27 de abril uma bela demonstração de compromisso e respeito ao trabalho desenvolvido por servidores públicos, comprometidos com a qualidade e competência dos serviços que prestam à população de nossa cidade. O servidor foi o único funcionário da Casa que se dispôs a deslocar-se à comunidade do Jacarezinho para dirigir os trabalhos do Cerimonial em Sessão Solene de entrega da Medalha de Mérito Pedro Ernesto ao Padre Nelson Carlos Del Mônaco, de 81 anos de idade, metade dos quais vividos à frente da Pastoral do Jacarezinho. Despido dos temores naturais diante da propaganda negativa que se faz sobre o clima de violência e risco de nossas favelas, o companheiro Portilho mais que cumpriu com suas obrigações de servidor investido em cargo de chefia, deu uma demonstração inequívoca de respeito e solidariedade aos moradores

¹⁰⁹ Diário Câmara Municipal do Rio de Janeiro. 25 de agosto de 1994.

de nossas comunidades mais carentes, em especial do Jacarezinho, pelo que merece nosso aplauso e reconhecimento.¹¹⁰ (Vereador Pedro Porfírio – PDT)

Em seu discurso percebemos o imaginário sobre a favela neste período. Para além de motivos pessoais e ou identificação partidária, apenas um funcionário transpôs a “propaganda negativa sobre as favelas” e subiu o morro. Desse modo, apesar de estar cumprindo seu trabalho mereceu, na opinião do vereador, uma monção de reconhecimento.

Pedro Porfírio teve ativa participação junto ao Jacarezinho, sendo este um dos seus locais privilegiados de voto nas eleições para a câmara dos vereadores até o ano de 2000. Com uma trajetória de militância política que remonta à adolescência no Ceará, foi preso político na década de 1970 e um dos fundadores do Partido Democrático Trabalhista (PDT), partido com grande inserção no Jacarezinho nos anos 1980. Secretário Municipal de Desenvolvimento Social¹¹¹ por dois mandatos, Porfírio atuou em importantes projetos na favela, como a canalização do Rio Jacaré. Mas por que homenagear o Padre Nelson, um anti-brizolista convicto, segundo o próprio vereador?

Porque ele é uma das personalidades do Jacarezinho, ele gostava muito do Jacarezinho, ele fez muito bem ao Jacarezinho como pessoa, independente de ser padre compreende? Ele era muito bom pro Jacarezinho. Ele era um cara, ele era muito respeitado até pelo pessoal, entendeu? Da rapaziada. Ele era capaz de parar uma coisa, uma situação lá, entendeu? Ele batizou o Romário¹¹², ele batizou o Meio Quilo...¹¹³ (Jornalista e ex-vereador)

Além dos serviços prestados ao Jacarezinho como a construção da escola, Padre Nelson carregava o diferencial de circular entre os diversos “mundos” morro. Entre a “rapaziada” (jovens ligados ao tráfico), entre eles o Meio Quilo, e do outro lado, os moradores que se beneficiavam de ações da Igreja que promoviam uma melhor qualidade de vida.

No entanto, outros grupos sofreram sua enfática perseguição, que incluía discursos inflamados durante as missas contra “comunistas” infiltrados no Jacarezinho. A

¹¹⁰ Idem. 12 de maio de 1995.

¹¹¹ A Secretaria de Desenvolvimento Social (SDS) foi criada em 1979 com objetivo de atender a população mais carente da cidade, sobretudo os favelados. (Diniz, 1982)

¹¹² Romário de Sousa Faria (o Baixinho) nasceu em 1966 no Jacarezinho, onde morou até os 3 anos de idade. Jogador de futebol de destaque no cenário nacional e internacional é lembrado pelos moradores do Jacarezinho por ser um dos craques que saiu da favela.

¹¹³ Entrevista concedida à autora em 17/10/06.

perseguição da Igreja, personificada na figura de Padre Nelson vai atingir principalmente os grupos mais progressistas o Jacarezinho. Entre estes temos as pessoas que ajudaram a fundar a associação de moradores e que ficaram conhecidas como o Grupo Amarelo.

Só que a associação no início eram os comerciantes, era o poderio econômico pra controlar com o apoio da Igreja. E a gente combatia o tempo todo isso. *Contra a Igreja, não era contra a Igreja, era contra o padre* que fazia aliança com esses caras, não tinha uma luta, eles apoiavam políticos da direita, eles apoiavam a ditadura.¹¹⁴ (professora e ex-moradora do Jacarezinho, grifos meus).

Quando uma das entrevistadas fala das perseguições sofridas por seu marido, segundo ela Brizolista doente e um dos fundadores do Grupo Amarelo, a Igreja, novamente, na figura do Padre Nelson aparece como responsável pelos embates. Essa senhora católica e frequentadora da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora sofria durante as missas por ver seus amigos e seu marido serem atacados pelo Padre Nelson, mas nem por isso ela deixou de frequentar a igreja ou fazer parte dos movimentos de contestação dentro do Jacarezinho.

Quando foi nos anos 80... Ele foi muito perseguido lá na marinha por causa do Brizola, ele era doente e ele foi muito perseguido, aqui mesmo. A Igreja do Padre Nelson, ainda sambaram ele um bocado, sambaram não, assim... coisava ele... pra ver se ele tinha alguma coisa de comunista né, porque antigamente era comunista né. Brizola era comunista e todo mundo assim era comunista. Para ele, Padre Nelson, era todo mundo comunista, mas não era nada de comunista. E assim foi, a gente ficou aqui trabalhando...¹¹⁵ (moradora do Jacarezinho)

A morte de Padre Nelson, em setembro de 1999 causa uma grande comoção no Jacarezinho. O padre é transformado em herói no discurso da Igreja e de muitos moradores da favela. Até as metralhadoras do tráfico silenciaram com a morte deste importante personagem.

O povo do Jacarezinho o tinha como eterno. Sabia mas não queria que ele morresse... ele tinha que ser para sempre **o Herói do Jacarezinho**. Os muitos que sonharam com ele, na noite de 25 para 26 de setembro de 1999, acertaram. Algo de estranho pesava no ar, quando ele foi levado ao hospital, na manhã do

¹¹⁴ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

¹¹⁵ Entrevista concedida à autora em 07/03/06.

domingo. As dez para as quatro o morro silenciou. Os foguetes não espocaram. As metralhadoras baixaram. Uma paz surda envolveu o morro. O impensável acontecera. O telefone anunciava o nunca esperado desfecho final do **P. Nelson del Mônaco**. (Cogo, s/d:1, grifos no original).

Independente do adjetivo que possamos usar para qualificar o Padre Nelson, “bom”, “reacionário”, “carismático”, podemos concluir que sua estada no Jacarezinho rendeu-lhe um lugar cativo na memória dos moradores. De uma maneira geral, podemos identificar o respeito por esse homem como um consenso por parte de católicos e não católicos, grupos mais progressistas e outros conservadores. Apesar de imprimir medo e repúdio, talvez a melhor definição que tivemos dele foi a de ser um árbitro na comunidade. Sua capacidade de negociação e inserção em diversos grupos lhe garantiu o respeito de que os árbitros necessitam para desempenhar sua função de diálogo entre grupos opostos. Seja com o tráfico, com os empresários ou com o Estado, Padre Nelson esteve presente mediando os interesses dos moradores do Jacarezinho.

A seguir apresentaremos a configuração de um dos grupos mais importantes da história do Jacarezinho, o Grupo Amarelo. A partir da fala de alguns de seus membros e de observadores de seu trabalho poderemos entender o porquê desse conjunto ter sido alvo de um padre e uma Igreja que se apresentava como “conservadora”. Em um período onde a militância política tinha como determinante a união de forças, esse grupo se mostrou coeso e capaz de atingir alguns de seus objetivos.

4.2 - A esquerda sobe o morro

Em uma favela de um bairro operário do Rio de Janeiro, surge na década de 1960 um grupo que reunia moradores do local com o objetivo de lutar por melhores condições de vida, começando por mudar a história do seu próprio espaço. Esse grupo reunia mulheres e homens com as mais diferentes histórias de vida: operários, donas-de-casa, professores, sendo alguns destes membros ou simpatizantes de outras instituições como por exemplo a Igreja Católica e o Partido Comunista Brasileiro (PCB). O Grupo Amarelo, como ficou conhecido, fez parte da fundação da Associação de Moradores

desta localidade. No Jacarezinho, a “esquerda” sobe o morro e faz história a partir da constituição do Grupo Amarelo.

Como já referido, o Grupo Amarelo foi criado a partir da união de alguns moradores com objetivo de trazer melhor qualidade de vida para o Jacarezinho. Esse grupo se uniu para disputar a direção da associação de moradores em uma época em que as chapas eram identificadas por cores. Eles escolheram a cor vermelha, talvez por influência dos comunistas que figuravam entre seus membros. Mas eles passaram a ser identificados diretamente com o comunismo, fato que poderia trazer-lhes rejeição de alguns moradores. A opção foi recorrer à cor amarela. Desde então, esse grupo passou a ser chamado de Grupo Amarelo ou Chapa Amarela.

Em um bairro fortemente marcado pela presença operária e pela participação de diversos grupos políticos, o Grupo Amarelo passa a ser um ambiente privilegiado de agregação desses diferentes personagens. Constituído a partir da necessidade de transformações urbanas no próprio Jacarezinho, esse grupo tem sua atuação reconhecida por diversos moradores. A falta de estrutura urbana, o descaso do poder público e um conjunto de práticas que também visavam a transformação da sociedade reuniu essas pessoas. Uma das grandes mobilizações desse grupo se deu a partir da idéia da criação da Associação de Moradores do Jacarezinho. A heterogeneidade do grupo vinha, sobretudo, da diversidade entre moradores que formaram o próprio Jacarezinho, como já foi ressaltado. A necessidade de afirmação nesse novo espaço acabou agregando algumas pessoas. Longe de negar a diversidade e os conflitos, tal necessidade fez prevalecer um sentimento de unidade. Questões como o fornecimento de água no alto do morro, a democratização do acesso a luz e asfaltamento das ruas estavam na pauta de reivindicações da melhoria urbana do morro. Esse grupo enfrentou, ao longo de sua militância, o embate com outras forças políticas que também disputavam espaço entre os moradores. Entre esses grupos podemos destacar os lacerdistas no início da década de 1960 e os chaguistas anos mais tarde.

Um dos personagens que compõe esse cenário é um operário militante PCB. Auxiliar de serviços gerais, migrante nordestino, ele nos conta um pouco do papel político de alguns militantes no bairro. Ex-presidente da associação de moradores e da

Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro (FAFERJ)¹¹⁶, esse militante articulava sua atuação no Jacarezinho e em outras favelas do Rio de Janeiro. Na década de 1970, o Jacarezinho já era uma grande favela e com a pouca inserção do Estado, a associação de moradores fazia o papel deste, calçando e iluminando ruas. “Ao invés da prefeitura fazer, a gente era que fazia, o que era errado do ponto de vista político”.¹¹⁷ Em princípio, a filosofia política do PCB defendia o fortalecimento do Estado para que este realizasse os melhoramentos dos quais a sociedade necessitava. Porém, para os moradores do Jacarezinho, não havia tempo para se esperar por uma transformação maior da sociedade. O mesmo entrevistado vai narrar o início das mobilizações para a criação da associação de moradores.

Então a gente, eu, por exemplo, depois que eu entrei eu comecei a participar aqui no Jacarezinho na associação de moradores, na antiga associação de moradores... e quem era o presidente era o Hermes... e esse era ligado ao Lacerda, aqui alguém já ouviu falar no Lacerda? E depois veio o golpe de 64 e o Lacerda estava na crista do golpe. Era o cara no Rio de Janeiro que representava, a força civil, o poder civil no golpe militar. E aí esse Hermes começou a fazer besteira pra caramba, começou a usar o golpe pra reprimir as pessoas. Eu mesmo no principio fui muito reprimido e outros companheiros. Conclusão da história, saímos quase todos, desse centro social [associação de moradores] ele acabou fechando e aí ficou sem associação de moradores até 1966.¹¹⁸ (ex-operário e ex-morador do Jacarezinho).

O ano de 1964 marca o início de consideráveis perdas para os movimentos sociais. Neste estudo de caso, podemos ter a dimensão de como alguns laços políticos poderia determinar os rumos de todo um grupo. Esse ex-operário consegue nos identificar a extensão de uma ditadura que transbordava o âmbito militar e atingia o cotidiano das pessoas. Apesar desse primeiro momento, o grupo se rearticula e já em 1966 volta a atuar na Associação de Moradores do Jacarezinho.

¹¹⁶ Em 1979, nosso entrevistado lidera um movimento de cisão na FAFERJ, criando e assumindo a presidência da FAFERJ dissidente, como ficaria conhecida. “A cisão na cúpula do movimento dos favelados ocorreria em 1979, manifestando-se sob a forma de uma campanha, dirigida por quatro associações de favelas, entre as quais destacava-se a dos moradores do Jacarezinho, cuja ênfase seria a renovação da Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro (FAFERJ). Segundo os líderes desse grupo, a Federação encontrava-se desativada, permanecendo alheia aos principais problemas enfrentados pela população favelada”. (Diniz, 1982:144)

¹¹⁷ Entrevista concedida à autora em 20/01/03.

¹¹⁸ I seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

Quando em 65 nós começamos a organizar um movimento de resistência aqui no Jacarezinho e reorganizamos essa associação de moradores que está aí, ela foi reerguida e reinaugurada em 1965, dois anos depois do golpe militar. E daí vivemos uma febre de grupos que nós desenvolvemos aqui. As pessoas, os grupos se organizaram por ruas, nesse tempo se organizava praticamente por rua. As ruas arrumavam manilhas lá com a Região Administrativa e outros pediam a políticos e fazia a própria reurbanização da sua própria rua, como nós fizemos lá no nosso na rua Armando Sodré que a vala era mais alta que a gente e hoje esta lá bonitinho. E isso tudo foi uma luta que foi desenvolvendo em várias etapas.¹¹⁹ (ex-operário e ex-morador do Jacarezinho).

Junto com a organização dos moradores, o poder público também intervia, como foi o caso da iluminação do Jacarezinho. Segundo os entrevistados, a luz de cabine era fraca e não atendia as necessidades das pessoas. No governo Carlos Lacerda, as cabines são banidas e junto com um grupo de moradores é criada a comissão de luz.

Era luz de cabine, depois um grupo de moradores organizou a luz. Criou a comissão de luz e a partir daí o sistema melhorou porque a própria população que comprou seus postes para ter poste, fiação pra que a iluminação melhorasse, para a pessoa ter luz de rua mesmo no Jacaré.¹²⁰ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

Nesse período, os moradores também insistiam na necessidade de a Light entrar nas favelas, realidade que foi sendo aos poucos modificada com a intervenção da FAFERJ. No caso do asfaltamento de algumas ruas, o Grupo Amarelo e os Chaguistas entram em conflito.

O Jacarezinho na década de 50 e 60 tinha um grupo local que se reunia em torno da Chapa Amarela, o grande líder foi o Irineu Guimarães né naquela época. Era um cara politizado, luta armada. Geraldo Barbeiro também era muito politizado, João Vidreiro, que morreu, era filiado ao PT, morreu. O Geraldo e o João foram pro PT. E tinha o grupo clientelista ligado ao Laércio da Fonseca que era Chaguista que era o cara, o Laércio e a irmã dele, que botou aquele asfalto todo e levava benefícios na época da eleição em troca do apoio.¹²¹ (Jornalista e ex-vereador).

Nas palavras do ex-militante do Grupo Amarelo, encontramos a narrativa deste episódio. Apesar de criticar a maneira como o poder público se apresentou naquela

¹¹⁹ I seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

¹²⁰ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

¹²¹ Entrevista concedida à autora em 17/10/06.

ocasião, ele acaba por assumir a dificuldade de contestar a obra diante dos outros moradores.

Até que depois foi entrando o asfalto, erradamente mas entrou. Foi uma luta política e quem colocou esse asfalto aqui foi no governo Chagas Freitas. Colocou asfalto e nós até protestamos muito porque se jogou o asfalto sem nenhum tipo de saneamento e nós queríamos primeiro o saneamento pra depois o asfalto. Então como naquela época existia grupos aqui políticos se juntou todo mundo, protestou... A gente protestou muito mas veio o asfalto e também foi um tiro que voltava contra nós porque na verdade não tinha esgoto, mas acabou com a lama. Então foi um grande avanço. E a pessoa que foi creditado esse trabalho chamava-se Ilza Maurício da Fonseca, ela saiu daqui naquela época, do Jacarezinho, com quase 15 mil votos. Nessa eleição, era imbatível, ficou por muito tempo imbatível.¹²² (ex-operário e ex-morador do Jacarezinho).

Outro personagem do Grupo Amarelo é João Gomes.¹²³ Ele foi durante 16 anos presidente do Sindicato dos Vidreiros, participou da criação da Associação de Moradores e foi um dos presidentes desta instituição. Quem vai nos falar dessa grande liderança ativa no movimento sindical e comunitário no Jacarezinho, onde morou desde que chegou no Rio de Janeiro, é um funcionário do Sindicato dos Vidreiros. Trabalhando no sindicato há mais de 30, esse funcionário é o principal “arquivo” desta instituição. Segundo ele, João Gomes, assim como muitos, vieram do Nordeste, da Paraíba, para o Jacarezinho, serviu o exército por cinco anos e depois ingressou na Cisper, a maior indústria de vidro do bairro, empresa em que trabalhou até se aposentar.

Ele também disputou votos para o legislativo estadual em 1986, mas não teve sucesso nessa empreitada. Apesar da forte identidade de classe de alguns de seus componentes, como era o caso do próprio João Gomes, o vínculo com o espaço do bairro constituiu um elemento central para a união desse grupo.

...o João que faleceu, que era daqui da comunidade. Líder comunitário né, porque participou da comissão de luz da favela do Jacarezinho, quando tinha a comissão de luz, da associação de moradores e participava do sindicato. E tinha uma vida política também porque ele era militante do PT... e filiado ao

¹²² I seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

¹²³ João Gomes faleceu em meados da década de 1990. Em sua homenagem, o prédio do Sindicato dos Vidreiros recebeu seu nome com a inauguração de uma placa na entrada da instituição.

PT. Participava do PT, participou da fundação do PT, da fundação da CUT, seu João Gomes.¹²⁴ (funcionário do Sindicato dos Vidreiros).

Apesar da distinção feita entre liderança comunitária e “vida política”, o que tentamos demonstrar através da trajetória de vida dessas pessoas é justamente a interligação entre esses espaços. A experiência política seja no movimento comunitário, no sindicato ou nos partidos políticos fortalecia a atuação em outras esferas da sociedade. Esse personagem foi um “mediador espacial”¹²⁵, atuando entre o local e o nacional. João Gomes foi outro morador do Jacarezinho condecorado com a Medalha Pedro Ernesto.

Ao conceder esta medalha de mérito ao Sr. João Gomes Filho, o fazemos na certeza de estarmos homenageando centenas de companheiros que assim como João mereciam esta comenda. João Gomes se dedicou ao longo dos anos a servir aos trabalhadores, buscando sempre organizá-los, na perspectiva de conquistar uma sociedade mais justa e fraterna. Apresentamos nesta justificativa um breve histórico das atividades desse companheiro onde poderemos ter uma visão mais ampla da importância deste homem em certo momento da história do nosso país. Eleito em novembro de 1966, Secretário do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Vidros, Cristal, Espelho, Cerâmica de Louças, Porcelana e Ótica do Município do Rio de Janeiro (STIVCECLPOMRJ). Assumiu a presidência do Sindicato em 1968, sendo reeleito para mais cinco gestões, em dezembro de 1985 assumiu o Conselho Fiscal (85/88), em 1990 assume o cargo de Juiz Classista Representante dos Empregados na 19ª Junta de Conciliação e Julgamento do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região. Em 1974 o nosso companheiro foi eleito presidente da Confederação Brasileira dos Trabalhadores Cristãos; em 1975 assumiu a Presidência do Movimento de Orientação Sindicalista, e em 1981 entra para o Departamento Nacional dos vidreiros. Este companheiro que pretendemos homenagear com esta comenda deixou seu nome escrito na História da Classe Trabalhadora Brasileira, atuando na Fundação da CUT, participando de Círculos Operários Cristãos; da comissão de Luz do Jacarezinho e da Associação de Moradores do Jacarezinho, etc. Quando do ano de 1986 o nosso companheiro entra para o diretório Estadual do PT e disputa uma cadeira de Deputado Estadual pelo PT/RJ.¹²⁶ (Vereador Adilson Pires - PT).

É importante notar que toda a participação política de João Gomes junto a Igreja Católica aconteceu fora do Jacarezinho. Homenageado por sua participação no “local” e

¹²⁴Entrevista concedida à autora em 09/08/05.

¹²⁵ “Precisamos admitir a mobilidade e fluidez espaciais. No lugar de inquirir quem é o mais importante, se é o local, se é o nacional, no caso de suas respectivas importâncias poderem ser pesadas e medidas, é melhor examinar não só as complexas interligações entre níveis espaciais distintos, mas também como mediadores espaciais – pessoas capazes de se moverem entre as escalas espaciais – podem vir a ter um papel-chave na geração de formas de mobilização política”. (Savage, 2004: 42).

¹²⁶ Diário Câmara Municipal do Rio de Janeiro. 28 de agosto de 1995.

no “Global” ele fez, assim como outros militantes, o elo entre o Jacarezinho e os movimentos políticos. O fato de figuras como João Gomes e Padre Nelson merecerem o respeito e a admiração de moradores do Jacarezinho e de políticos com alguma atuação na região aponta para o caráter agregador daquele espaço.

Entre as lideranças desse grupo, também podemos citar a presença de uma dona de casa que saiu do interior de Alagoas com seu filho, “sem parente, sem ninguém”, vindo para o Rio de Janeiro trabalhar como doméstica. Após se casar, ela deixou o emprego e foi morar no Jacarezinho. Em sua narrativa nos fala do Grupo Amarelo e da Associação de Moradores.

A gente fez um Grupo Amarelo, o Grupo Amarelo era muito querido. Não era porque era meu marido não, mas era muito bom. E aí fundamos a Associação de Moradores. Até hoje eu sou uma das fundadoras, e até hoje eu pago, eu acho que ninguém paga a associação como eu pago, que eu sou fundadora. Ali onde é a Casa da Paz, ali naquele galpão... eu até hoje, eu pago a associação, não preciso, graças a deus, até hoje.¹²⁷ (moradora do Jacarezinho e ex-militante do Grupo Amarelo).

Outra moradora do Jacarezinho, professora da Escola Alberto Monteiro de Carvalho, nos conta sua entrada no Grupo Amarelo. Ela veio de Alagoas com três anos de idade. Seu tio foi o primeiro da família a migrar, depois veio seu pai e por fim a família se reuniu com a vinda de sua mãe e seus irmãos para o Jacarezinho. Essa mesma entrevistada vai nos contar a origem do nome “Grupo Amarelo”.

...tanto que o nosso grupo, a gente colocou a cor amarela, porque as eleições na época era por cor. Porque eles diziam que o nosso grupo eram os comunistas, os vermelhos, e nós botamos a cor... nós íamos botar a cor vermelha, tanto na Associação de Moradores, quanto na comissão de luz... E nós tivemos que nos identificar com o amarelo porque principalmente o padre, ele em todas as missas dizia: não vote nos comunistas e dava o nome, só que quando surgiu, a primeira chapa a gente botou amarela, aí eles falavam os comunistas amarelos (risos)... e a gente ganhou as eleições...¹²⁸ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

A diversidade na formação política dentro do Jacarezinho é destaque na fala dos entrevistados, no entanto prevalecia uma lógica de união. Para enfrentar as adversidades

¹²⁷ Entrevista concedida à autora em 07/03/06.

¹²⁸ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

do período do regime ditatorial no país e para alcançar as transformações desejadas no âmbito local havia o esforço de tentar suprimir as diferenças.

Nós tínhamos MR8, nós tínhamos prestistas, nós tínhamos PCB, que era o Tião padeiro era PCB, nós tínhamos o pessoal da Igreja ligada a Dom Helder Câmara, tinha a sigla, agora me deu um branco... Então ali a gente tinha de grupamento organizado de esquerda uns cinco ou seis pelo menos no Jacarezinho, células mesmo. Mais que dentro do Jacaré a gente se unia para fazer uma grande frente né. Porque a gente era referência, porque o pessoal conseguia fazer o trabalho nas fábricas contra a ditadura né.¹²⁹ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

No entanto, essa união tinha limites claros. Nem todo tipo de prática era feito por todos os militantes de esquerda do Jacarezinho. Para alguns, limites ideológicos impunham barreiras, mas as restrições poderiam ser de ordem variada.

...qualquer que seja o grupo político que o pessoal participava, que alguns eram organizados outros não, não era organizado, porque quando algum pessoal me dava material pra ler, eu lia, quando queria se aprofundar mais eu dizia, gente eu não aquento tortura, eu era muito pequena, era muito magra... eu casei com vinte e dois anos quarenta e cinco quilos. Então eu sempre fui muito miúda, então eu dizia, gente eu não aquento porrada, então eu vou estar na luta, vou tá aí mas eu não quero fazer parte de nenhum grupo. Porque o meu medo, eu preferia estar dentro do Jacaré na resistência, trabalhando ali, o Jacaré me conhecendo, sabendo que eu estava lutando, brigando, trabalhando a Igreja, fazendo oposição. Minha preocupação era o seguinte, como eu era muito miúda, gente se algum dia alguém me pegar, o que eu vou fazer da minha vida, eu não vou trair meus companheiros e minhas companheiras. Então eu preferi não participar de nenhum grupo organizado naquela época. Ficar específica na luta comunitária.¹³⁰ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

Apesar da ditadura vigente e dos limites claros que o sistema impunha ao desenvolvimento da atividade política, esse grupo investia suas forças numa atuação que transpunha o atendimento das necessidades urbanas do Jacarezinho. Além de pleitear a direção da associação de moradores e a diretriz de determinadas intervenções do Estado no Jacarezinho, o Grupo Amarelo também se manifestava nas eleições municipais e estaduais apoiando candidatos que acompanhassem seu posicionamento político ou lançando candidatos do próprio grupo.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Entrevista concedida à autora em 12/07/2005.

O pleito eleitoral neste período no Jacarezinho constitui um capítulo à parte. Diversos nomes disputavam votos entre os operários e moradores. Entre eles, correntes políticas opostas marcavam um conflito entre idéias e realizações. Durante o período de bipartidarismo vivido no país, a disputa no Jacarezinho era entre dois grupos do MDB. De um lado os autênticos que reunia alguns comunistas, e do outro lado os chaguistas.¹³¹ Laércio Maurício da Fonseca¹³² e sua irmã Hilza foram dois desses nomes ligados ao grupo do Chagas Freitas com grande êxito eleitoral, incluindo uma forte votação no Jacarezinho.

Outros dois nomes que figuram entre os eleitos pelo Jacarezinho são Lysâneas Maciel e Edson Khair.¹³³ Tidos como oposição dentro do MDB, eles representaram o voto dos grupos de esquerda dentro do Jacarezinho, como o dos integrantes do Grupo Amarelo, obtendo considerável apoio naquela região.

Em compensação o Edson Khair, que era do grupo autêntico do MDB e o Lysâneas Maciel em 74 tiveram uma grande votação lá [no Jacarezinho]. O Lysâneas deve ter tido uns seis, sete mil votos em 74 lá. Lá é a 8ª Zona, você sabe? O Edson teve uns cinco mil votos lá.¹³⁴ (Jornalista e ex-vereador).

O apoio a essa dobradinha renderia alguns problemas internos para os militantes do Jacarezinho.

¹³¹ Após 1965, com a implantação do bipartidarismo, o Rio de Janeiro viveu um momento particular. O MDB e a Arena dominavam a cena política. Dentro do MDB diversos grupos disputavam a liderança do partido. Entre eles, podemos destacar os chaguistas, articulados em torno da liderança de Antônio de Pádua Chagas Freitas, governador do Estado da Guanabara em 1970 e mais tarde Governador do Estado do Rio de Janeiro. Identificado por seu posicionamento não ideológico na política e por traços como a tradição familiar de seus parlamentares, os chaguistas, diferiam dos autênticos que se diziam ideológicos e preocupados com discussões nacionais. (Didiz, 1982)

¹³² Os irmãos Fonseca são filhos de Chrispim Maurício da Fonseca, ex-vereador do Município do Rio de Janeiro e irmãos de Velinda Mauricio da Fonseca, também ex-vereadora. Com a morte de Velinda em 1968, sua irmã Hilza se candidata a deputada estadual nas eleições de 1970. Laércio se elege vereador em 1976, assumindo a presidência da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. A atuação da família Fonseca se concentrou no Méier e adjacências, com destaque o Jacarezinho. (Diniz, 1982). Como homenagem póstuma o Vereador Sebastião Ferraz do PMDB (também com tradição política na região Méier e ex-membro do MDB) propôs dar o nome de Laércio a uma rua no Méier. Plenário Teotônio Villela, 19 de Abril de 2006.

¹³³ Em 1978 Edson Kahir foi o terceiro deputado federal, do MDB, mais votado no Jacarezinho. Do primeiro ao terceiro lugar, em número de votos, temos os deputados chaguistas. Em quinto lugar temos outro deputado autêntico, Délio dos Santos, ex-presidente da Fundação Leão XIII no Governo de Negrão de Lima. No mesmo ano o deputado estadual mais votado entre os autênticos no Jacarezinho foi o comunista Raimundo de Oliveira, ocupando o quarto lugar em votos. Do primeiro ao terceiro lugar os candidatos mais votados do MDB eram do Grupo Chaguista. (Diniz, 1982)

¹³⁴ Entrevista concedida à autora em 17/10/06.

A gente fazia campanha muito camuflada pro MDB. Na primeira eleição, 74... a gente elegeu o Lysâneas e o Edson Khair. Nós, no Jacaré, fizemos um acordo, qualquer que seja o grupo político que o pessoal participava, que alguns eram organizados outros não... naquela época todo mundo se juntou e a gente se juntou e fez campanha de Lysâneas, Edson Khair e Tunico, que é o Tunico Carlos de Carvalho [vereador], era na época do MR8. Mas a gente... na oposição e a gente fez e os três foram eleitos. Aí depois o povo do Jacaré queria matar a gente porque o Lysâneas foi cassado [1976]. Deputado cassado, comunista, aí o pessoal: “ah agora a gente vai ser descoberto, a gente vai ser preso também né”. Era o grande medo. Então é isso, a gente ficava bem perto da comunidade, fazendo luta interna e trabalhando isso pra população. E com isso a gente conseguiu ganhar a associação de moradores, a comissão de luz, unia todas as forças né.¹³⁵ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

A união que caracterizou esse grupo de moradores do Jacarezinho vai ser aos poucos alterada a partir de 1979. Os anos 1980 marcam ascensão de novas siglas partidárias. As conseqüências desse processo e a maneira como esses atores vão se posicionar repercutem até hoje no cenário político daquele espaço.

4.3 - “Vou botar pra andar”: anos 1980 e a nova configuração política

Com a abertura política e a anistia em 1979, a configuração política no Jacarezinho vai ser alterada. Os militantes do Grupo Amarelo seguem um caminho diferente dentro e fora do Jacarezinho. Com o fechamento da maior parte das fábricas no bairro, o movimento operário, por sua vez, sofre um progressivo esfalecimento na região e a Associação de Moradores deixa aos poucos de ser um espaço privilegiado para esse grupo. A década de 1980 marca uma nova etapa na história das mobilizações políticas no Jacarezinho.

Quando foi em 80, agora vou botar para andar mais. Aí que foi em 80, em 80 foi a volta do Brizola. Brizola estava no exílio e voltou. E meu marido era muito brizolista. Então nosso grupo se desfez, a gente foi pro Brizola e eles foram para o PT, mas sem a gente... Ficamos amigos, a gente não brigava. Depois veio o Lysâneas Maciel que era do PDT e foi pro PT, mas sempre a gente amigo e foi assim minha filha minha vida foi assim e tô aqui até hoje.¹³⁶(moradora do Jacarezinho e ex-militante do Grupo Amarelo).

¹³⁵ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

¹³⁶ Entrevista concedida à autora em 07/03/06.

Segundo outro entrevistado, esse momento de cisão é definido também de acordo com a relação com o líder. Nesse caso o Brizolismo ganha força pela atuação dos membros do PDT no Jacarezinho.

Foi... porque teve o processo... todos estavam no MDB antes né, todos estavam na luta política mais definida, quando veio o processo, a abertura cada qual tinha um caminho. Quem era orgânico como o Irineu que era do MR8 ficou dentro da orientação do MR8. Agora o povo, ele tem uma relação com o líder que ultrapassa a relação orgânica. Então o Brizolista, não sei se é hoje como era antes, mas naquela época era muito brizolista, tá entendendo? E passava por cima. Agora o PT demorou muito pra se fazer na favela...¹³⁷ (jornalista e ex-vereador).

Uma de nossas entrevistadas relata a honra de receber o Brizola em sua casa por mais de uma vez. Uma dessas ocasiões foi especial pois marcou a comemoração da primeira eleição para o Governo do Rio de Janeiro em 1982. “Foi lá que o Brizola almoçou, você sabia, ela era mulher do Chicão, lá que o Brizola em 82 comeu churrasco, é ela é Brizolista doente”.

Gosto muito do Brizola, lutei por ele, fundei o partido, sou fundadora do meu partido. Sou a 4^o pessoa da Zonal. Sou suplente do Diretório Municipal que o presidente é o neto do Brizola. E todos eles me botam, eles gostam muito de mim. Participo até hoje, nós vamos pra reunião, vamos pro partido.¹³⁸ (ex-militante do Grupo Amarelo e moradora do Jacarezinho).

Nessa fala, podemos perceber como a relação com o “líder” vai além da questão política. A identificação com o PDT e sua fundação não se distancia do seu afeto pelo Brizola. A abertura possibilitou o retorno de antigos personagens da vida política do país e o surgimento de outros expoentes no nível nacional. Nesse contexto, os grupos políticos vão disputar adesão entre aqueles que fizeram parte da Chapa Amarela no Jacarezinho. No entanto, esse fenômeno não é restrito a esse espaço, país a fora podemos acompanhar esse momento político onde a unidade perde espaço para a multiplicidade de idéias e grupos políticos.

¹³⁷ Entrevista concedida à autora em 17/10/06.

¹³⁸ Entrevista concedida à autora em 07/03/06.

Esta divisão ocorrida na década de 1980 teria se dado não só pela conjuntura política do país, mas também por conta de uma divisão geracional. Quando uma das entrevistadas se refere aos “meninos” que se juntaram ao Grupo Amarelo na década de 1970, ela está falando de uma geração no mínimo trinta anos mais nova. São justamente esses “novos” que vão seguir o caminho do Partido dos Trabalhadores (PT).

Uma das entrevistadas que optou por participar da formação do PT, narra o primeiro contato com o que viria a ser o Partido dos Trabalhadores e nos fala como o grupo foi dividido a partir de então.

Foi antes da fundação porque como a gente já tinha sindicalista no grupo né e a gente já tinha toda... a gente participava ativamente de tudo que acontecia em São Paulo, a gente tinha todas as informações e a gente tinha reunião semanal, todo mundo junto. A gente usava muito o Sindicato dos Vidreiros. E quando surgiu a oportunidade de construir o partido, nós participamos de toda a discussão do processo de criação do partido, discussão de teses. Então o Jacarezinho foi invadido. Porque como era uma área operária, foi invadido por diversos grupos da esquerda pra construir tese, discussão de regimento, de estatuto, de não sei o que. A gente passava horas e horas e madrugadas. Quando era de dia, quando era noite a gente fazia as reuniões no Sindicato dos Vidreiros... o pessoal do Jacaré sofreu muito nessa discussão do partido porque como era é..., o pessoal achava que todo mundo era, podia ficar no que ia ser o PT, o pessoal do Jacaré porque todo mundo tinha uma linha operária. Só que depois a gente viu que não, cada um foi para um lado. Os diferentes grupamentos políticos do país procuravam a gente porque, como eu te disse, no Jacaré a gente fez um grande grupão. Independente de que linha política seguia, a gente era um grupão interno. Fora, cada um seguia a sua linha, e o que aconteceu com o PT foi isso. Então as pessoas saíam e vinham pro Jacarezinho para ter o apoio da base, de militância comunitária porque o partido não ia ficar restrito a sindicalista. Então por isso que a gente era procurado né. Então é importante ter o partido, então tá, aí se criou, aí vai, vamos fazer as filiações.¹³⁹ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

Se por um lado se rompia uma unidade de décadas dentro do Jacarezinho, era o momento de novas construções políticas. O PT e o PDT criaram importantes bases que figuram até hoje na política do local. Nas palavras de um entrevistado, depois do Chaguismo foi o momento do Jacarezinho viver o Brizolismo.

E quando o brizolismo veio, o Jacarezinho se identificou muito com o Brizolismo porque a idéia do Brizola era não depender do político pra comunidade ter acesso ao poder, aos órgãos da prefeitura, do Estado. O meu

¹³⁹Entrevista concedida à autora em 12/07/05

primeiro cargo na prefeitura foi sub-prefeito da Zona Norte que incluía o Méier e o Jacarezinho e passei então a me apaixonar pelo Jacarezinho, eu tenho uma grande paixão pelo Jacarezinho.¹⁴⁰ (jornalista e ex-vereador).

O período do início dos anos 1980 com Brizola à frente do Governo do Estado, o efeito “Brizolismo” se destaca no cenário da cidade. A canalização do Rio Jacaré, feita por uma prefeitura aliada ao PDT, ajuda a projetar esse grupo dentro do Jacarezinho.

Então eu passei a estudar, trabalhar, fui ser Secretario de Desenvolvimento Social. Fiz a canalização do Rio Jacaré, que era uma coisa que estava há 20 anos esperando. Tinha até uma verba a fundo perdido do BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento, que ninguém usava porque pra fazer o projeto que o BID queria era inviável. Era um projeto que removia as casas 40 metros da beira do Rio, do meio do rio, e eu consegui mudar pra 15 metros. Aí no lugar de remover três mil casas removemos 500 e construímos dois conjuntos. Um na verdade... foi o Nelson Mandela ali na Leopoldo Bulhões e o outro o Samora Machel, que eles chamam de Mandela dois. É basicamente o pessoal da beira do Rio Jacaré... (jornalista e ex-vereador).

Do outro lado, fora do poder público, um dos líderes da Associação de Moradores nos fala sob sua perspectiva sobre a canalização do Rio Jacaré.

A canalização do Rio Jacaré, quando nós levantávamos, porque nesse rio nós vimos morrer muita gente, aí dava chuva, a última que deu que eu me lembro foi em Janeiro, carregava os barracos de madeira, que era tudo de madeira, pegava os barracos de madeira e saia igual balde... nós vínhamos começando a implantar a idéia que nós tínhamos que canalizar o Rio, ninguém acreditava, ninguém... e foi feita a canalização, foi na minha administração na associação de moradores. E nós que organizamos junto com a Secretária de Desenvolvimento Social do Município e exigimos que grande parte das pessoas que iam fazer o levantamento e o projeto... deviam ser do Jacarezinho, eles aceitaram, mas eu sinceramente nem me recordo as pessoas daquela época que participaram dessa empreitada. E o Rio acabou sendo canalizado. Foi a grande vitória dos moradores do Jacarezinho. mudou muito...¹⁴¹ (ex-operário e ex-morador do Jacarezinho).

¹⁴⁰Entrevista concedida à autora em 17/10/2006. Dessa paixão pelo Jacarezinho surgiu um romance: *Os assassinos das sextas-feiras*. O romance é protagonizado por um jornalista em fim de carreira que tem sua aposentadoria antecipada de forma arbitrária. O livro que mistura a sátira da vida social com um mistério policial, relata um pouco do universo de uma favela carioca. Com uma habilidade notável, o autor mistura ficção e realidade ao contar histórias sobre o Jacarezinho. O assassino das sextas-feiras queria acordar o mundo, a cena final se passa no Jacarezinho porque: “no dia em que o morro descer junto, [para a Revolução] vai ser um Deus nos acuda”. Ainda segundo o autor, sua última esperança de proletariado era o Jacarezinho, por isso escrever um romance que se passa em seus becos.

¹⁴¹ I seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

Homens e mulheres, operários e donas-de-casa construíram um dos grupos mais importantes da história do Jacarezinho. Apesar da diversidade de sua composição, eles se reconheciam por uma identidade relacionada, sobretudo ao espaço do bairro. Apesar de a década de 1980 ter desfeito esse grupo, sua importância como um marco de união e cooperação entre os moradores do Jacarezinho é evidente nos depoimentos. O sonho da construção de um partido que pudesse atender aos interesses de todos não se concretizou. O PT agregou, mas não foi unanimidade entre os moradores do Jacarezinho, nem tampouco entre os operários do país. Apesar de um certo tom de nostalgia ao falar do passado e da organização política do bairro, podemos perceber que de alguma forma a memória desse grupo continua servindo como exemplo a ser seguido pelas novas gerações. Alguns membros do Grupo Amarelo estão hoje mais distantes da vida política, outros ainda permanecem atuando dentro e fora do bairro. Apesar das diferenças e disputas existentes entre os membros do grupo, o que marca sua história é justamente a capacidade de unir as diferenças, sem anulá-las. Na memória dos moradores do Jacarezinho, a “esquerda” subiu o morro, fez história e marcou a experiência de vida de mais de uma geração.

Mas os anos 80 representam mais que a abertura política e a divisão desse grupo. Passados os anos de ascensão do movimento comunitário e do movimento operário, o bairro do Jacaré convive com a saída das indústrias, o crescimento da violência e o desemprego. Entre as várias indústrias que fecharam temos o caso da Fábrica de Parafusos Águia, desde dos anos 30 na região. Seu fechamento trouxe consequências para seus mais de 300 funcionários que se viram obrigados a repensar sua profissão e seu elo com o bairro. Apesar de não representar uma experiência que esgote o bairro nos anos 90, o caso da “Águia” e de seus trabalhadores nos dá uma boa noção dos impactos desse período no bairro. Além disso, esse exemplo nos remete para uma questão vivida por trabalhadores, sindicatos, vilas e cidades operárias nesse período.

4.4 - O vôo da águia: o caso dos trabalhadores da fábrica de parafusos

A partir de 1990, a maior parte das fábricas do complexo industrial encerrou suas atividades por falência ou transferência da região. Foi nesse mesmo período que a

Parafusos Águia, com quase 300 trabalhadores, começou a apresentar problemas na produção, com um progressivo descumprimento dos direitos trabalhistas, até seu fechamento, no fim dos anos de 1990. Interessa-nos, ainda, analisar “o vôo da Águia”, ou seja, de que maneira esses operários construíram uma alternativa para o desemprego, formando uma cooperativa. Com o fechamento da fábrica, os trabalhadores receberam como indenização o maquinário da empresa. Ao passo que muitos vendiam as máquinas para obterem um rendimento mínimo, um pequeno grupo propôs a formação de uma cooperativa de trabalho. Nesse contexto, o Sindicato dos Metalúrgicos aparece com destaque na fala dos entrevistados. Ao negar apoio à iniciativa de construção de uma cooperativa, a instituição passou a ser hostilizada por esse grupo e deixou de ser, então, o espaço legítimo de representatividade destes trabalhadores.

Podemos concluir que a saída encontrada pelos operários da Parafusos Águia constituiu uma exceção em face dos demais trabalhadores do bairro, que em geral foram buscar seu sustento em atividades fora da produção industrial. Além disso, esses homens tiveram que construir novos referenciais em termos de espaço e identidade.

Só podemos entender as memórias dos ex-operários da Fábrica de Parafusos Águia a partir da compreensão do espaço em que a fábrica estava localizada. A fábrica se instalou no bairro do Jacaré na década de 1930, quando o local ainda não havia se constituído como um centro de produção industrial. A seguir, temos uma descrição do espaço que por mais de 60 anos serviu ao funcionamento da fábrica:

[...] prédios: localizados a rua Luiz Zanchetta, n.ºs 94 a 114, no bairro do Riachuelo,¹⁴² freguesia do Engenho Novo. Construção antiga, em estrutura de concreto armado, alvenaria de tijolos, onde anteriormente funcionava a Fábrica de Parafusos Águia S/A. O imóvel compreende as edificações existentes no n.º 94 a 114 da citada Rua Luiz Zanchetta. Apresenta-se com fachada em massa corrida, muro alto, portões de ferro com acesso para carga e descarga de caminhões e demais veículos além de pedestres; as janelas e portas com esquadrias de ferro e dispõem internamente dos seguintes compartimentos: Dois galpões com cobertura de alumínio e piso de cimento: com depósito para guarda de matéria-prima utilizada pela fábrica; Três outros galpões com cobertura de alumínio e piso em cimento, todos em regular estado de conservação. Pátio para carga e descarga de caminhões com rampa e portão de ferro. Pátio de estacionamento para veículos, com cobertura; área

¹⁴² Para fins analíticos, englobamos alguns pequenos bairros no entorno do Jacaré, como o Riachuelo, fazendo parte da mesma área.

com projeto de construção de vestiários, banheiros, com início de execução, localizada no segundo pavimento. Casa localizada nos fundos da fábrica onde reside o vigia e antigo funcionário da fábrica, constituída de três quartos, sala, copa/cozinha, varanda e dois banheiros. Portaria com cabine para Segurança e vigia, diversas salas e departamentos onde funcionava toda estrutura administrativa da fábrica, além do refeitório, salão de jogos e banheiros, estes localizados no segundo pavimento. O Terreno: medindo 108,00m de frente pela Rua Luiz Zancheta; nos fundos, em linha quebrada, mede 13,90m mais 12,37m, 12,17m, 12,04m, 8,00m, 2,00m, 10,05m, 20,00m, 10,03m, 10,93m, 77,00m à direita; 61,62m à esquerda. Proprietária: Fábrica de Parafusos Águia S/A. – Área edificada de 5.703,00m².¹⁴³

O espaço descrito acima é o cenário em que a memória de centenas de homens e mulheres ancora um dos seus principais referenciais. Na época da falência da fábrica, alguns de seus operários tinham 25, 30 anos de trabalho na “Águia”. Trabalhar ali representava para muitos fazer um pequeno trânsito entre local de trabalho e de moradia.

No caso dos trabalhadores da “Águia”, alguns estudos¹⁴⁴ enfatizam a rivalidade criada com o sindicato a partir da perspectiva da formação de uma cooperativa, deixando de problematizar qualquer questão relativa ao espaço do bairro e à integração das práticas sindicais ao cotidiano dos trabalhadores.

Com o fechamento da Parafusos Águia nos anos 1990, um grupo de trabalhadores, 22 dos quase 300 operários, propôs a formação de uma cooperativa. A Cooperativa de Produção de Parafusos completou 10 anos de existência em 2005. Sua formação implicou uma série de questões para o grupo fundador, o que incluiu a quebra do elo entre esses operários e o Sindicato dos Metalúrgicos.

Os trabalhadores da “Águia” tinham uma forte participação no sindicato, a fábrica é lembrada como uma das que marcavam presença no cenário sindical do bairro. Um dirigente sindical dos metalúrgicos lembra da fábrica da seguinte maneira:

Não existem... muitas empresas não existem mais no Jacaré, poucas hoje, né? Eu posso te dar o exemplo de grandes empresas que não existem mais hoje no Jacaré, as chamadas falidas... E também uma grande indústria de parafusos, chamada Parafusos Águia, ali no bairro do Jacaré, ela também comportava uma média de 600 a 700 trabalhadores, também de carteira assinada, em turnos diurnos e noturnos, né, era 24 horas. E sem contar também com a desvalorização do local, [o que] ajudou muito a enfraquecer o setor

¹⁴³ Edital de Leilão da Fábrica de Parafusos Águia, 29/06/05.

¹⁴⁴ Ver, por exemplo, Tiriba (1997).

produtivo no Jacaré¹⁴⁵. (dirigente sindical dos metalúrgicos e ex-morador do Jacarezinho).

Quando perguntado sobre o destino dos trabalhadores desta fábrica o mesmo entrevistado nos responde:

Houve uma tentativa de cooperativa... uma tentativa que devido os trabalhadores não terem conhecimento do mundo dos negócios, né, e também a questão da própria dificuldade de entrar no mercado, essa cooperativa funciona muito precariamente lá em Caxias, precariamente mesmo, viu?¹⁴⁶

Segundo os membros da cooperativa, ao procurarem o sindicato em busca de apoio para a nova empreitada, a resposta foi a seguinte: “Somos e sempre seremos contra o cooperativismo”. Já o dirigente sindical quando perguntado se o sindicato apoiou a iniciativa dos trabalhadores, responde de forma direta.

Não, o Sindicato na época ele não deu apoio, porque o sindicato naquele ano tinha... já estava entrando no país a questão das cooperativas, né, de mão-de-obra, e o Sindicato como naquela data e como até hoje é contra qualquer tipo de cooperativa de mão-de-obra. Na nossa categoria, no nosso acordo coletivo, nós não assinamos cooperativa de mão-de-obra. A empresa tem que assinar a carteira do trabalhador, tudo bonitinho, aquela coisa toda. Então, por isso que o nosso sindicato não deu nenhum apoio. Deu apoio, sim, na questão de preservar os bens daqueles. Na justiça, tudo, todos os contatos possíveis foi para que os trabalhadores recebessem as indenizações, a cooperativa não.¹⁴⁷ (dirigente sindical dos metalúrgicos e ex-morador do Jacarezinho).

Para aqueles operários, começava uma nova jornada em busca de reconhecimento e renda para a sua sobrevivência. Ao lembrarem desse momento, os trabalhadores da “Águia” colocam os seus principais dilemas.

E parou assim, ficou todo mundo na rua, digamos assim. Fizeram um acordo com o pessoal, esse acordo foi assim pra tentar amenizar, digamos assim, pessoas que tinham 20, 30 anos de casa, de fábrica; receberam máquina velha, outros não receberam até hoje. Foi feita uma média, mais ou menos, ninguém tinha conhecimento de valor de máquina, máquina fora do mercado já, sem valor. Qual a alternativa nossa? Era receber aquelas máquinas pra não ter o prejuízo total. Aí foi quando surgiu a idéia: fundar uma cooperativa, fundar

¹⁴⁵ Entrevista concedida à autora em 20/10/05.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ Entrevista concedida à autora em 20/10/05.

uma cooperativa, mas só que ninguém conhecia nada, ninguém tinha idéia de nada, valores. Aí chegou no ponto, as pessoas optaram, a maioria, a grande maioria ceder as máquinas pra cooperativa em comodato¹⁴⁸. (ex-funcionário da Fábrica de Parafusos Águia e membro da Cooperativa de Produção de Parafusos).

A idéia de fundar uma cooperativa é encarada ao mesmo tempo com entusiasmo e receio. No entanto, era uma das poucas possibilidades que esses trabalhadores vislumbravam. Se compararmos a sua fala em 1997¹⁴⁹, quando a cooperativa dava seus primeiros passos, com a perspectiva atual que têm, perceberemos um inevitável desânimo com a seqüência da história. Se por um lado eles permanecem trabalhando, as dificuldades e as crises constantes fizeram com que os sonhos dessem lugar a uma realidade de trabalho duro e de busca constante para a manutenção de uma renda mínima para os cooperados.

Quanto ao sindicato, misturam nostalgia com ressentimento, ao lembrarem da falta de apoio da entidade:

Chegamos, mas nessa hora o sindicato não deu apoio não, o sindicato só dá apoio quando você está empregado, está descontando pra ele. Até mesmo nós recorremos ao sindicato pra um galpão na época pra guardar o maquinário; eles não liberaram não, não liberaram não. Ficamos sem apoio, foi muito difícil.¹⁵⁰ (ex-funcionário da Fábrica de Parafusos Águia e membro da Cooperativa de Produção de Parafusos).

Na análise de outro personagem envolvido com a criação da cooperativa, a perspectiva é bem parecida. Para ele “o sindicato só trabalha com incluído, excluído fica fora”¹⁵¹, ou seja, o trabalhador que não pode contribuir para o sindicato estaria fora desse espaço que outrora era um dos caminhos para sua inclusão no jogo social. Esse caminho passava de forma evidente pela aquisição de um emprego formal, de carteira assinada, e pelo vínculo sindical.

¹⁴⁸ Entrevista concedida à autora em 05/01/06.

¹⁴⁹ Ver Tiriba (1997).

¹⁵⁰ Entrevista concedida à autora em 05/01/06.

¹⁵¹ Entrevista concedida à autora em 30/11/05. Ligado a uma ONG, este ex-sindicalista participou do processo de formação dos trabalhadores da Fábrica de Parafusos para a implantação da cooperativa. É interessante notar que o entrevistado foi dirigente sindical em Volta Redonda e o papel que ocupa hoje, enquanto defensor da economia solidária e crítico de algumas posições do sindicato, em parte contraria os princípios de sua formação de sindicalista.

Por outro lado, entre os membros da cooperativa podemos observar uma forte ênfase dada à atuação dos trabalhadores da “Águia” junto ao sindicato.

Participavam... greve tava todo mundo lá na porta, não entrava ninguém, o pessoal pagava o sindicato. O pessoal usava o sindicato pra atendimento médico que tinha lá, usava o sindicato direto. Agora, quando a cooperativa precisou do sindicato, igual ele falou, pra botar um galpão, pra guardar o maquinário que a gente tava tirando da fábrica, ele não cedeu. A gente acha até... a gente conversa às vezes que por cooperativa ser uma coisa nova, eles podem ter ficado com medo. Vai acabar as empresas, vai virar tudo cooperativa e ninguém vai trabalhar pro sindicato. Não sei se isso tava na cabeça deles, mas parece que tava. Porque nós não vimos motivo pra não apoiar. Se eles tiveram tantos anos do lado do trabalhador, naquela hora que o trabalhador precisou deles, eles não deram a mão, não apoiaram. E o pessoal pediu na época apoio pra tirar só o maquinário de dentro da fábrica e arrumar um lugar pra guardar provisório até se alugar um outro local, a ajuda deles pra intermediar alguma coisa. [Foi] onde eles não forneceram essa ajuda.¹⁵² (ex-funcionário da Fábrica de Parafusos Águia e membro da Cooperativa de Produção de Parafusos).

Se por um lado fica a idéia de que o sindicato só trabalha com os “incluídos”, por outro, ao nos concentrarmos nas histórias desses sindicalistas que misturam suas vidas à estrutura sindical, percebemos que tal análise pode ser reducionista. Quando perguntamos para um dirigente sindical qual a importância dessa instituição para a sua vida, obtivemos uma nova perspectiva da situação.

Na vida, ele [o Sindicato dos Metalúrgicos] tem assim um papel muito significativo pra mim, desde garoto operário, né, metalúrgico, mesmo sem carteira assinada... e conhecer a questão da injustiça social de perto. Porque você morar numa favela e trabalhar de biscateiro como garoto, então, quer dizer, você conhece a injustiça social muito de perto, você conhece na prática, né, como se diz ali na gíria, na carne. Então com isso te gera, como [em] qualquer ser humano, uma revolta. Uma revolta de tentar mudar aquela situação, ou mesmo de você ficar ali um franco atirador, né, aquilo subir pra mente você cometer loucuras até mesmo besteiras, né? Então já [existia] o fato da revolta, mas meu sentimento era de mudar, ou mudar a minha vida, a vida das pessoas. Então, por eu gostar da política, pelo que eu acabei de falar no início, meus avós, meus vizinhos antigos lá, que eu chamava de avós (não conheci meus avós), aqueles que eu chamava de avós lá no Jacaré, eles passaram esse sentimento pra mim, [era] então um sentimento e você vendo na carne... Então o Sindicato se tornou pra mim um leque de tudo aquilo que eu

¹⁵² Entrevista concedida à autora em 05/01/06.

vislumbra dentro do meu ego lá como garoto. Então a própria revolta de discutir com a burguesia, dizer que tá errado, contestar e até mesmo de colocar muitas das vezes via justiça eles na parede, isso pra mim já me satisfaz muito, entendeu?¹⁵³ (dirigente sindical e ex-morador do Jacarezinho).

Na fala acima, o sindicato é caracterizado como um mecanismo de inclusão social, meio de se fazer algum tipo de justiça em relação à condição de muitos dos operários. No entanto, esse sindicato pouco se parece com aquele descrito pelos trabalhadores da “Águia”. Mas falar do papel desempenhado pela instituição nesse caso específico, sem levar em conta o contexto vivido pelo sindicalismo na década de 1990, limitaria nossa reflexão. E se o modelo de emprego sofreu impactos nessa década, o sindicato também foi afetado com as mudanças nas relações de trabalho.

Então, se você fizer uma comparação do passado pra hoje, houve uma regressão muito grande no movimento sindical. Eu acho inclusive que isso que eu tô me referindo ao sindicato daqui é nas outras categorias também, entendeu? Tu vê Sindicato dos Metalúrgicos já está em campanha salarial mas tu não escuta nem falar. Antigamente, tava aqui o carro de som, tava passando por aqui, que aqui atrás tinha uma fábrica muito grande que era a “Águia”, né? Os sindicatos pra te dizer nem carro de som eles têm mais, né? Antigamente todo sindicato tinha carro de som, a gente aqui que era um sindicato pequenininho tinha carro de som.... mas antigamente ter um carro de som era honra do sindicato. Estar na porta da empresa com carro de som falando lá nem que seja uma besteira qualquer, mas tava ali marcando posição... Os anos 90 também foi muito bom, mas chegou aí próximo de 2000 o troço foi caindo num marasmo e se pode dizer [que] nesses últimos três, quatro anos, aí vivemos num marasmo, vivemos no empurródromo, empurrando com a barreira até por falta de lideranças mesmo. O movimento sindical são lideranças, se não tiver uma grande liderança, você não consegue fazer o movimento, na realidade, é isso.¹⁵⁴ (funcionário do Sindicato dos Vidreiros).

Se a manutenção de uma renda mínima era necessária para a sobrevivência, por outro lado esses trabalhadores tinham que se afirmar como cooperativados, redefinindo suas memórias em relação ao sindicato e a outros espaços, como o do próprio bairro. A afirmação de uma nova identidade em meio à perda de vários vínculos identitários era um desafio. Se antes eles faziam parte de um dos maiores e mais combativos sindicatos da

¹⁵³ Entrevista concedida à autora em 20/10/05. Ele nasceu no Jacarezinho, onde morou por mais de 40 anos. Ao falar da importância do sindicato para a sua vida e do significado de ter nascido em uma favela, a emoção tornou-se evidente em seu semblante.

¹⁵⁴ Entrevista concedida à autora em 09/08/05. O entrevistado está no sindicato há mais de 30 anos, desde então, acompanha não só a história dos vidreiros, como a história do bairro e das fábricas e sindicatos que atuavam naquele espaço.

história carioca, agora esse espaço não mais lhes pertencia. Com a implantação da cooperativa em Duque de Caxias, outra referência foi afetada. Boa parte desses trabalhadores era de moradores do Jacarezinho: “Eles iam de bicicleta para a fábrica, agora não dá para ir de bicicleta pela linha Vermelha”, relata um dos entrevistados. Os trabalhadores consideraram, inclusive, a possibilidade de ir morar em Duque de Caxias.

A aproximadamente 220km da “Águia”, em outro município, está localizada a COOPARJ – uma viagem feita de carro em certa de 30min, com fluxo bom. No entanto, para esses trabalhadores, a distância não pode ser medida dessa forma. Boa parte dos operários da COOPARJ alterna-se entre dois ou três ônibus para chegar ao local de trabalho. Quando perguntados sobre a possibilidade de fixação em Caxias, com a construção de uma vila para os cooperativados, a resposta foi a seguinte: “uma coisa foi o sonho, outra é a realidade”.

Ah, foi difícil, até o pessoal acostumar com a distância, o deslocamento. Aqui, aqui é muito contramão; tem cooperado que ele pega até quatro conduções pra chegar aqui. Pessoa que mora acima de Queimados às vezes vem pra cá, vem pra Nova Iguaçu, pega pra Queimados, pega pra Nova Iguaçu, pega de Nova Iguaçu pra Caxias e de Caxias pra essa área aqui, aí fica difícil... Do Jacaré eles pegam duas conduções ainda. Ou de trem até Caxias, ou pega um ônibus pra Caxias, de Caxias pega um outro pra cá (pra Avenida Brasil, da Avenida Brasil pega um pra cá). É, fica difícil.¹⁵⁵ (ex-funcionário da Fábrica de Parafusos Águia e membro da Cooperativa de Produção de Parafusos).

Com dificuldades financeiras, a cooperativa sobrevive precariamente e o sonho de reunir novamente os trabalhadores próximos ao local de trabalho agora não faz mais parte de uma perspectiva “real”.

Problematizamos a questão do espaço como referencial importante para a construção da memória e da identidade dos grupos sociais. Por outro lado, mostramos como as novas demandas impostas aos trabalhadores, desempregados e subempregados a partir da década de 1990 trouxeram rupturas com espaços antes privilegiados por um grupo de operários. Diferentes desafios em termos da construção de uma outra identidade e de novas relações com o espaço são colocados para essas pessoas.

¹⁵⁵ Entrevista concedida à autora em 05/01/06.

Ao mesmo tempo, os sindicatos depararam-se com uma nova realidade, sua pauta está mudando, assim como o perfil dos trabalhadores membros dessa instituição. Nesse contexto, surge uma demanda da sociedade de que a instituição dê conta dos problemas de uma conjuntura bem maior. Se por um lado podemos problematizar o papel do sindicato diante dos desempregados, é preciso que também tenhamos em vista o fato de não caber apenas à instituição o dever de amortizar para os trabalhadores todo o impacto “negativo” de mais de uma década.

Os trabalhadores da “Águia”, assim como tantos outros, estão buscando sua sobrevivência, encarando novos desafios e propondo-se a prosseguir em meio às tormentas. Se por um lado romperam com o espaço da fábrica, com o sindicato e com o próprio bairro laços de décadas, por outro, estão se dispondo a construir uma nova história. Esses operários representam uma trajetória de luta e perseverança diante dos novos desafios que se apresentam aos trabalhadores, aos sindicatos e a tantos movimentos sociais.

Novos partidos foram formados, os grupos se articularam e se rearticulam em diversas direções. Mas o reconhecimento de um passado onde a unidade prevalecia ainda marca a memória dos operários e moradores do Jacarezinho num sentimento que mistura nostalgia e esperança num novo momento do movimento comunitário e operário no país.

Considerações Finais

Os apitos das fábricas apontavam para o despertar de um novo dia, para hora do almoço ou para o lanche do fim da tarde. O aroma do chocolate ou do café vindos da Café Moinho de Ouro “perfumava” as casas. O ritmo das fábricas determinava a vida de centenas de pessoas. Operários ou apenas moradores do Jacaré e do Jacarezinho viviam uma experiência comum na história industrial do Brasil, a de morar em circunstâncias que se assemelhavam as de uma grande vila operária. Os benefícios eram evidentes, morar perto do trabalho significava economia no transporte e no tempo de deslocamento, além da possibilidade de dedicar mais tempo a família. No entanto, essa realidade era vivida com contradições pelos moradores. Entre coerção e benefícios, eles tentavam traçar um ambiente que lhes fosse adequado. Grandes empresas como a “mãe” GE destacavam-se nesse cenário ambíguo, tentando manter seus funcionários e o próprio Jacarezinho sobre seu domínio. Desde os pequenos embates que envolviam práticas pouco reconhecidas pelo próprio movimento operário às costumeiras greves, esses trabalhadores expressavam suas insatisfações e reagiam às imposições das fábricas.

Apesar de algumas empresas tentarem impor regras também ao tempo livre dos trabalhadores, era possível extravasar esse universo fabril nos jogos de futebol, nas festas da Igreja ou nas rodas de samba. Longe das fábricas, futebol e samba também ritmavam o dia-a-dia dessas pessoas.

No Jacarezinho, a luta comunitária ganhou contornos especiais por conta da peculiaridade de essa favela estar num bairro operário e abrigar um grande contingente de trabalhadores. Os embates políticos passaram a fazer parte do cotidiano daquele espaço. A disputa pela associação de moradores ou a forma de conduzir a transformação urbana naquele espaço passou a ser pauta de discussão de operários e donas-de-casa, atingindo o Jacarezinho como um todo. Nesse momento, para além da identidade de classe, homens e mulheres construíram uma identidade que reunia diferentes atores a partir do espaço do Jacarezinho. O Grupo Amarelo ganha projeção, seus líderes se destacam na ação comunitária. A “esquerda” subiu o morro entre os apitos das fábricas, o esgoto correndo pelas ruas, homens e mulheres carregando água para abastecer suas casas e bicos mal iluminados pela luz fraca de cabine. Nesse ambiente, militantes e moradores

desenvolveram uma união em torno da melhoria das questões urbanas dentro da favela. No entanto, esse grupo não se restringiu apenas a esse tipo de ação, mas também faziam campanha e pleiteavam votos para aqueles candidatos que julgassem adequados a sua perspectiva política.

Entre demais as instituições que marcaram a história do Jacarezinho, fazendo um contraponto com o Grupo Amarelo, temos a Igreja Católica. Tida por alguns como reacionária e aliada dos políticos de direita, esta instituição também faz parte da memória coletiva dos moradores do Jacarezinho. A imagem de Nossa Senhora Auxiliadora pode ser vista por quase todos os pontos do morro. Esse monumento, que fica no alto da Igreja, de mesmo nome, uma das primeiras obras de alvenaria no Jacarezinho, é quase tão onipresente como um dos responsáveis por sua concepção. Padre Nelson personifica toda essa história. Temido e respeitado, esse homem foi além de suas atribuições de sacerdote, fez política na favela e, ao se colocar contra os comunistas, conquistou antipatias. Mas no Jacarezinho, Igreja e comunistas, assim como tantos outros moradores, tinham algo em comum. A identidade desse grupo com seu espaço de moradia ultrapassou as relações de classe, opções religiosas e predileções políticas. Todos faziam parte de uma das maiores aglomerações humanas da cidade. Apenas se partimos dos pressupostos de que a identidade é híbrida e de que a memória é constantemente reconstruída no presente, podemos entender o que fazia desse conjunto de pessoas um grupo que se auto-reconhecia e era reconhecido como tal.

A oposição que marca as escolhas de cada indivíduo dentro desse grupo não impediu que momentos de coalizão fizessem parte dessa história. Uma grande enchente ou a morte iminente de um morador poderia unir comunistas e católicos num mesmo esforço de preservar os “filhos” do Jacarezinho.

Mas os anos de 1990 chegam e trazem mudanças que afetam os diversos atores presentes naquele espaço. No Grupo Amarelo, por exemplo, de acordo com a inclinação política dos membros, cada um segue um caminho diferente. Os resultados da pesquisa apontam para uma dispersão desse grupo, o que sugere que sua força também estava concentrada no próprio momento político que o país vivia. Em tempos de repressão, a melhor maneira para se manter vivo era a união. Apesar de partirem de pontos em comum, a abertura política possibilitou o estreitamento de outros laços. O cenário da

produção industrial também mudou muito. Indústrias fechadas, outras feitas de moradia, o emprego tornou-se escasso e o apito das fábricas silenciou. A Igreja já não representa a força política de outrora.

Uma favela operária, um movimento comunitário forte, um bairro industrial e um universo de histórias. Das greves dos operários à mobilização comunitária. Na memória dos velhos militantes, saudosismo e esperança de que suas histórias sirvam como exemplo para os jovens moradores.

Muitas das reflexões que levantei aqui só foram possíveis a partir do contato com os relatos de vida desses homens e mulheres que fizeram parte da história do Jacarezinho. A particularidade de cada indivíduo foi aos poucos permitindo a construção de uma imagem do coletivo. E para encerrar minhas considerações nada mais apropriado do que usar um trecho de uma fala de um dos entrevistados. Citando Aristóteles e falando para uma platéia havida por um discurso que apontasse para um futuro prospero esse homem de mais de 80 anos arranca aplausos e emoção do público.

Então meu amigo, nós somos seres políticos e quando você fala isso o cara diz: “ah eu não gosto de política, política eu não gosto”. Eu não estou falando de eleição, eu estou falando de política. Política é dialogo entre uma pessoa e outra, saber porque a gente veio nesse mundo. Porque a gente só vai ter bondade nesse mundo... se a gente não construir, ninguém vai fazer por nós, não vamos esperar que não cai do céu e ninguém faz. Se nós queremos um Jacarezinho mais organizado do que esse, somos nós que temos que nos reunir e ir pra rua, discutir com as donas-de-casa, com seus filhos e lutar, lutar porque nós temos direito... Eu quero continuar essa luta aqui pra gente organizar um grande movimento político, cultural, recreativo pra que o Jacarezinho mostre ao estado do Rio de Janeiro e ao mundo que aqui vive o grande proletariado dessa cidade¹⁵⁶. [aplausos]. (ex-operário e ex-morador do Jacarezinho).

Apesar de todas as adversidades que marcam o cenário do Jacaré e do Jacarezinho nos dias atuais a ambição de se “construir” uma trajetória própria ainda faz parte das perspectivas desses homens e mulheres. As análises realizadas nesse estudo apontam para um universo onde o espaço foi determinante na construção da identidade desse grupo e a memória resignificada no presente torna possível a continuidade dessa história.

¹⁵⁶ I Seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

Bibliografia

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Rio de Janeiro, Papyrus, 2001. 2ª edição.

BARBOSA, Marialva. “Operários do Pensamento” (Visões de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro) 1880 – 1920. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF, Niterói, 1991. (Dissertação de Mestrado)

BAUMAN, Z. *Globalização e conseqüências humanas*. Cap. 2. Guerras espaciais: informe de carreira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

BENTHAM, J. “Panóptico: memorial sobre um novo princípio para a construir casas de inspeção e, principalmente prisões”. *Revista Brasileira de História*. V.7, n. 14, 1987.

BOURDIEU, Pierre. “O espaço dos pontos de vista”. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do Mundo*. Petrópolis, Vozes, 1977. 3ª ed.

CAVALCANTI, Nireu. *O Rio de Janeiro Setecentista - a vida e a construção da cidade-da invasão francesa até a chegada da corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

COGO, P. Jacy. *Padre Nelson Carlos Del Mônaco*. Belo Horizonte, Inspetoria São João Bscó, s/d.

DAMATTA, Roberto. *Casa e rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro, ROCCO, 1998.

DE DECCA, Edgar. *O nascimento das fábricas*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1995. 10º ed.

FONTES, Paulo. “Migração nordestina e experiências operárias”. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVIA, Fernando Teixeira da e FORTES, Alexandre (orgs). *Culturas de classe*. Campinas, São Paulo, Editora UNICAMP, 2004.

FONTES, Paulo. *Trabalhadores e cidadãos: Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo, Annablume, 1997.

FONTES, Paulo. *Comunidade Operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, S.P., 2002. (Tese de doutorado)

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, Nau Ed., 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo, Graal, 2004. 19º ed.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. I Parte – Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro, Lacerda Editora, 2000. 5ª ed.

- GOFFMAN, E. “As características das instituições totais”. In: *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1987. 2ª ed.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo, Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- HOBSBAUWM, Eri. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- IGNÁCIO, Jocelene A. *Costurando as dificuldades do trabalho e transformando a realidade- com um olhar de gênero*. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000. (Monografia).
- JEUDY, H. P. *Memórias do Social*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.
- JÓRIO, Amaury e ARAÚJO, Hiran. *Escolas de Samba em desfile – Vida, Paixão e sorte*. Rio de Janeiro, Poligráfica ed., 1969.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 1996.
- LIMA, Carlos Jacob. *As artimanhas da flexibilização - o trabalho terceirizado em cooperativas de produção*. São Paulo, Terceira Margem, 2002.
- LEITE LOPES, José Sérgio. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. Marco Zero e Editora UnB, 1988.
- MAGALHÃES, Mauro. *Carlos Lacerda: o sonhador pragmático*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.
- MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. “Resistências ao capitalismo: plebeus, operários e mulheres”. In: FILHO, Daniel Aarão Reis, FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste. *O século XX*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. 2ª ed.
- MOREL, Regina. “A construção da “família siderúrgica”. In: RAMALHO, José Ricardo e SANTANA, Marco Aurélio (org). *Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro – a trajetória dos metalúrgicos*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- NAMER, Gerard. “Réediter Lês Cadres sociaux de la mémoire de Maurice Halbwachs”. In: HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Memoire*. Paris, éditions Abin Michel, 1994.
- NEVES, Lúcia Maria B. P. das e MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999.
- PORFÍRIO, Pedro. *Confissões de um inconformista*. Rio de Janeiro, Fábrica do Conhecimento, 2004. vol 1.
- PORFÍRIO, Pedro. *O assassino das sextas-feiras*. Rio de Janeiro, Autores e leitores associados, 1998.
- PENA, Maria V. J. “Mulheres e trabalhadoras - presença feminina na constituição do sistema fabril”. *Cadernos de Pesquisa* n°37. São Paulo, Paz e Terra, 1981.
- PENA, Maria V. J. *Operárias e política operária (1900-1920)*. Rio de Janeiro, UFRJ, Instituto de Economia Industrial, 1984.

- PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999.
- PERROT, Michelle. “Operários”. In: *Os Excluídos da História - Operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001. 3ª ed.
- POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*, nº 10, Rio de Janeiro, CPDOC, 1992.a
- POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*, nº 3, Rio de Janeiro, CPDOC, 1992.b.
- RAMALHO, José Ricardo e SANTANA, Marco Aurélio. *Sociologia do Trabalho*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.
- RAMALHO, José Ricardo. *Estado-Patrão e luta operária: o caso da FNM*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- RESENDE, Beatriz. “Memórias da casa de loucos”. In: *Identidade e memória*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, out./ dez. 1988.
- ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001.
- ROUSSO, Henry. “O arquivo ou indício de uma falta”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V. 9, nº 17, 1996.
- SANTANA, Marco Aurélio. “A queda do equilibrista: o PCB e os sindicatos no Brasil (1945-92).” In: Mazzeo, Antônio Carlos e LAGOA, Maria Isabel (Orgs.). *Corações Vermelhos- Os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo, Cortez Editora, 2003.
- SANTANA, Marco Aurélio. “Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos de 1980-1990”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (orgs.). *O tempo da ditadura- regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. O Brasil Republicano V. 4.
- SANTANA, Marco Aurélio. *Homens Partidos. Comunistas e Sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro, Boitempo/UNIRIO, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. “Notas sobre a história jurídico-social de Pasárgada”. In: Cláudio Souto & Joaquim Falcão (orgs.). *Sociologia e Direito*. São Paulo, Editora Pioneira 1980.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo, Annablume, 2003.
- SANTOS, Noronha. “Vestígios de Fortim Colonial no Engenho Novo”. Rio de Janeiro, *Revista do IPHAN*, nº 11, 1947.
- SAVAGE, Mike. “Classe e História do trabalho”. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVIA, Fernando Teixeira da e FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de classe*. Campinas, São Paulo, Editora UNICAMP, 2004.
- THIAGO, Cristiane Muniz. *Memória e trabalho no bairro do Jacaré – RJ*. Rio de Janeiro, UNIRIO, Departamento de História, 2004. (Monografia)

- THIESEN, Icléia, BARROS, Luitgarde Oliveira C. e SANTANA, Marco Aurélio (orgs.). *Vozes do Porto: Memória e história Oral*. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2005.
- THOMPSON, E. P. “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial”. In: *Costumes em Comum*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado - história oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998. 2ªed.
- THOMSON, Alistair, FRISCH, Michael e HAMILTON, Paula. “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001.
- TIRIBA, Lia Vargas. Cooparj - “Cooperativa de Produção de Parafusos do Rio de Janeiro”. In: *Proposta*. FASE, nº: 74, 1997.
- Vianna, LUIZ Fernando. *Geografia Carioca do Samba*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2004.
- VITORINO, José Artur Renda. *Máquinas e operários: mudança técnica e sindicalismo gráfico*. (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858 - 1912). São Paulo, Annablume e FAPESP, 2000.
- WEFFORT, Francisco C. “Os sindicatos na política (Brasil:1955-1964)”. *Ensaio de Opinião*, nº 2-5, São Paulo, 1978.
- WEHLING. Arno e WEHLING, José. *Formação do Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999. 3ª ed.

Documentação consultada

- Documentação da associação Comercial e Industrial Regional do Bairro do Jacaré (ACIRJA) referente aos galpões desocupados e invadidos no bairro.
- Relatório do Programa de Desenvolvimento Econômico Local (PDEL). Esse documento foi produzido pelo o Serviço de Estudos e Realização Empresarial Social (SERE), uma entidade alemã que dá assistência a comunidades carentes em países como o Brasil.
- Banco de dados do Instituto Pereira Passos da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Referências na internet

www.rio.rj.gov.br

www.crisderivados.com.br

www.reciferock.com.br

www.oidobrasil.com.br - Cisper – O-I Inc.

www.ge.com/br/ - General Electric.

<http://sampa3.prodam.sp.gov.br/ccsp/index.htm>

Periódicos

“Debate sobre o projeto que abre crédito especial para auxiliar a Cruzada São Sebastião na urbanização de favelas do Distrito Federal”. *O Globo*, 10 de dezembro de 1955.

“Fazer as crianças felizes neste natal é a preocupação dos moradores do Cantagalo”. *O Globo*, 12 de dezembro de 1955.

“A favela, questão social”. *O Globo*, 14 de dezembro de 1955. Capa.

“Padeiro e operário assaltados no morro do Jacarezinho”. *O Globo*, 23 de dezembro de 1955.

“Morte do jornalista”. *O Globo*, 04 de janeiro de 1966.

“Nova favela cresce na avenida Brasil e ganha gente sem ser notada”. *O Globo*, 10 de janeiro de 1966.

“Dezenas de mortes no maior temporal de todos os tempos”. *O Globo*, 11 de janeiro de 1966. Capa.

Diário Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1994.

Diário Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1995.

Diário Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 12 de maio de 1995.

“Violência em favelas expulsa indústrias e lojas”. *O Globo*, 08 de abril de 2001.

“Prioridade máxima para o bairro do Jacaré”. *Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro* - ano XV, Nº 51. Terça-feira, 29 de maio de 2001.

“Mais vigor para o Jacaré”. *O Povo*, 1 de junho de 2001.

“Tráfico fecha a fábrica no subúrbio”. *O Globo*, 01 outubro de 2002.

“Insegurança fecha fábricas”. *O Globo*, 24 de novembro de 2002.

“As novas zonas de conflito”. *O Globo*, 13 de abril de 2003.

“Violência expulsa indústrias vizinhas de favela”. *O Globo*, 01 de novembro de 2003.

“GE demite 358 no Rio e sindicato diz que outros 700 estão sob ameaça”. *O Globo*, 07 de Janeiro de 2005.

“Bombas, tiros e morte em 4h de terror no Jacarezinho”. *Extra*, 24 de maio de 2005.

Entrevistados

1 - Entrevista concedida à autora em 03/08/02.

2 - Entrevista concedida à autora em 20/01/03.

3 - Entrevista concedida à autora em 09/05/03.

4 - Entrevista concedida à autora em 27/06/03.

5 - Entrevista concedida à autora em 04/07/03.

6 - Entrevista concedida à autora em 22/08/03.

7 - Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

8 - Entrevista concedida à autora em 27/07/05

9 - Entrevista concedida à autora em 04/08/05.

10 - Entrevista concedida à autora em 09/08/05.

11 - Entrevista concedida à autora em 10/08/05.

12 - Entrevista concedida à autora em 10/08/05.

13 - Entrevista concedida à autora em 20/10/05.

14 - Entrevista concedida à autora em 30/11/05.

15 - Entrevista concedida à autora em 05/01/06.

16 - Entrevista concedida à autora em 05/01/06.

17 - Entrevista concedida à autora em 07/03/06.

18 - Entrevista concedida à autora em 17/10/06.

Capa: Chaminé da Fábrica Café Moinho de Ouro. Foto tirada pela autora em 10/10/05.

Anexos

I - Roteiro de entrevistas

Eixos temáticos

1 - Trajetória de vida:

Trajetória dos pais

Tempo no bairro (De moradia e ou trabalho)

Primeiras lembranças da região

Espaços de lazer no bairro

2 - Trabalho e militância:

Primeiros anos de trabalho

Atuação dos sindicatos na região

A rotina dentro da fábrica

Formas de organização dos operários

Militância comunitária

O papel da Igreja Católica no bairro

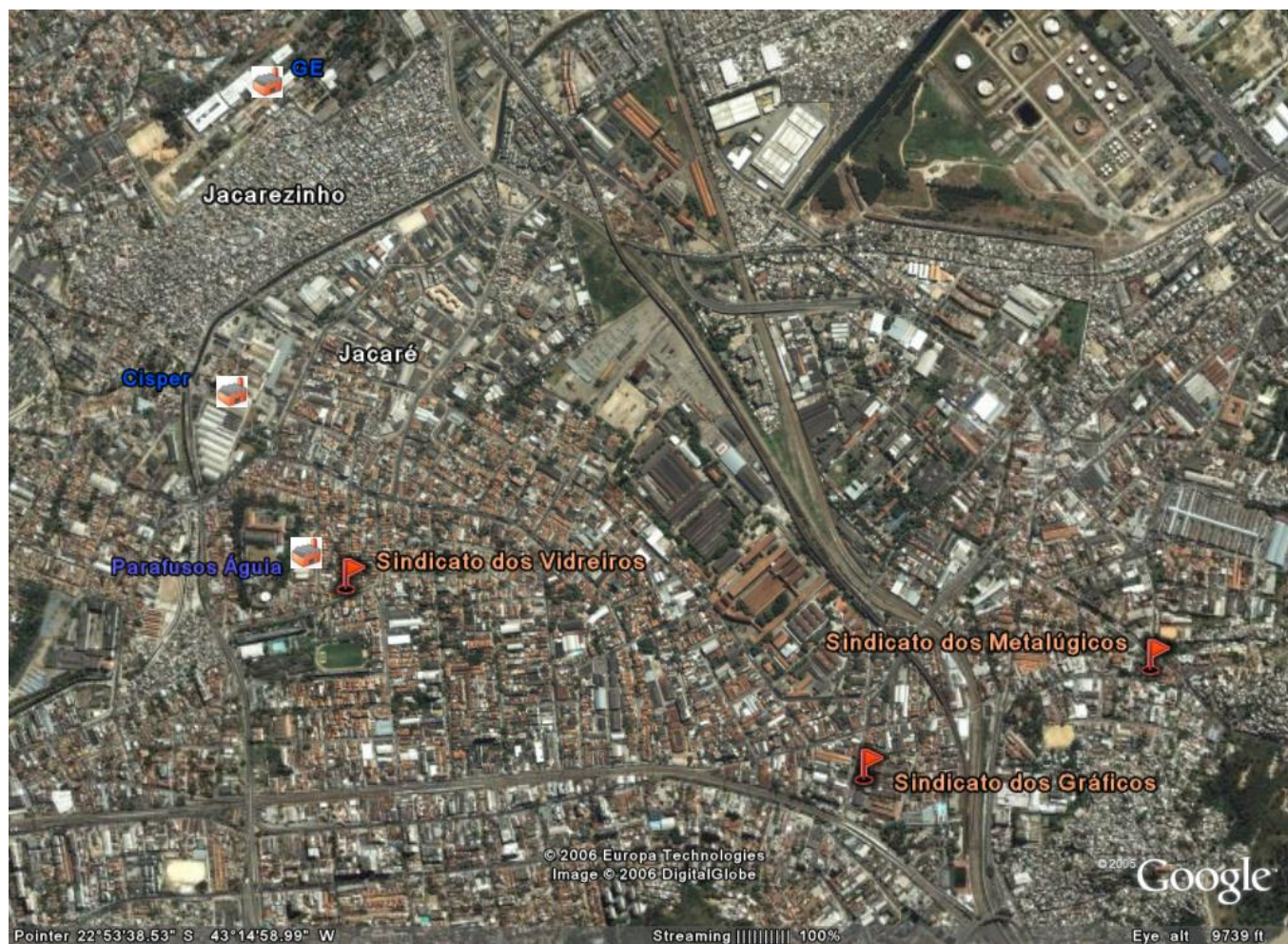
3 - Década de 1990:

Atuação dos sindicatos durante.

Novas opções de trabalho.

Transformações urbanas no bairro.

II - Mapa do Jacaré e do Jacarezinho



III - Fotos

Rua Alberto Haas. Do lado direito temos um conjunto habitacional que foi construído pela Prefeitura em parceria com o Governo Federal. Do outro lado da rua, galpões vazios e muita sujeira. Foto tirada pela autora em 10/10/05.



Rua Alberto Haas. Foto tirada pela autora em 10/10/05.

III – Fotos



Vista do complexo industrial do Jacaré. Ao fundo a Favela do Jacarezinho. Foto tirada pela autora em 10/10/05.



Chaminé da fábrica Café Moinho de Ouro. Foto tirada pela autora em 10/10/05.